



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL –
PPGHB

SAMAIKON SILVA DE OLIVEIRA ALVES

MULHERES E SOCIABILIDADES: História das Mulheres e Educação em Picos-
Piauí (1940-2015)

TERESINA – PI
2018

SAMAIKON SILVA DE OLIVEIRA ALVES

MULHERES E SOCIABILIDADES: História das Mulheres e Educação em Picos-
Piauí (1940-2015)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do Professor Doutor Francisco de Assis de Sousa Nascimento, como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

TERESINA – PI
2018

SAMAIKON SILVA DE OLIVEIRA ALVES

**MULHERES HISTÓRIA DAS MULHERES: Educação e sociabilidades em
Picos- Piauí (1940-2015)**

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento (orientador)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Professora Dra. Odaléia Alves da Costa (examinadora externa)
Instituto Federal do Maranhão – IFMA

Professora Dra. Jane Bezerra de Sousa – PPGED (examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Professora Dra. Marylu Alves de Oliveira (Suplente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

A474h Alves, Samairkon Silva de Oliveira.
Mulheres e Sociabilidades: História das Mulheres e
Educação em Picos- Piauí (1940-2015) / Samairkon
Silva de Oliveira Alves. – 2018.
150 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa
Nascimento.

1. Mulheres Professoras - Experiências Profissionais. 2.
Educação. 3. História. 4. Memória. I. Título.

CDD 370.71

A Deus e à minha avó Helena Araújo por toda dedicação, amor e
companheirismo que teve comigo na minha criação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, minha fortaleza, meu conselheiro, companheiro nas horas mais difíceis, e presente mais ainda nas de alegria. Deus, estais no meu coração, na minha mente, nunca me abandonastes, sou grato, por ser ouvido. Obrigado, Deus, por estardes sempre me acompanhando; Deus, agradeço-vós por todos os dias estardes por aqui neste mundo complexo e de difícil entendimento, obrigado por sempre me fortalecerdes.

Realmente, não tenho palavras para agradecer à pessoa da Dona Helena Maria da Silva Araújo. Não tenho como medir o agradecimento, que me perdoem todas as normas técnicas, é sem precedentes o que o amor pode causar, transformar, modificar. O que seria cada um de vocês que agora leem este trabalho sem o amor de alguém, sem aquela pessoa que é para vocês a sua vida? Como posso agradecer a alguém que acredita em mim mais do que eu próprio? Não sei. Tento fazer o meu melhor. Não há maior aprendizado do que conviver com as pessoas que você ama. Eu agradeço a Deus novamente por ter me colocado na vida de Helena Maria da Silva Araújo, pois com ela eu tive e tenho as maiores lições da vida, e não são lições acadêmicas, ou normas formais. Ela me ensinou a sempre pensar em como podemos perseverar pela vida e por quem nós amamos; “faz por quem tu amas”, não sejas injusto, faz com o coração, chora, é importante valorizar os sentimentos.

Agradecer a Dona Helena, avó e personagem deste trabalho, no auge de sua maturidade, depois de tantos eventos passados, momentos ruins, “de cara” com a morte algumas vezes, e sempre olhar sorrindo e perguntar como está o trabalho, é, não tenho nem palavras nem fôlego para falar desta mulher. Agradeço a ela, por tudo, tudo mesmo, desde todos os incentivos possíveis, a todos os conselhos, a todos os relatos, a toda a sua história, a todo o seu carinho, dedicação, amor e empenho em sempre estar disponível a minhas perguntas, indubitavelmente uma mulher que não se escondeu de nenhum propósito, criou cinco filhos e um neto, com a arte de ensinar, a pé, carregando a merenda dos alunos na cabeça, dedicação? Posso estar completamente agora perpassado pela emoção, mas os convido a conhecer um pouco desta senhora, nascida em 1935, atualmente com 82 anos, agradeço a ela por toda a vida que me proporcionou, sendo o mais importante o amor, dedico toda a minha escrita, todos os meus acertos a ela, obrigado por sempre me incentivar e nunca desistir

À minha mãe, Cesea Silva Araújo, por toda dedicação que teve comigo, por sempre estar pronta para qualquer momento de infortúnio, por incentivar e sempre procurar uma melhoria intelectual, por sempre estar preocupada, às vezes em demasia, mas como ela mesma diz: “mãe é mãe”. Obrigado por tudo que fez por mim e faz. Sempre será uma fortaleza ao meu lado. Estaremos sempre nas nossas discussões, mas sempre estaremos juntos para enfrentar qualquer que seja problema que nos apareça. Admiro gigantescamente sua força de vontade, não se entrega a nenhum momento. Obrigado, mãe, por sempre estar ao meu lado.

À minha madrinha Carcilândia Silva Araújo, por cuidar de mim, proteger, resguardar, meu escudo, sem sinônimos possíveis para esta que é minha barreira intransponível, fé, amor. Agradeço a ela por ser sempre presente, em todas as horas, sempre ao meu lado, mulher batalhadora, dedicada até a alma. Não conheço mulher mais implacável sobre o cuidar, aquela que sempre enxugou e segurou minhas lágrimas, rezou por mim todas as noites, sempre me protegeu, desde a infância. Obrigado, madrinha, por ser minha outra alma dentro de mim. Só sua presença já é o necessário para eu me motivar, abdição total de sua vida para a dos outros, sempre cuidando do próximo, sempre, sem falhas e com um coração que não cabe neste planeta. Não poderia deixar de lhe agradecer aqui, nem em outro qualquer momento, a senhora mais que uma madrinha, mais que uma irmã, é a minha protetora, confio a minha vida nas mãos da senhora.

Agradeço ao meu Orientador, o professor Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento, uma pessoa extremamente competente e dedicada ao trabalho de historiador. Obrigado pela paciência, incentivo, acreditar que ia dar certo, pelos conselhos, por todos os livros indicados, por todo o companheirismo dado a mim, sempre me mostrando o melhor caminho. Dedico a ele este trabalho que realmente não seria possível sem a orientação dele. O meu muito obrigado, professor, ao seu empenho.

Agradeço ao meu tio Eudson Silva Araújo, que, no seu silêncio e disponibilidade, sempre está presente para ajudar no necessário.

Agradeço a meus irmãos, em especial ao Fernando Silva Ribeiro por sempre se dedicar ao fazer o seu melhor, me inspirando a continuar em frente.

Agradeço a minha namorada Gilvaneide Moura Araújo pela paciência, e todo o amor, incentivo e força, sempre estando ao meu lado, confiando e se dedicando a mim, sempre acreditando que ia dar certo e me alegrando com sua humildade e carinho.

Agradeço aos amigos, que sempre me incentivaram a continuar escrevendo, em especial meu grande irmão Íkaro Góis que certamente foi o mais próximo de mim sempre estando disponível para escutar minhas lamentações e tristezas e sempre sendo gentil com as palavras e me mostrando força e coragem para escrever o trabalho.

Agradeço ao meu amigo Rubens Leal pelo companheirismo e incentivo desde a graduação do curso de história, o mesmo incentivo e força foram dados para completar o mestrado. Grande ombro amigo de todas as horas.

Ao caro amigo Higo Meneses que sempre foi solícito com muitas dicas de trabalhos, fontes, e todo tipo de material que pudesse ajudar na pesquisa. Um grande companheiro intelectual da educação.

Agradeço a meu amigo Aldo Dantas, que mesmo boa parte do tempo distante a trabalho, sempre esteve presente espiritualmente.

Agradeço ao meu Amigo Luís Yago pela presença e ajuda nas aulas que muitas vezes ministrou em meu lugar com competência e responsabilidade para que eu pudesse fazer as viagens para Teresina-PI.

Agradeço a Carlos Anderson, um grande amigo que compartilhou dos meus medos e inseguranças durante essa jornada.

Agradeço a todos os amigos do grupo TITANs que sempre se fazem importantes no meu dia a dia. Dentre eles; Cilas Freire, Francisco Antoniel, Luciano Borges, Marília Feitosa, Saulo Teixeira, Waldir Junior, Hortência Moura, Assuero Sávio, Ricardo Oliveira, Luis Yago.

Agradeço a Thiago Abel, amigo sempre preocupado e atencioso em saber como andava a escrita e ajudando no dia a dia.

Agradeço ao meu amigo Emanuel Rian, que, nos momentos mais difíceis deste percurso, se fez onipresente em todas as situações dando-me, apoio sempre que precisei.

Agradeço ao meu padrasto Fabio Gomes Ribeiro, que foi muito importante para que minha locomoção se tornasse possível para Teresina, sempre dando um jeito de concertar o meu carrinho “ O Pérola Negra”, que foi de grande serventia nas estradas da vida.

Agradeço as minhas amigas Ana Paula, Lídia Bruna, Mara Gonçalves e Andressa Leite e Karla Ingrid, esta última por me ajudar bastante com o texto além do apoio e conselhos dados a mim.

Aos amigos Luzifrank Júnior, Martim Firmino, Erinaldo Holanda, Fabilson Araújo, Rafael Luz, Marcos Vinícios, companheiros da turma de História de Picos

Agradeço ao meu amigo Ozanan de Amorim Lima pelas dicas e incentivo principalmente no momento de seleção do mestrado, obrigado pelas aulas, conversas e ajuda na feitura do projeto.

Agradeço ao meu avô Manoel, que, lá do céu, sempre me apoiou em espírito.

Agradeço às seguintes personagens: Oneide Fialho Rocha, Ana Maria de Sousa e Olívia Rufino Borges por toda a disponibilidade que foi me dada, por todas as horas de entrevistas cedidas, pelo carinho com que fui recebido por todas elas, por todo o material cedido, pela confiança de me contarem sobre suas vidas, suas dificuldades, seus desafios, suas alegrias. Obrigado a todas vocês que foram o corpo e a alma deste trabalho.

Agradeço à Professora Dr. Jane Bezerra pelo incentivo e palavras de apoio, além dos materiais cedidos e de todas as dicas, correções e indicações feitas no trabalho.

Agradeço à Professora Marylu Oliveira por todas as dicas e correções durante o a qualificação do presente trabalho.

Agradeço à dona Eliete Floriano e Rairana Mouzinho, secretárias do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI pela atenção e disponibilidade para comigo.

Agradeço aos meus alunos por também me incentivarem a escrever este trabalho, e a todos os dias aprender com eles o quanto é importante a convivência, o debate dentro da sala de aula.

Agradeço aos meus colegas da turma de mestrado, sempre solidários a ajudar, em especial a amiga Jéssica Maciel por sempre se preocupar comigo, me mandando sempre mensagens de conforto.

Agradeço a Alda Dias e Emanuela Neves, cordenadoras de uma das escolas em que trabalho, que me apoiaram e me incentivaram muito, sempre me aconselhando e falando palavras de conforto.

Agradeço ao Marcelo Cardoso, um amigo simplesmente incrível, um irmão que ganhei no curso, pessoa com o coração extremamente bondoso, agradeço a ele todos os momentos de conversas, nas reuniões no espaço do Lob's com todas as nossas discussões teóricas. Ao apoio incondicional, sempre me mandando mensagens de apoio e incentivo.

Em suma, agradeço a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção deste sonho.

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise da história de mulheres picoenses sertanejas e suas vivências pessoais e profissionais no período de 1940 até 2015. O objetivo é investigar a trajetória de vida das personagens trabalhadas, bem como analisar suas relações familiares, de trabalho, na arte, suas participações políticas, sociais e educacionais na cidade de Picos a partir da metade do século XX. Considera-se o lugar de fala dessas mulheres a cidade em que vivem suas experiências diversas. Por conseguinte, o trabalho contribuiu ao ampliar o leque de estudos historiográficos sobre a história das mulheres e suas participações socio-históricas no contexto picoense. As fontes utilizadas foram entrevistas colhidas com as colaboradoras, utilizando metodologias propostas pela História Oral para construção do trabalho, assim como os arquivos particulares das personagens, que incluem fotografias, documentos e livros. Dentre autores relevantes para a pesquisa, estão Lucília Delgado e Sônia de Freitas. Como referencial teórico foram utilizadas as obras *A nova história das mulheres no Brasil*, *História das mulheres no Brasil*, *História e memória*, o livro organizado por António Novoa *Vida de professores*, dentre outros que colaboram para compreensão da história das mulheres, gênero, história de vida, memória e educação. O recorte temporal escolhido se deu principalmente por causa da atuação profissional das mulheres professoras entrevistadas no período recortado. Conseguimos como principais resultados demonstrar a interrelação da história de vida dessas mulheres e suas atuações na área da educação incomum a todas as mulheres estudadas.

Palavras-chave: Mulheres Professoras. Experiências profissionais. Educação. História e Memória

ABSTRACT

This paper analyses women from the city Picos' countryside and their personal and professional living in the period from 1940 to 2015. The focus of this work is to investigate the life trajectory of these people, as well as to investigate their family, work, art, political activeness, social, and educational relations in the city of Picos as from half of XX century on. It is approached on their current places, the city they live in numerous experiences. Therefore, this paper proposes broaden the historiographical studies on these women's history and their socio historic participations inside the city's context. The sources used were the interviews made with them, utilizing, as base, the Oral History for work construction, as well as private files from said interviewees, which included fotos, documents, and books. As of relevant authors to this research, they are Lucilia Delgado and Sônia de Freitas. As theoretical reference were utilized the works, to mention: *A nova história das mulheres no Brasil*, *História das Mulheres no Brasil*, *História e memória* (Respectively: "New History of Women in Brazil", "History of Women in Brazil", "History and memory", free translations), and the one organized by António Novoa, "*Vida de professores*" ("Professors' lives", free translation), among others that collaborate to better comprehend women's story, gender, life story, memory, and education. The timing chosen was due to the professional act of interviewed female professor. We managed, as main results, to demonstrate the correlation between these women's life stories and their roles in education area uncommon to all the studied women.

Keywords: Female professors. Professional experiences. Education. History and Memory.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Rio Guaribas na década de 1960	32
Foto 2: Grupo Escolar Coelho Rodrigues	33
Foto 3: Instituto Monsenhor Hipólito	34
Foto 4: Praça Félix Pachêco na década de 1950.....	36
Foto 5: Casario da Praça Félix Pacheco	37
Foto 6: Oneide Rocha, 1947	38
Foto 7: Praça Félix Pacheco vista de cima, na década de 1950.	39
Foto 8: Rio Guaribas na década de 1960-1970	41
Foto 9: Vazante do Rio Guaribas.	43
Foto 10: Helena Maria da Silva Araújo, em 1955.....	45
Foto 11: Monsenhor João Hipólito Ferreira.	50
Foto 12: Monsenhor Paulo Hipólito de Sousa Libório	51
Foto 13: Oneide Rocha (3) e sua turma do Ginásio em 1962, na Praça Félix Pacheco	53
Foto 14: Caderneta Escolar de Oneide Rocha	54
Foto 15: Irmã Siebra, Oneide Rocha e Irmã Maria de Fátima (da esquerda para a direita).....	55
Foto 16: Ao centro, o antigo prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, atual sede do Museu Ozildo Albano.	56
Foto 17: Ana Maria de Sousa.	58
Foto 18: Olivía Rufino Borges	59
Foto 19: Fundadoras do Instituto Monsenhor Hipólito	63
Foto 20: Antônio Coelho Rodrigues	64
Foto 21: Picos, por volta do ano de 1925	67
Foto 22: Plantio da cultura do arroz em Picos	68
Foto 23: Plantação de alho no rio Guaribas	69
Foto 24: Praça Félix Pacheco, anos 1950	72
Foto 25: Olivía Rufino no seu Casamento	74

Foto 26: Trecho de página da <i>Revista Foco</i>	78
Foto 27: Depoimento do Padre David Ângelo Leal.	79
Foto 28: Padre David Ângelo Leal.	81
Foto 29: Lista de professores do Instituto Monsenhor Hipólito dos anos de 1960 a 1970	85
Foto 30: Lista de presença de uma das turmas da professora Helena Araújo	90
Foto 31: Solenidade de inauguração do prédio da Escola Normal Oficial de Picos (1969).....	93
Foto 32: Olívia Rufino, 1969, em solenidade de formatura da Escola Normal Oficial de Picos.	93
Foto 33: Convite de formatura da primeira turma da Escola Normal de Picos (PI), 1969.....	94
Foto 34: Certificado de atualização para professores de Ana Maria de Sousa.....	105
Foto 35: Certificado do XVI Congresso Nacional de Professores de Ana Maria de Sousa...	106
Foto 36: Diploma de Licenciatura Plena em Pedagogia de Ana Maria de Sousa	107
Foto 37: Certificado de Pós-Graduação em História do Brasil de Ana Maria de Sousa.....	108
Foto 38: Certificado de frequência de Oneide Rocha.....	111
Foto 39: Diploma de Estudos Sociais de Oneide Rocha	111
Foto 40: Diploma de Licenciatura em Pedagogia para 1º Grau de Oneide Rocha.....	112
Foto 41: Assinatura do Livro, 1985	113
Foto 42: Diploma de Título de Mestre de Oneide Rocha	113
Foto 43: Professora Helena Araújo	115
Foto 44: Certificado do Projeto Rondon de Helena Araújo	115
Foto 45: Certificado do Projeto Rondon de Olívia Rufino.....	116
Foto 46: Maria Oneide Fialho Rocha numa turma de 2ª série ginásial	122
Foto 47: Portaria da nomeação da professora Helena Maria da Silva Araújo.....	124
Foto 48: Fachada do Colégio São Lucas	126
Foto 49: Ana Maria de Sousa	128
Foto 50: Diploma de Vereadora de Olívia Rufino	132
Foto 51: Olívia Rufino recebendo a Ordem da Renascença do Piauí	133

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Picos	57
------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 MULHERES E CULTURA ESCOLAR	26
1.1 MEMÓRIAS, TEMPO, ESPAÇO E NARRATIVA.....	26
1.2 INFÂNCIAS FEMININAS E SOCIABILIDADES	31
1.3 ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA	48
2. PICOS, JUVENTUDE E VIVÊNCIAS	67
2.1 PICOS COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO	67
2.2 DOCÊNCIA E FEMINILIDADE	83
2.3 CURSO NORMAL EM PICOS	88
3. EU SOU MULHER PARA O QUE DER E VIER	97
3.1 JUVENTUDE FEMININA, EDUCAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO	104
3.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL.....	118
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	139
ANEXO.....	144

INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga e analisa as experiências sociais de mulheres oriundas do sertão piauiense, especificamente da região Centro Sul do Piauí, onde se localiza a cidade de Picos. Apresenta-se a trajetória de vida das personagens em pequenos traçados biográficos para saber quem são essas mulheres. O questionamento a se destacar seriam as proximidades e os distanciamentos de suas vivências femininas no sentido de suas histórias de vida e suas experiências educacionais. Assim se evidenciam suas peculiaridades em meio a uma sociedade ainda marcada fortemente pela tradição cristã, patriarcal, machista, misógina e permeada por uma série de preconceitos em relação à liberdade da mulher, seja ela no âmbito pessoal ou profissional. Além disso, reflete-se sobre as miríades da cidade de Picos e do sertão piauiense, a partir de análises biográficas e percepções das colaboradoras envolvidas na pesquisa. Foram utilizadas pesquisas bibliográficas que, ao longo do trabalho, se mostraram necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Analisam-se, ainda, trabalhos como o do escritor Renato Duarte, *Picos: os verdes anos cinquenta*,¹ e a pesquisa da Professora Jane Bezerra de Sousa, *Picos e a consolidação da sua rede escolar*,² além de sua tese de doutorado *Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos*.³ Trabalhos estes fundamentais para o entender sobre a cidade de Picos, localizada no sertão piauiense.

O recorte espaço-temporal é, portanto, o sertão piauiense, delimitando-se na urbe de Picos entre 1940 e 2015, segunda metade do século XX e início do século XXI. Essa temporalidade ajustada torna-se relevante para a necessidade de compreensão da atuação de mulheres plurais na construção da educação piauiense, seus subsídios e conhecimentos culturais, religiosos, familiares e políticos, utilizando como enfoque as memórias individuais e coletivas. Dessa forma, memória, gênero, história das mulheres, história da educação, vidas de professores, estudo das imagens, como fotografias, documentos oficiais, pesquisas biográficas, dentre outras, são fontes fundamentais neste trabalho de análise histórica. Este

¹ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995.

² SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2005.

³ SOUSA, Jane Bezerra de. *Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos*. 2009. 236 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

estudo tem como escopo compreender as mulheres educadoras piauienses que foram transformadas pela educação, fazendo com que seus processos identitários profissionais de professoras fossem formados densamente no período compreendido pela pesquisa.

António Nóvoa nos explicita que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.⁴

Utilizando a história de vida dessas professoras como objeto investigativo, analisa-se para melhor compreender a história das mulheres e suas sociabilidades educativas na cidade de Picos. A identidade profissional dessas mulheres, ou melhor, o processo identitário, seguindo a linha de pensamento de Nóvoa, as dimensões pessoais e profissionais dos professores no produzir conhecimento e repassar esse conhecimento como forma de ensino estavam intimamente ligados à vida como pessoa.

De acordo com Nóvoa:

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa actividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino.⁵

Comum a todas as participantes deste trabalho foi a prática do magistério, onde estas levaram a cada sala de aula, a cada discurso proferido, um pouco do seus sonhos e propósitos de vida. Nesta pesquisa, observa-se que foram mulheres autênticas, com histórias de vidas profundamente ligadas à suas profissões de professoras.

No que concerne à metodologia, utilizou-se o embasamento metodológico da chamada História Oral, fundamentando-se na perspectiva de Sônia Maria de Freitas, apresentada em seu livro *História Oral: possibilidades e procedimentos*,⁶ além da obra de Lucília de Almeida Neves Delgado, *História Oral: memória, tempo e identidades*.⁷ Para a pesquisa, foram recolhidos depoimentos em forma de entrevistas gravadas de quatro professoras que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Estas foram escolhidas por serem consideradas por parte da sociedade, e pelo autor, ícones da educação em Picos (PI). De fato, a história de vida

⁴ NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995. p. 16.

⁵ NÓVOA, 1995, p. 17.

⁶ FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2002.

⁷ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

das professoras e suas práticas docentes disponibilizam uma riquíssima história a ser explorada. Estas entrevistas – ao lado de documentos escritos, fotografias, pesquisas em sítios e plataformas eletrônicas, jornais e diversas outras categorias de fontes – contribuíram para o êxito da pesquisa. Utilizando esta forma de metodologia, as entrevistas são tomadas como fontes que serão analisadas qualitativamente.

Foi explicitado o teor do trabalho, e durante a sequência da escrita que se segue no texto, analisa-se a discussão historiográfica que transita sobre o tema da pesquisa. Assim, elucidou-se a relevância da investigação, por considerar que estudos desta natureza mesmo já existindo, inclusive servindo como base para este trabalho, nos dá possibilidades de análises inéditas sobre o tema, o que provocou inúmeras análises historiográficas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que pode contribuir para a construção da narrativa histórica sobre as particularidades das mulheres piauienses. Dessa forma, fornecem-se mais informações para a historiografia local e nacional, dando visibilidade às outras personagens que ainda estão, de certa forma, a margem da historiografia oficial.

O interesse em estudar gênero, mais especificamente voltado para o gênero feminino, veio desde os anos de 2009 e 2010, anos finais da graduação. Esse interesse aumentou com as várias discussões que se faziam sobre as relações de gênero dentro da universidade. Com o tempo, foi-se amadurecendo o pensamento, pois não se trata de um campo fácil de adentrar. Ao passarem mais alguns anos, surgiram questionamentos sobre a existência de mulheres sertanejas no Piauí que representariam uma história de luta social, desviando-se de estigmas como o trabalho fora de casa, autonomia financeira, voz ativa em relação a opinar e formar opinião, politizar, entre outros fatores que mostraram como algumas mulheres ascenderam intelectual, social e financeiramente através da força de vontade, da educação, da resistência em não cicatrizar-se como a sociedade majoritariamente masculina gostava, a mulher submissa ao homem. Com isso e o interesse em estudar sobre mulheres que se permitiram um enfrentamento social, foram encontradas algumas mulheres que se destacaram por driblarem as estruturas sociais tradicionais em que estavam inseridas.

Então, como e por que essas mulheres foram escolhidas? O que de significativo a história delas tem para enriquecer a historiografia piauiense? Em síntese, neste trabalho, objetiva-se responder a esses e diversos outros questionamentos que se fazem surgir. No entanto, é de suma importância a trajetória desse grupo feminino, visto que são caracterizadas pela garra, obstinação e destemor. Logo, viabiliza-se outro significado de ser mulher no sertão piauiense, a partir da metade do século XX, onde muitas cessaram seus trabalhos, mas obtiveram destaque permanente por suas atuações e seus legados.

A escolha das mulheres a serem pesquisadas não foi uma tarefa simples, afinal, havia a necessidade de problematização de quem poderia colaborar como destaque na pesquisa. Assim, depois de algumas conversas com familiares, orientadores e amigos, chegou-se a alguns nomes, dentre eles, estavam algumas pessoas que já possuíam notoriedade na sociedade picoense. Tais como: Helena Maria da Silva Araújo, que obteve título de professora, na época um cargo de difícil acesso, a custo de conflitos familiares; Ana Maria de Sousa, que, mesmo diante dos estigmas sociais, fundou a Escola São Lucas, localizada na cidade de Picos-PI, em que é diretora e também proprietária; Olivia Rufino Borges, que usou a arte como um meio de questionar os problemas políticos e isso a levou ao cargo de vereadora; e Oneide Fialho Rocha, professora universitária e ativista social que participou da criação do Partido dos Trabalhadores na cidade de Picos. Essas características as tornam relevantes para a elaboração do trabalho, visto que suas funções e atribuições as tornaram referências de ascensão feminina em meio ao domínio laboral masculino.

Surgiu a curiosidade de conhecer e compreender como eram as relações entre elas e os homens, que, nos anos de conquista dos cargos dessas mulheres, possuíam certo conservadorismo ante ao crescente liberalismo feminino para o mercado. Estudar os sujeitos do mesmo convívio social, contemporaneamente, não é mais uma tarefa excêntrica, pois muitos pesquisadores já aceitam o íntimo como objeto de pesquisa sem negativismo cientificista. Parentescos, gêneros, famílias, religiões e amigos passaram a escopos nas investigações. E, nessa perspectiva, tornou-se possível construir uma pesquisa envolta de sentimentos, trilhando por um pensamento sereno e coerente:

O fato é que, hoje, estudar o próximo, o vizinho, o amigo, já não é um empreendimento tão excepcional. Ao contrário, multiplicam-se os trabalhos de pesquisas sobre camadas médias, gênero, geração, vida artística e intelectual, família e parentesco, religião, política etc., que implicam lidar com a problemática da familiaridade e do estranhamento.⁸

É necessário cautela quanto à escolha desse tipo de pesquisa, pois não deve haver um forte envolvimento emocional a fim de não atrapalhar o desenvolvimento do trabalho. Mas, por outro lado, essa proximidade nos traz, por muitas vezes, acesso às informações que outros pesquisadores talvez não conseguissem pela falta de intimidade e confiança. Porém, não há regras instituídas para se fazer uma investigação, cabe a cada pesquisador seguir suas orientações e objetivos de acordo com os interesses e resultados a serem conquistados com o trabalho.

⁸VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.) *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15.

Isto posto, tornou-se significativo o detalhamento da vida das pesquisadas para registro e confirmação de suas ações no cenário estudado. Assim, Helena Maria da Silva Araújo, sertaneja, picoense, nasceu no dia 2 de julho de 1935, filha de Francisco Antônio da Silva e Maria Antônia da Silva. Criou-se em meio a complicações sociais, como o difícil acesso à escolarização, visto que tinha que se deslocar de sua casa até a escola a pé, ou montada em animal, não dispunha de total tempo para se dedicar exclusivamente aos estudos, pois era necessário ajudar os pais em trabalhos domésticos e laborar na roça para complementar a mão de obra. Esses empecilhos não diminuíram sua persistência para garantir sua qualificação. Ainda em sua adolescência, constatou maneiras de fazer a diferença quando continuou seus estudos e deu início à carreira de professora leiga, mesmo sem uma formação especializada. Como iniciativa própria, saía de casa em casa, fazenda em fazenda, ou procurada por famílias para lecionar. Suas primeiras experiências na educação a fizeram ressignificar sua existência como sertaneja e mulher. Participou do projeto Rondon⁹ que deu a ela mais suporte para seus ensinamentos. Na data desta dissertação, está com 82 anos de idade, aposentada pela profissão de professora. Sua aceitação em participar do trabalho enalteceu a pesquisa e colaborou para o registro e análise da mulher no sertão piauiense.

Ana Maria de Sousa nasceu no sertão piauiense, especificamente na cidade de Picos, em 22 de junho de 1953, filha de Maria das Neves de Sousa. Com escassa ajuda, iniciou sua saga como estudante. Entretanto, na condição de mulher, pobre e negra, numa sociedade marcada pelos estigmas preconceituosos, não tratou como mazelas as suas dificuldades. Ana Maria de Sousa frequentou o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, a Escola Landri Sales – onde concluiu o seu primário, atualmente correspondendo ao Ensino Fundamental– também estudou no colégio Marcos Parente – onde concluiu o Ginásio. Vencendo desafios e com sonhos a serem realizados, chegou a ser professora e, posteriormente, tornou-se uma das mais prestigiadas personagens da educação picoense. Sua luta na virada do século XX para o XXI se mostra com a liderança empresarial de um dos colégios mais bem - sucedidos do Piauí. Está, ainda, ativa na participação profissional. Certamente trouxe muitas surpresas para a

⁹O projeto Rondon foi desenvolvido pelo ministério da educação, cultura e ministério do interior, durante o período do regime militar (1964-1985). Tinha como objetivo desenvolver atividades ligadas a saúde, educação, melhorando o desenvolvimento social e econômico do país. Foi um projeto integracionista. Nesse caso, Helena Maria da Silva Araújo participou do curso de reciclagem para professores do 1º grau de Picos (PI). SOUSA, Cleane Alves. *Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983*. 2013. 70 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

pesquisa. Seus desafios vencidos, conquistas galgadas e história singular promovem contribuições contínuas na formação educacional do Piauí.

Olívia Rufino da Silva Borges, nascida no dia 19 de abril de 1934, no povoado Coroatá, filha de Antônio Rufino da Silva e Benedita Maria dos Santos, tornou-se artista por incentivo da mãe, adentrou na política, educação e se realizou como escritora, criando poesias e espetáculos teatrais. Usou as salas de aula e os palanques políticos como meios e espaços de transmissão de valores. Entrou na Escola Normal Oficial de Picos em 1967 e lidou com os obstáculos por ser mãe de seis filhos e pela conclusão de sua qualificação educacional. Olívia Rufino da Silva Borges conseguiu concluir a Escola Normal,¹⁰ passou em um concurso e entrou para área da educação, permanecendo durante 20 anos. Ocupa a 3ª cadeira da Academia de Letras da Região de Picos. A referida pesquisada é atuante e contribui significativamente para as melhorias culturais da cidade de Picos, uma vez que ainda escreve livros, poemas e diversos textos sobre vários assuntos, promovendo a arte e cultura local. Nessa perspectiva, tornou-se fonte imprescindível à dissertação, como personagem marcante da história das mulheres no Piauí.

Maria Oneide Fialho Rocha nasceu em 1 de janeiro de 1947, na cidade de Picos (PI), filha de Ulisses Josino de Araújo Rocha e Amélia de Carvalho Fialho Rocha. Cresceu, segundo ela, numa família de tradição religiosa e teve uma formação humanística quanto a sua personalidade. Personagem de grande relevância e luta política na cidade picoense, sua influência não ficou restrita ao seu município, tornou-se ícone na sociedade piauiense ao desenvolver atividades ligadas aos movimentos sociais e educacionais. Oneide Rocha foi indicada Reitora *pró-tempore* da Universidade Estadual do Piauí. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí e secretária de planejamento da urbe de Picos.

Diante das perspectivas históricas mais aceitas de registros e pesquisas com fontes do passado e pessoas já inexistentes, o direcionamento das análises com sujeitos vivos e presentes, capazes de novas modificações e ressignificações das próprias vidas, tornou-se desafio no âmbito da aceitação acadêmica. Então, como se fazer e escrever esta categoria de pesquisa histórica? Por onde começar? São perguntas pertinentes e existentes na cabeça de um historiador, pois não se trata de uma tarefa simples ou trivial, devido às discussões e críticas

¹⁰ Criada em conformidade com a Lei Estadual nº2781, de 2 de março de 1967. Era escola formadora de professores primários, instalada na cidade de Picos (PI), no dia 5 de março de 1967, às 10 horas, em sessão solene, no auditório do Colégio Estadual Marcos Parente, a Escola Normal Oficial de Picos. PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

pelo tipo de trabalho escolhido. Assim, escrever sobre História, narrar fatos, acontecimentos, histórias de vidas, explorar fontes, construí-las, edificar discursos, desconstruir narrativas, entrar em embates com outros autores, pensamentos, comparar, refletir sobre determinado assunto, transcrever, escrever, dissertar, certamente são dificuldades para a pesquisa.

Ao longo das produções historiográficas, houve questionamentos de como escrever a História, como proceder nas variadas narrativas, o que fazer com documentos, com depoimentos, fotografias, gráficos, como trabalhar a história oral, a memória, diversos elementos que perfazem a escrita.

Além das obras já citadas anteriormente, nesta dissertação, encontram-se textos como *A escrita da história*,¹¹ de Michel de Certeau, *História e memória*,¹² de Jacques Le Goff, e Paul Ricoeur com *Memória, História e esquecimento*.¹³ Ainda nessa perspectiva, realiza-se a análise do texto *Pode-se fazer uma história do presente?*¹⁴ de Jean Pierre Rioux.

Dividir em períodos e fases aquilo que pertence ao passado e ao presente é comum no trabalho do historiador. Por isso, a necessidade de delimitar a temporalidade da pesquisa. Assim, a história do tempo presente se destacou na dissertação pela escolha do objeto de estudo. Afinal, as mulheres em destaque, no presente trabalho, são responsáveis pelo registro através de suas memórias e seus relatos, caracterizando, assim, um estudo com sujeitos que imprimem suas percepções sobre as próprias ações passadas e presentes. Elas continuam modificando o meio com sua força feminina e influenciando outras pessoas.

A história do tempo presente pode apresentar falhas e limites, contudo, constitui mais uma possibilidade de promover o conhecimento histórico. Mesmo diante das suas dificuldades, pode haver um alargamento do campo de pesquisa, além do descobrimento de novas problemáticas e desdobramentos de soluções. Esse aprofundamento em fontes pouco utilizadas fortalece o desenvolvimento da História.

Uma das objeções mais frequentes dos críticos para essa forma de produzir história é o da proximidade temporal, pois a efemeridade dos acontecimentos do presente promove receios no âmbito acadêmico, devido a flashes e rapidez da informação. Logo, precisou-se de solidificação dos acontecimentos de determinadas personagens no âmbito da luta coletiva para o crescimento da força feminina.

Segundo Jean Pierre Rioux:

¹¹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

¹² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

¹³ RICOEUR, Paul. *Memória, História e esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2007.

¹⁴ RIOUX, Jean Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente?* In: CHAVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 39-50.

A própria sociedade que impulsiona o historiador a não desistir, que lhe sugere não tropeçar diante do obstáculo da proximidade e até mesmo utilizá-lo para melhor saltar. Visto que atores e testemunhas, humildes ou não, não esperaram mais muito tempo e dizem alto e claro, como mostra a proliferação de depoimentos em livros, que não pretendem deixar consumir suas forças e tornar insípidas suas lembranças aceitando privar de sentido sua experiência.¹⁵

A vontade da sociedade, das pessoas, dos grupos sociais, dos agentes históricos de se inscrever na história, de depositar suas memórias nos livros, de ultrapassar um tempo vivido, de registrar-se num processo histórico faz com que o historiador veja o lado positivo, favorável e proveitoso em escrever, analisar e investigar histórias de vida e contribuir de alguma forma para inserir essas personagens nos anais historiográficos. Com o advento do gravador, das novas tecnologias, utilizou-se a História Oral para o auxílio na produção da história de um tempo presente, registrando as experiências vividas de diversos agentes em suas mais variáveis funções e ações. Assim, as experiências vividas nos percursos trilhados pelas professoras e suas práticas sociais, educacionais, políticas e religiosas foram selecionadas para a feitura deste trabalho.

O século XX, com suas experiências catastróficas, como a Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929, a Segunda Guerra Mundial, as partilhas do mundo em 1919 e 1945, a Guerra Fria, onde a bipolaridade Capitalista e Socialista dividia o pensamento político do século XX, e quase se chegou a um conflito sem precedentes e os inúmeros mortos. Com esses acontecimentos, a relação existencial das pessoas mudou, ante a preocupação de como se inserir na história e como repassar memórias antes que elas desapareçam.

De acordo com Rioux:

É antes de um vivo desejo de identidade que nasce essa ambição de uma história atenta ao presente, cuja originalidade será escrita sob o olhar dos atores e cuja vocação desabrochará no balanço das temerosas especificidades do século XX. Ela será uma espécie de evangelho eterno para os vivos, cujo historiador poderá ser o apóstolo; um depoimento de boa qualidade científica sobre esse estranho sentimento próprio de nosso tempo, inédito na torrente do tempo e que atrapalha tão frequentemente nossos contemporâneos; a consciência, dolorosa ou exaltante, de ter sido, por bem ou por mal, tomados, triturados e designados por uma história catastrófica, cujo curso eles jamais dominaram.¹⁶

Esse desejo de construir uma identidade, de passar para gerações futuras o não efêmero de um passado próximo, de um passado-presente, fez com que a sociedade impulsionasse o trabalho do historiador. Desse modo, tornou-se possível escrever uma

¹⁵ RIOUX, 1999, p. 42-43.

¹⁶ RIOUX, 1999, p. 43.

história do tempo presente, evitando assim uma amnésia social. Assim, há necessidade de superar o imediatismo, registrar documentos, fazer com que acontecimentos e memórias não se percam no esquecimento, devido à velocidade dos acontecimentos nos séculos XX e XXI.

A crítica à proximidade não se sustenta, pois o historiador, com suas ferramentas e suas hipóteses de trabalho, cria e inaugura métodos de investigação e de análise, que ele científica a fidelidade histórica nas suas narrativas. Conforme Rioux:

Essa história de fato pode ser feita com testemunhas vivas e fontes proteiformes, porque é levada a desconstruir o fato histórico sob a pressão dos meios de comunicação, porque globaliza e unifica sob o fogo das representações tanto quanto das ações, pode ajudar a distinguir de forma mais útil do nunca o verdadeiro do falso.¹⁷

Rioux esclareceu a possibilidade de escrever uma história do presente com suas limitações, dificuldades, mas também com suas positivities, probabilidades de melhor se escrever uma história, pois o historiador é um ser que cria novas formas metodológicas para investigação e análise histórica.

As unidades temporais se correspondem, no entanto, os equívocos mais comuns são sobre o pensamento de que o passado é passado, e o presente é presente. Doravante, não se pode fazer uma divisão brusca e sem nexos, pois acontecimentos pretéritos são escritos e apreendidos no presente. Logo, o passado é, ao mesmo tempo, passado e presente. Nas palavras de Jacques Le Goff:

Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente.¹⁸

Analisar a história de vida das sujeitas históricas, o seu fazer-se, suas experiências, vivências, suas memórias, numa determinada realidade social no tempo presente, é um exercício de reconhecimento de memória através de suas falas sobre um passado recente.

Tomou-se a história de vida como uma alternativa metodológica, pois por meio dos testemunhos orais das entrevistadas, suas experiências e vivências, construiu-se uma narrativa histórica envolvendo diversas particularidades da vida de cada uma das personagens, e suas trajetórias foram edificadas ao avaliar, assim, as condições de gênero dessas mulheres em suas diversas atuações (políticas, educacionais, artísticas, familiares e públicas) na sociedade picoense.

¹⁷ RIOUX, 1999, p. 49.

¹⁸ LE GOFF, 1990, p. 41.

A narrativa está alicerçada na história oral, com entrevistas livres, enquanto aspectos particulares, como a vida privada, relacionamentos, âmbito doméstico, tristezas, alegrias e demais sentimentos que são propícios a surgir durante uma entrevista. A escolha da entrevista livre pelo autor tem como objetivo interferir o mínimo possível na fala das personagens, e, quando isso se fez necessário, utilizou-se entrevista com perguntas temáticas, ou seja, indagações sobre a prática profissional destas, nas suas diversas funções, sendo a atuação educacional a principal dela, considerado o pilar central até para a escolha das entrevistadas, pois é aspecto comum a todas.

Existiu todo um processo para pôr em prática o modelo de pesquisa que foi escolhido, vista a necessidade de uma estrutura para se trabalhar com história oral. De início, ao longo de algumas reuniões e conversas com o orientador, o tema foi definido, a saber, História das Mulheres, Educação e Sociabilidades em Picos-Piauí e que seria uma boa forma de trabalhar com as personagens, através de entrevistas.

Após esse passo, discutiu-se o roteiro de perguntas possíveis, considerando que a utilização do termo possível se deve ao entendimento de que uma entrevista está sujeita a mudanças repentinas de tema, uma vez que envolve uma série de sentimentos que podem causar tanto uma inspiração para continuar, como simplesmente pausar o momento e ser encerrada a entrevista.

No roteiro são apresentadas as indagações, é feita a probabilidade de duração da entrevista, como também formas de se precaver de alguma pane tecnológica, ou seja, é traçado o momento clímax do trabalho, o diálogo entre pesquisador e sujeito histórico.

Foi feito pelo pesquisador um contato prévio com todas as entrevistadas. Não é indicado que logo de primeira vez já se faça a entrevista, só mesmo em casos urgentes. Tendo feito o primeiro contato para marcar dia e horário que melhor se enquadre no dia a dia da personagem, revisaram-se todos os equipamentos e roteiro.

No segundo contato, iniciou-se a entrevista. O autor procurou sempre manter um clima de tranquilidade e harmonia, para que o entrevistado se sentisse o mais relaxado possível. As entrevistas ocorream em locais escolhidos pelas próprias entrevistadas, A professora Ana Maria preferiu que a entrevista ocorresse na sua sala de direção da Escola São Lucas, as outras três professoras preferiram que fossem feitas as entrevistas em suas residências.

Após a entrevista, foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido, este imprescindível para legitimidade do trabalho. A partir daí, deu-se início à escrita do texto.

Apresento aos leitores um pouco de como ocorreu o projeto de história oral para compartilhar a forma como foi edificada a pesquisa.

No decorrer dos capítulos, serão apresentadas as múltiplas formas de experiências que essas mulheres vivenciaram durante suas trajetórias de vidas e caminhos percorridos, suas alegrias e tristezas, dificuldades, benfeitorias, obstáculos, ações exercidas sobre a sociedade e reações do meio sobre essas personagens, que, como cunhado no termo de Elizangela Barboza Cardoso, são analisadas na ideia de mulheres múltiplas e singulares.¹⁹

No primeiro capítulo, intitulado *Mulheres e cultura escolar*, foram explicitados os conceitos de memória, tempo, espaço e narrativa. Com destaque para autores como: Maurice Halbwachs,²⁰ Jacques Le Goff, Norberto Bobbio (1997) , Beatriz Sarlo (2005), Ecléa Bosi (1994),²¹ dentre outros que são apresentados na continuidade deste trabalho. Discussão salutar para a avaliação da interação desses elementos na construção de uma história, onde cada um possui o seu conceito separado, mas coadunam conjuntamente no fazer historiográfico. Ainda neste capítulo, há a exposição de trechos de entrevistas com recortes memorialísticos tratando da história de vida das personagens, perfazendo um percurso por diversos momentos, como suas infâncias e suas sociabilidades e a vivência escolar, analisando a escola como lugar de memória.

No segundo capítulo, *Picos, juventude e vivências*, juventude e profissionalização foram exploradas em suas variáveis, respondendo a questões significativas sobre a mocidade das personagens e seus aperfeiçoamentos profissionais, como também o olhar sobre o espaço em que se passam os acontecimentos históricos do trabalho e local de sua formação. Por conseguinte, sobre a cidade de Picos, aplicaram-se os vários relatos obtidos na representação memorialística das entrevistadas, além de consultar e citar o trabalho de Renato Duarte, *Picos: os verdes anos cinquenta*, que trata de diversos aspectos da cidade de Picos no período estudado. Esse é o espaço onde ocorrem as distintas manifestações culturais, políticas, religiosas e educacionais das personagens, como também suas vivências familiares, alegrias e tristezas que se fizeram presentes em suas vidas na urbe de Picos. Por conseguinte investigamos acerca da docência das professoras e suas feminilidades no cenário picoense.

No terceiro capítulo, titulado de *Eu sou mulher para o que der e vier*, traçou-se a participação feminina em eventos em que estas eram as protagonistas e não coadjuvantes. Utilizou-se para análise as autoras: Michelle Perrot, com *Minha história das mulheres*;²² Elizangela Barbosa Cardoso, com *Múltiplas e singulares*; Carla Bassanezi e Joana Maria

¹⁹ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

²⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

²¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²² PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016.

Pedro com *Nova história das mulheres*,²³ além de Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*.²⁴ Foram leituras que enriqueceram a discussão sobre o feminino. Destacou-se, ainda, o momento da juventude das colaboradoras, a sua jovialidade integrada ao trabalho e à educação, como elas se fizeram protagonistas em suas áreas.

²³ PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

²⁴ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

1 MULHERES E CULTURA ESCOLAR

1.1 MEMÓRIAS, TEMPO, ESPAÇO E NARRATIVA

Numa entrevista, o relato do colaborador vem de um mecanismo que é ativado intencionalmente pelo entrevistador, chama-se essa estrutura de memória, fonte principal das declarações orais. Utilizaram-se estratégias para ativar estas memórias, como indagações intencionais sobre o tema pesquisado, instigação sobre assuntos que pudessem despertar a memória para se chegar a algumas respostas aguardadas pelo autor. Valendo-se dessas estruturas metodológicas, colheram-se, investigaram-se e analisaram-se diversas entrevistas orais cedidas pelas personagens para construção do texto. O embasamento dessa estratégia de pesquisa é abordado por alguns teóricos em suas falas e escritas sobre memória. Segundo Lucília Delgado:

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram a sua vida.²⁵

É com essa memória, velada ou explícita, tímida ou desinibida, que se construiu a memória como fundamento para estabelecer uma construção histórica sobre determinadas pessoas com vivências díspares, com anamneses diferentes. Mas não são só diferenças, observaram-se aspectos compartilhados entre as protagonistas deste texto. É importante ressaltar que estas estão em épocas de vivências aproximadas, pois todas as participantes nasceram entre 1935 e 1953 e compartilham o mesmo século, foram professoras, todas elas tiveram entraves para consolidar seu lugar como profissionais e pessoas públicas, resistiram sobre o domínio masculino, no sentido de que é uma sociedade majoritariamente masculina e que olha o destaque feminino com incômodo.

Sendo assim, Helena Maria, Olívia Rufino, Ana Maria e Oneide Rocha possuem aspectos tanto diferentes quanto comuns. Essas características as fazem ícones locais, com importância singular, pois se tornam exemplos de mulheres que de alguma forma, acredita-se,

²⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 10.

após as análises, que, usando a educação, conseguiram tornar-se pessoas estimadas, seguidas e admiradas na sociedade picoense.

É com muita responsabilidade, respeito e não menos admiração, que o autor deste texto tenta usar as palavras para narrar um pouco de suas histórias. Contrariando alguns historiadores que adotam a imparcialidade, este é sensivelmente tocado pela história de vida e profissional das mulheres escolhidas.

Assim, a história das personagens sertanejas no presente trabalho foi desenvolvida com o processo de aprofundamento na investigação de suas memórias. Segundo Delgado, a história, o tempo e a memória são procedimentos que andam juntos:

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades.²⁶

Neste ponto de vista, a memória ativa é um recurso de transmissão de experiências, de difusão de saberes, pois as vivências em uma temporalidade tornam-se saberes em outra. Buscou-se nas narrativas das personagens esta memória ativa, para o deleite com os saberes e conhecimentos de outras épocas.

As memórias possibilitaram ter uma representação de como o ensino envolveu essas personagens, como elas foram engajadas pela educação e a que ponto utilizaram o meio educacional para se fixarem como modeladoras de uma sociedade sertaneja. Exemplos de luta social, persistência viva, perseverança, objetivos e encorajamento.

O termo modeladoras foi utilizado, pois estas mulheres estavam na direção contrária ao normal, não se deixando serem derrotadas pelo comum da época, século XX, domésticas, mães de família, dedicadas somente aos filhos e maridos, estes que não foram impedimentos para essas aqui tratadas. Modelos, sim, pois se tornam norte de muitas jovens, exemplos a seguir, transgressoras de uma realidade cômoda ou imposta, visto que partiram para a labuta feminina, sobre a autonomia masculina e foram vitoriosas.

O exercício de memória, por meio da entrevista, foi a tática utilizada para induzir a anamnese das mulheres pesquisadas. Esse é um aprendizado pautado por objetivos com intenções definidas. No entanto, o ato de lembrar provocou surpresas, com *insights*, que, por vezes, são de diferentes e variados sentimentos (dores, alegrias, tensão, orgulho), além de imprevisíveis revelações que não estavam no roteiro.

²⁶ DELGADO, 2010, p. 17.

O relembrar, de acordo com Norberto Bobbio, é:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência, porque é desgastante ou embaraçosa, mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.²⁷

As entrevistadas foram reconhecidas nos seus momentos diferentes do passado por meio da pesquisa, exercícios instigados e estimulados. Isso ficou explícito através do diálogo, a partir da conversa, no processo de transcrição, na escritura no papel, na feitura do trabalho, no dissertar, trabalho laborioso, intenso e observado por olhos ocultos como a própria consciência.

É exatamente essa a beleza do fazer história através da memória. As personagens mostram como eram, ou como queriam que fossem, ou no que se tornaram ao longo do tempo, isso com a seriedade de narrar da forma mais responsável possível sobre os diversos temas abordados. Tomando cuidado com atualização da memória das personagens, pois narram um passado, mas de um tempo presente, então, corre-se o risco de edições memorialísticas. Por isso, o zelo com as análises das entrevistas, e as percepções feitas por nossas personagens. Mas o que seria do texto histórico sem os riscos a correr? Estamos neste momento mexendo com sentimentos. De ambas as partes, pesquisadas e pesquisadores.

É com boa perspectiva que as entrevistas também mostram seus distanciamentos e proximidades como diferenças de classes sociais, idades, vivências, motivações, cor, objetivos, necessidades e diversas outras divergências.

As personagens estão alocadas numa temporalidade, e discutir tempo é demasiado complexo, é algo que não pode faltar na discussão histórica, visto que ele é componente importante para o estudo e construção da história. Ter a noção dos prazos, períodos, durações que são regidos pelo tempo cronológico, de vivência, é capital para edificação historiográfica de qualquer trabalho, mesmo o tempo não exalando odores, não se podendo ver, ouvir, sentir, não lhes podendo atribuir nenhum dos sentidos naturais do corpo humano, o tempo na existência humana é sólido, apresentando-se como algo central da pesquisa histórica.

O tempo apresentou-se como categoria central da dinâmica da história, é relevo que deve ser andado, pois a vida das personagens passou-se em diversas temporalidades, de

²⁷ BOBBIO, Norberto apud DELGADO, 2010, p. 38.

vivências, sensações, emoções, sentimentos, tempo como ingrediente, tempero, condimento que torna a narrativa histórica com um gosto sensivelmente prazeroso de se descobrir.

Conforme Delgado:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades, sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.²⁸

O tempo é imprescindível para o estudo histórico, afinal, determina rumos, direções a serem tomadas em diversos estudos, delimitou-se um tempo, uma temporalidade. Capaz de se poder observar, em dado período, algo a se discutir, está também ligado a um espaço, pois nada se distancia de um espaço. O que se produz pelo homem se produziu em algum lugar. Nesta pesquisa se delimitou tempo e espaço: segunda metade do século XX e início do século XXI, no interior do sertão piauiense.

Devido à importância do tempo e do recorte espacial para tal pesquisa, é mister o debate sobre memória, tempo e espaço, porque esses elementos estão interligados na história. Tempo e espaço têm na memória sua salvação. Segundo Poulet:

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim, reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança.²⁹

Possivelmente está faltando algo que, sem isso, torna-se difícil se fazer a história. Trata-se da narrativa, toda história é narrada, seja ela em um documento oficial, em um conto, em um romance, em uma dissertação ou tese. Sem necessariamente seguir uma linha cronológica e retilínea de acontecimentos ou fatos, a narrativa tem curvas, podendo ir e vir, nela há flexibilidade e mutabilidade, conforme Ricardo Benzaquem Araújo:

Trata-se de imaginar a narrativa como esta linha que caminha para frente, mas que é capaz de aceitar reviravolta e interrupções. Uma linha que pode se desdobrar em três, quatro, dez, quadros. Quadros com um desenvolvimento relativamente autônomo. Quadros que podem parar, recuar em relação a linha fundamental, e que se relaciona entre si, formando uma espécie de teia, capaz de enredar a narrativa.³⁰

Para legar tradições, heranças, vivências e experiências das mulheres moradoras da cidade de Picos, este trabalho tornou-se um arcabouço de falas, de memórias que estão

²⁸ DELGADO, 2010, p. 33.

²⁹ POULET apud DELGADO, 2010, p. 37.

³⁰ ARAÚJO, Ricardo Benzaquem apud DELGADO, 2010, p. 42-43.

guardadas e disponíveis ao acesso de quem se interessar pela temática. Oferece suporte, também, de amostra, para a historiografia do estado, visto que as mulheres tiveram uma participação significativa na feitura da história piauiense, não estão relegadas ao destino que muitas tiveram, a marginalidade da história, não se fazendo presentes nas narrativas, pois não era de interesse masculino que as mulheres aparecessem como protagonistas. O presente trabalho trata de uma história de mulheres de Picos, mas estas se enquadram na história de vida de grande parte de outras mulheres Nordeste afora, de suas relações de convivência social durante seus percursos e trajetórias de vida. Delgado afirma que:

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a história da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.³¹

O narrar das personagens, a vontade de passar os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, de geração em geração, o sentimento de poder falar de suas experiências de vida aos mais novos, a ideia de que seus conhecimentos, suas histórias estão sendo gravadas, escritas, transformadas em trabalho científico; isso faz com que a narrativa das colaboradoras seja cheia de detalhes, sentimentos, importâncias e ânimos. As mulheres aqui estudadas sabem que estão immortalizando, através de seus depoimentos, temporalidades, espaços, memórias, práticas cotidianas, religiosas, escolares, trabalhistas e sociais.

É perceptível que há um medo, uma inquietação com a desintegração rápida dos acontecimentos, dos fatos, das narrativas nos tempos atuais, pois, com a apressada aceleração dos meios de comunicação, das redes sociais, da velocidade das informações na internet, do elevado número de eventos, do preferível pelo resumo, pelo curto, por poucas palavras, todo esse contexto parece produzir um vazio, um esquecimento contínuo no presente. Para combater esse esquecimento ininterrupto, entra em cena o historiador memorialista, devido à importância da solidez dos acervos de memória, dos trabalhos, para a concretização da existência de um presente não amnésico. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

O presente ameaçado pelo desgaste da aceleração, converte-se enquanto transcorre em matéria de memória. E também que há uma coincidência entre a aceleração do tempo e a vocação memorialista. A aceleração produz, exatamente um vazio de passado que as operações da memória tentam compensar.³²

³¹ DELGADO, 2010, p. 43.

³² SARLO, Beatriz, 2005, p.95-96 apud DELGADO, 2010, p. 43.

Tentado escapar desse sentimento de vazio do passado que o presente tecnológico e veloz faz, revela-se a importância das entrevistas, que contribuirão para gerações futuras terem acesso a essas memórias, e experimentarem um pouco de entendimento sobre como se formou a sociedade picoense, como a participação dessas mulheres na política, na arte, na educação, nos movimentos sociais, relevante para a construção social da cidade de Picos.

Neste capítulo apresenta-se mais densamente quem são essas mulheres através da investigação de documentos escritos, iconográficos, orais e diversas outras fontes para que o trabalho seja construído com coerência e seriedade. Prezou-se nesta seção principalmente pelas narrativas orais onde, utilizando o modo de trajetórias de vida, adentrou-se nos olhares e pensamentos das entrevistadas sobre como essas vivenciavam a cidade, costumes, tradições, ritos, relações sociais, trabalho, teatro, educação, relações de poder e gênero. Uma linha investigativa se estenderá desde a infância, passando pela juventude, vida adulta e a velhice, podendo essa linha não ser retilínea e contínua, mas com curvas de idas e voltas, nos diferentes tempos vividos, mas sempre relacionada ao aspecto da educação, do trabalho, da família, da arte, do lazer e da política.

As peculiaridades de cada uma delas foram abordadas nas suas diversas singularidades, observando cada aspecto relevante para o entender da pesquisa e sua construção. Assim, a investigação de questões no intuito de encontrar respostas ou caminhos promoverá um entendimento sobre o tema. Questões como: existia alguma dificuldade para essas mulheres na infância para acesso ao ensino? Existiam dificuldades financeiras para isso? Havia incentivo familiar para estudar? Da parte de quem e por quê? Além disso, como conseguiram superar essas supostas dificuldades e chegar à juventude e iniciar um ciclo agora de magistério, ou de artista ou políticas?

1.2 INFÂNCIAS FEMININAS E SOCIABILIDADES

Nesta subseção, analisa-se a puerícia de nossas entrevistadas, os estreitamentos e distanciamentos da infância de cada uma, como foram às vivências, as experiências quando crianças, que categorias de brincadeiras, lazer e atividades praticavam na época estudada. Como se dava a relação entre família e escola com estas crianças, dificuldades enfrentadas ou não para se alfabetizar e se instruir no período.

A infância é momento único e importantíssimo na formação do indivíduo, pois é nessa fase da vida, é nesse período de aprendizado, de experiências que normalmente ficam as mais profundas lembranças de vida. A criança está em contato com o mundo adulto, tendo a pessoa adulta como referência de comportamento, de agir. A criança nessa fase encontra-se em ocasião e dependência do adulto, para seu crescimento não só físico, mas mental e cultural. Observemos o que Carlos Monarcha escreve sobre isso:

Período de transição para a adolescência e juventude, marcada pela brevidade. A infância [...] é tida como um período da vida humana em que a criança é incapaz de falar por si mesma e de discernir, encontrando-se totalmente dependente dos adultos.³³

Monarcha caracteriza a infância como um período de transição para a adolescência e juventude, período esse abordado mais adiante no texto, a juventude das mulheres professoras picoenses, mas antes trataremos sobre a puerícia da vida das escolhidas para este texto, baseando-nos, como infere Monarcha, que a infância é breve, além de depender dos adultos em sua totalidade. Complementando essa ideia, acredito que os locais visitados e vivenciados pelas entrevistadas quando crianças, também influenciaram diretamente na transição para a juventude, pois mesmo que, na companhia do adulto, analiso que a criança forma sua memória óptica, sobre o que viu, forma uma memória de sentidos, sobre as emoções passadas em determinados ambientes, como um banho de rio, uma brincadeira numa praça, brincadeiras com outras crianças, aniversários, cultos religiosos, primeiros contatos nas instituições de ensino e diversas sociabilidades presentes na vida de uma criança.

Concordo com Monarcha que a criança é incapaz de discernir uma série de pensamentos que estão em volta dela, e que precisa de um adulto para explicar, lembrando que esta explicação está imbuída dos próprios pensamentos parciais do adulto que explica. Mas, mesmo sem a capacidade de discernir todas as informações que lhe aparece aos olhos, o autor defende que a criança é capaz de absorver algo das diversas experiências, independente de o adulto estar presente ou não em específico momento. Vejamos o seguinte relato de Helena Araújo:

Na minha infância, lembro-me que eu brincava muito de roda, de boneca, de andar a cavalo, ia para as moendas de cana, beber garapa. Brincava também na escola, com as meninas de correr, de pular. Já em casa, eu também brincava. Minha avó, Antônia Maria de Moura, fazia bonecas de pano pra mim, e eu ia brincar de boneca. Já mãe me ensinava a lavar os pratos, a cozinhar, a varrer a casa, a botar água nos potes, mostrava como matava galinha pra fazer comida. Era bom também quando a gente ia pro rio, dava pra brincar lá, tomar banho, correr, cavar buraco, dar água aos animais, lavar

³³ MONARCHA, Carlos (Org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 2.

as roupas. Foi uma infância boa, brinquei muito, dei muito trabalho [risos], apanhei muito também [risos], depois que eu comecei meus namoros na escola, lá no Coelho Rodrigues [risos].³⁴

Analisando a entrevista de uma das colaboradoras, nota-se que a infância relatada corrobora que essa é um período de transição para a juventude, pois percebe-se na fala da entrevistada que ocorriam algumas práticas na infância que são mais preparações para uma vida adulta do que para uma criança. Lavar os pratos, encher os potes, aprender a cozinhar podiam-se associar a uma brincadeira, mas certamente, na visão da mãe, era uma preparação para a vida adulta.

Outra análise possível é que são lembranças muito vivas na memória da personagem, principalmente quando se fala no rio Guaribas, que sem dúvidas fazia parte cotidianamente das vidas dos moradores da cidade de Picos. Na declaração acima, percebe-se que esse era, para Helena Araújo, tanto espaço de lazer como de afazeres. Ao longo do texto, será discutido, de forma mais aprofundada, sobre a importância do rio para a cidade de Picos e para as mulheres aqui apresentadas.

Foto 1: Rio Guaribas na década de 1960



. Fonte: Museu Ozildo Albano.

Nesta foto, percebe-se o rio Guaribas e suas mais diversas utilidades. Logo à frente, é possível observar uma mulher carregando uma trouxa de roupas na cabeça. Ao fundo, homens com um caminhão, provavelmente carregando areia, para setor de construção civil. No mesmo

³⁴ ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2018.

lado, um habitante puxa o seu animal, provavelmente um burro ou um cavalo. Ao fundo, à esquerda, algumas pessoas tomam banho e lavam roupas, e, mais ao fundo, veem-se algumas casinhas próximas à margem do rio.

A partir desse trecho da entrevista oral, é possível perceber que a infância é repleta de significações no presente momento da professora, e que foi de suma importância para a construção de sua narrativa, pois elucidou muito adiante sobre a perseverança da professora Helena Araújo em utilizar o meio da educação para modificar a sua realidade social.

Existiam algumas dificuldades de acesso ao ensino. Sim, ocorriam obstáculos para o acesso à educação. Encontramos um relato onde o problema era a locomoção, o que consta do relato da professora Helena:

Para eu ir à escola, tinha que ser a pé, ou em animais como cavalo ou jumento, porque não tínhamos transportes escolares naquela época. Por volta dos anos de 1940, então, possuíamos as escolas, mas, no meu caso eu morava um pouco afastada do centro [atual Bairro Catavento, cerca de 3 km de distância do centro de Picos], portanto, ia a pé ou montada em animal, até o Grupo Escolar Coelho Rodrigues; foi a escola em que eu fui estudar.³⁵

Foto 2 Creditos: Foto Varão: Grupo Escolar Coelho Rodrigues.



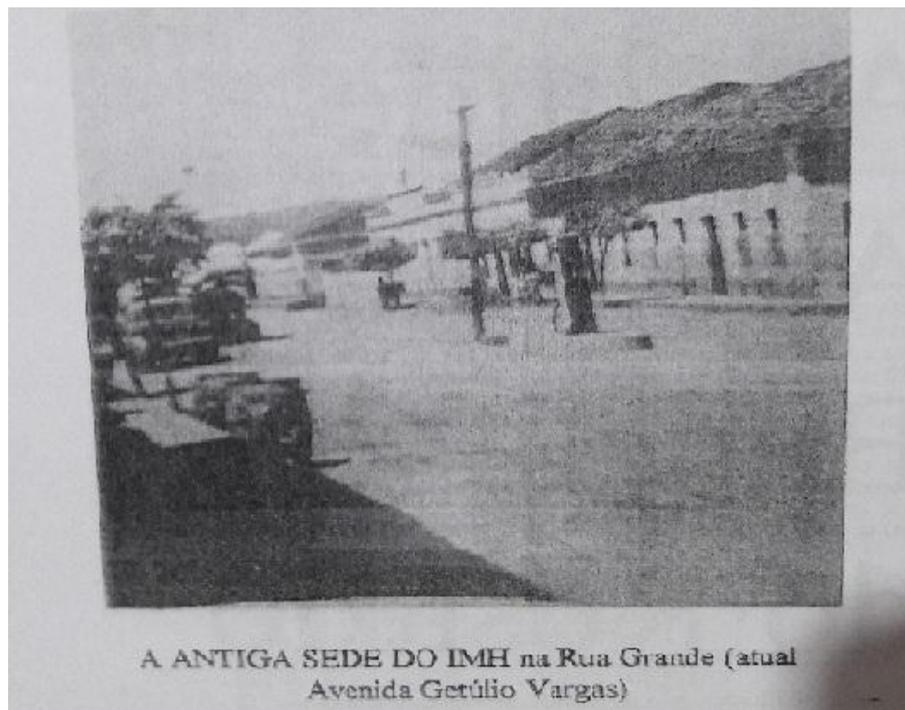
Fonte: Museu Ozildo Albano.

³⁵ ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos, 2016.

A infância sertaneja de Helena Araújo certamente não foi fácil, mas, mesmo diante da dificuldade de locomoção, ela persistiu nos estudos, assim, a colaboradora estudou até o quarto ano do primário. Para a época, ter completado esta etapa de aprendizagem era destaque. Ela já possuía domínio da leitura, escrita e determinadas equações. Escrevendo e contando, já se distinguia entre seus familiares, a maioria, analfabetos, inclusive, ela expõe que: “Comecei a ensinar alguns primos meus, aqui mesmo na casa de meu pai”.³⁶ Desse modo, a educação escolar, o ensino laboral das primeiras letras já é instrumento fundamental de destaque para aqueles que os tinham.

Os pais de Helena Araújo, por volta dos anos 1948-1949, matricularam-na no Instituto Monsenhor Hipólito. Diz a professora Helena que: “Não éramos ricos, mas papai tinha com o que pagar a escola, tinha de tudo aqui na roça, não faltava comida, com isso, eu fui estudar no Colégio das Irmãs”³⁷.³⁸ Entretanto, no seu caso, a maior dificuldade não seria a financeira, tratando-se do acesso aos estudos, mas a locomoção, como citado anteriormente.

Foto 3: Instituto Monsenhor Hipólito.



Fonte: *Revista do Jubileu de Ouro*, Picos, 1944/1994.

³⁶ ARAÚJO, 2016.

³⁷ ARAÚJO, 2016.

³⁸ Instituto Monsenhor Hipólito, escola localizada na cidade de Picos-PI, inaugurado em 5 de março de 1944. Coordenado atualmente pelas irmãs cordimarianas.

Nas lembranças de sua infância, Helena Araújo conta um pouco de sua experiência no Colégio das Irmãs, termo utilizado para designar o Instituto Monsenhor Hipólito. Nas palavras dela:

Quando eu comecei estudar lá, no começo, era uma maravilha, fazia os trabalhos direitinhos, as atividades. Mas na hora do recreio fugia pra rua, pra sorveteria, [risos]. Era proibido sair pra rua, mas aí eu e uma amiga minha, Raquel, botávamos uma escada que tinha embaixo de um pé de seriguela encostada no muro, aí pulávamos para irmos para rua tomar sorvete, chupar picolé e namorar [risos]. Eu era danada [risos]. Tomei alguns castigos. Quando chegávamos no colégio, aí tomava castigo. A Irmã Maria Raimunda, que foi diretora, nos colocava pra rezar. Aí depois ela levava para sala, e passava a tarefa. Tinha vez que dava uma hora da tarde, eu lá na escola de castigo [risos]. Mas era bom estudar lá.³⁹

A infância é um período de suma importância para a formação do ser, em sentimentos, ideias, absorção de valores, religiosidade, deveres e uma gama de diversas aprendizagens. Momento em que estão em contato com os adultos, sua cultura, absorvendo o momento da sociedade que as permeia. A infância é uma categoria da vivência enquanto criança.

Outra das personagens também relata sobre sua puerícia, momento ímpar da sua história de vida, pois, considerando a interpretação de infância como ciclo natural de vida, acredito que, pelo estilo de pesquisa apresentado, é de suma importância conhecermos esse momento da vida das entrevistadas. Segundo Cynthia Veiga:

As formas de compreensão da infância como parte do ciclo natural de vida – nascer, crescer, reproduzir e morrer, mas problematizando com que objetivo em determinado momento histórico o tempo social da infância foi fixado em diferenciação a outras etapas da vida.⁴⁰

Seguindo o pensamento de Veiga, a infância como uma etapa da vida das personagens, analisamos alguns aspectos dessas, durante esta fase, para melhor nos debruçarmos sobre a história dessas mulheres. Quando indagadas sobre as memórias do tempo de criança, os relatos são contundentes. Para Oneide Rocha:

Nasci aqui na Praça Felix Pacheco, cresci numa família religiosa, estudei no Instituto Monsenhor Hipólito pela manhã, e à tarde mamãe nos colocava numa escola particular, da professora Lurdinha Carvalho, para preparar as aulas, para preparar os deveres, como a gente chamava, só que eu dizia para mamãe: ‘Mamãe Lurdinha, num prepara os deveres não, ela dá é outra aula’. Aí mamãe respondia: ‘Pois tá é bom, porque vai aprender mais’. E ela centrava força em português e matemática, estudando a tabuada. Matemática era a tabuada, gosto de dizer, a matemática básica, as quatro operações eu aprendi com Lurdinha Carvalho. Brincávamos muito, o local das brincadeiras era a Praça Félix Pacheco, o paredão, aqui era um casario, com

³⁹ ARAÚJO, 2018.

⁴⁰ VEIGA, Cynthia G. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.) *A infância e sua educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 40.

essa parede, uma calçada alta completa, e brincávamos aí também nesse morro. Esse morro era completamente desabitado, só tinha um conjuntinho de casas, onde é hoje aquela escada, que sobe o morro.⁴¹

A Praça Felix Pacheco foi palco de sociabilidade em comum de todas as entrevistadas, e fez parte da convivência social delas. Na declaração acima, a professora Oneide Rocha descreve onde brincava e quais brincadeiras costumavam praticar. A praça central da cidade, em frente à sua casa, tornava-se o local perfeito para brincarem e se divertirem nessa etapa de suas vidas.

Foto 4: Praça Félix Pacheco na década de 1950.



Fonte: Acervo particular de Cristina Varão.

À esquerda da praça, vê-se o paredão citado por Oneide Rocha, e o casario. Esta praça foi local de intensa movimentação social e de experiências marcantes na vida das personagens.

⁴¹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

Foto 5: Casario da Praça Félix Pacheco.



Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha

No plano de fundo da imagem, é possível ver o paredão com o casario. A residência da professora Oneide Rocha é a última da direita para a esquerda. Até hoje, encontra-se no mesmo local, e por trás das casas, o morro, que atualmente é totalmente habitado. Em primeiro plano, dona Maria Cármem, moradora picoense, amiga da família. Os filhos de dona Cármem cresceram juntos, na mesma vizinhança que os filhos de Amélia de Carvalho Fialho Rocha, mãe de Oneide Rocha.

Foto 6: Oneide Rocha, 1947.



Fonte: Acervo particular de Oneide Fialho Rocha

A infância de Oneide Rocha foi permeada pelos estudos, incentivados principalmente pela mãe, merecendo destaque que ela ia para a escola e ainda tinha aulas particulares, não era uma criança desassistida financeiramente. Quando perguntada se ela integra família abastada ou não, ela responde: “Assim, me deixe dizer, é média. Meu pai era tabelião, você sabe que um tabelião é uma pessoa de projeção na cidade, e de qualquer maneira tem um poder aquisitivo bom”.⁴²

É perceptível que teve uma infância confortável em relação aos estudos. Oneide Rocha ainda relata que brincava muito na Praça Félix Pacheco, praça central da cidade de Picos, em frente à casa dela. Ela ainda relatou algumas brincadeiras da época:

Brincávamos de pular corda, brincávamos de jogar castanha, de pular macaco, de amarelinha, de correr, de roda, e de boneca, de casinha, de fazer piquenique, e também de drama. Nós, como não tínhamos televisão, então nós fazíamos os dramas, e nós éramos artistas.⁴³

Brincar de boneca e de drama, como se fosse um miniteatro, são brincadeiras que a classificam realmente numa classe média, corroborando a sua fala, confirmada por meio do cargo exercido pelo pai (tabelião) que tinha um bom poder aquisitivo. Analisando, assim, os

⁴² ROCHA, 2017.

⁴³ ROCHA, 2017.

relatos da entrevistada, Oneide Rocha teve uma infância relativamente feliz e assistida economicamente.

Foto 7: Praça Félix Pacheco vista de cima, na década de 1950.



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Acima, vê-se fotografia tirada do Morro que a professora Oneide Rocha citou em sua entrevista, local também de brincadeiras durante sua infância. A seguinte personagem entrevistada relata sobre sua infância com muita cautela, com informações precisas e cheias de sentimento, podemos sentir na pele, metaforicamente, a sensação de estar junto a ela no tempo em que se passou sua fase de criança, durante a década de 1950 e início da década de 1960, pois Ana Maria de Sousa nasceu na Picos de 1953.

Na entrevista com a professora Ana Maria de Sousa, quando questionada como foi sua infância, ela afirma que:

Bom, eu tive uma infância pobre, mas feliz. Não tive pai. Minha mãe procurava suprir, fazer o papel de mãe e de pai. A minha infância foi na época das bruxinhas, naquele tempo ainda não existia a Barbie, e logo anos depois quando a Barbie apareceu, eu era muito pobre, não podia comprar, só tinha o desejo de possuir uma Barbie, enfim, mas eu fui feliz. Ali na Rua Santo Antônio, na minha pobreza, mamãe ia costurar nas casas e eu ia com ela. A minha infância, naquele tempo, que sempre na noite de natal serenava aquela chuvinha fininha, e eu com vestido de chita, aquela chita fininha durinha, ela era dura porque não era boa, era a mais barata e era a que minha mãe podia comprar, para fazer o meu vestido, né, e eu ia com aquele vestido rodado de laço. Minha infância, eu tive uma infância feliz. Dessa beira de

rio, banhando de rio, eu aprendi a nadar muito cedo e no rio Guaribas eu banhava muito, eu brincava muito às margens do rio Guaribas.⁴⁴

Esse é um discurso diferente do anterior. Ana Maria, hoje empresária bem-sucedida, nasceu pobre, como exposto em sua declaração. Todavia, um fato pode ter afetado ainda mais a sua condição financeira: foi criada sem pai. Aspecto marcante em sua narrativa, pois logo no início de sua declaração cita esse fato, mostrando que foi marcante na sua infância, ser criada sem pai.

Num segundo momento, fala do desejo de possuir uma boneca Barbie; são fatores legítimos de uma infância, o desejo de brincar, de ter, de poder se divertir com alguns brinquedos que surgiam na época, mas, nesse caso, era somente a vontade, pois afirma que era pobre e não tinha condição de adquirir o objeto.

Mas não seria por não ter condições de obter determinado brinquedo desejado que Ana Maria de Sousa não teria experiências boas na infância, pois nas suas lembranças percebe-se que, mesmo na dificuldade financeira, a alegria perpassava sua vida.

É importante o destaque da responsabilidade tanto afetiva quanto financeira de cuidar, desde o levar comida à mesa, à saúde de uma filha, seu divertimento, seu ensino a cargo de sua mãe que tentava suprir o papel do pai ausente.

Mesmo diante de sua pobreza, enfaticamente ela diz: “Eu tive uma infância pobre, mas feliz”.⁴⁵ Uma infância do tempo das bruxinhas, visto que ela se refere às bonecas de pano, típicas da classe pobre, feitas com retalhos de panos que sobravam das costuras.

É com certa complexidade e atenção que se verificou a infância de Ana Maria, pois a depoente rememora uma infância feliz. Entretanto, tornou-se perceptível um questionamento, numa dada lacuna deixada no seu depoimento: visto que Ana Maria fora criada sem o pai, como a entrevistada sublimava essa falta? Quais elementos a ajudavam a desviar a dor da ausência do pai? Na sua narrativa, ocorre uma felicidade filtrada pela memória atual, pois a memória é contextualizada no relato de sua infância.

Com certo caráter de conto fantasiado, ela relata que durante a infância, na noite de Natal, ela vestia um vestido de chita [“chita fininha, durinha, ela era dura porque não era boa, era a mais barata e era a que minha mãe podia comprar”].⁴⁶ A colaboradora é detalhista ao mostrar a memória inesquecível de como era a sua noite de Natal, que apesar das intempéries,

⁴⁴ SOUSA, Ana Maria de. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Solva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

⁴⁵ SOUSA, 2017.

⁴⁶ SOUSA, 2017.

ela expõe com ar de felicidade, citando a sua vestimenta que não era das melhores, mas era a que a mãe podia comprar, um vestido de chita.

Por fim, o rio Guaribas, tão importante para o comércio de alho e de cebola de Picos, também serve de espaço para as brincadeiras, pois suas margens traduziam possibilidades de aventuras e foi nessas águas que ela aprendeu a nadar.

Foto 8: Rio Guaribas na década de 1960-1970.



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Na imagem acima, vê-se o rio Guaribas, local de lazer e produtividade econômica. À margem esquerda, percebe-se o plantio na área de vazante; à margem direita, área utilizada pela população para diversas atividades, como banho, pesca, lavagem de roupas e diversão.

São infâncias diferentes, com algumas brincadeiras diferentes, e outras em comum. São classes sociais distintas, com modo de vida singular de cada personagem, com poderes aquisitivos diferentes. No entanto, com fatores que foram preponderantes para agregar à suas vidas contínuas, na construção de uma juventude futura, são caminhos diferentes, mas com sonhos guiados pela educação escolar, esse ensino escolar foi modificador na vida de cada uma delas.

Helena Araújo expõe suas tristezas e alegrias vividas na infância. Nascida em Picos, rememora uma infância feliz, sem muito dinheiro, porém com toda a assistência possível dos pais, principalmente do pai, Francisco Antônio da Silva. Ela relata que:

Eu era travessa. Eu ia pra escola, brincava de roda, de pular corda, pular macaco, brincava de boneca, tinha muitas, bonecas de pano, bonecas de plástico, panelas, pratinhos, tinha cadeirinhas. Era mamãe que me dava, e minha irmã, Edite. Eu brincava mais em casa, debaixo das árvores. Eu me lembro do tempo em que eu peguei um pote, botei na cabeça e disse que ia buscar água, aí coloquei Edite na frente, minha irmã, ela tinha uns quatro anos. Aí quando eu cheguei no rio, eu tirei dois cavaletes de bananeira, tirei a roupa de Edite, e a coloquei deitada em cima do cavalete agarrada com as mãos, e soltei ela dentro do rio. E aí entrei atrás no outro... Brincávamos muito, a minha infância foi feliz, eu dançava muito, eu brincava muito, finalmente, foi uma infância boa.⁴⁷

É transparente a fala da professora no seu exercício de memória sobre sua infância, cheia de vida, de brincadeiras. Helena Araújo tinha meios de acesso a brinquedos de diversos tipos, como bonecas, pratinhos, corda, cadeirinhas.

É interessante notar que suas brincadeiras foram direcionadas a um modelo de mulher, pois brincar de casinha, panelinha, pratinho, cuidar das bonecas era um exercício de ser mãe e dona de casa, pois, ali, nas suas brincadeiras, configurava-se o exemplo tradicional de mulher, a doméstica, mãe e esposa, aquela que é protetora do lar e dos filhos. Essas brincadeiras preparavam a criança para a vida adulta. Só que, além de Helena Araújo ter se preparado para essas funções familiares, ela também estudou, se profissionalizou, levando na sua vida adulta uma dupla jornada de trabalho fora de casa, no espaço público, e suas aplicações domésticas, seguindo um novo debate de ser mulher autônoma, sobretudo financeiramente de seu marido.

No seu depoimento, mais uma vez aparece o rio Guaribas como espaço lúdico. A professora narra a brincadeira com sua irmã no rio, esse complementando a infância como local de lazer para as crianças, percebeu-se tal ambiente como marcante.

Certamente o rio que se envolta na cidade tinha sua importância como local de sociabilidade. O escritor Renato Duarte relata, em seu livro *Picos: os verdes anos cinquenta*, sobre essa funcionalidade do rio:

O rio tinha outro papel marcante na vida dos picoenses: é que o velho Guaribas representava uma opção de lazer e de terapia da maior importância. Os trechos onde a água era mais profunda, chamada de poços, e onde havia privacidade necessária, eram transformados em verdadeiros *banhos* públicos. Havia os poços dos homens e os poços das mulheres, cujos limites de privacidade eram rigorosamente respeitados.⁴⁸ (grifo do autor)

Duarte é enfático ante a importância do rio, não só como provedor do comércio da cidade, mas como palco de lazer, tanto para homens quanto para mulheres. O texto indica que havia limites de privacidade, onde os dois gêneros não compartilhavam o mesmo espaço de

⁴⁷ ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

⁴⁸ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995. p. 22.

banho. Existia o poço dos homens e o poço das mulheres, isso porque nessa época o banho se dava nu, pois os trajes próprios para essa finalidade ainda não eram comuns na região.

Foto 9: Vazante do Rio Guaribas.



Fonte: Museu Ozildo Albando.

No tocante à pesquisa, compreender o funcionamento desse local de divertimento fez-se relevante, sobretudo com relação a como eram esses poços das mulheres. Duarte destaca mais informações:

Os chamados poços das mulheres não eram propriamente poços, mas sim trechos do rio que correspondia a propriedades particulares, onde a privacidade das banhistas era assegurada. Na verdade, as mulheres preferiam banhar-se em áreas de cultura de vazante, pois para elas a profundidade do rio não era fator primordial.⁴⁹

Houve participação ativa desse rio na construção social das vivências das professoras Ana Maria e Helena Araújo. Afinal, em seus relatos, indicam o rio Guaribas como local de lazer. Tornou-se perceptível a importância desse rio nos mais variados setores da sociedade sertaneja picoense, porquanto em grande parte do ano o que prevalece é o clima quente e seco na região.

Quando Helena Araújo é indagada sobre alguma dificuldade na infância, mesmo lembrando-se do aspecto da locomoção para a escola, ela responde:

⁴⁹ DUARTE, 1995, p. 22.

Não, não tinha dificuldade nenhuma. Pai não deixava faltar nada, ele plantava algodão, muito algodão, aí ele fazia compra nas safras. Aí nas safras a gente pequena ganhava dois, três vestidos, sapato, sandália, essas coisas. Fatura tinha muita: tinha rapadura, tinha a galinha, tinha a criação, tinha gado, tinha tudo, aí não faltava. Faltava assim dinheiro, dinheiro era mais difícil, mas essas coisas não faltavam.⁵⁰

Nota-se no depoimento uma forma de assistencialismo, sem de fato ter o dinheiro, na infância de Helena Araújo pouco lhe faltava de insumos básicos, não havia uma pobreza de alimento, de vestimentas, de sociabilidades. No entanto, ela relata a falta econômica. O que ocorre aqui é uma nova interpretação do que é ter, do que é poder, do que é ser assistida pelos pais, sem que deixem faltar nada, mas que não se tem de fato quantias monetárias. Uma época em que, provavelmente, as trocas de mercadorias eram presentes, pois, na falta da moeda, existiam bens provedores de uma vida confortável.

O pai obtinha do plantio de algodão a verba das vestimentas, como no citado acima [nós ganhávamos dois, três vestidos, sandálias]. Helena Araújo não era desprovida de bens, e, como é possível observar, também as provisões eram fartas [tinha rapadura, tinha galinha, tinha criação (referente a caprinos), tinha gado, tinha tudo]. Esse trecho corrobora uma ideia: Helena Araújo fazia parte de uma família essencialmente rural, agrícola, sem tanta presença do papel-moeda em espécie, mas de forma alguma desassistida nas possibilidades dos pais em lhe dar a melhor condição de se viver.

“Até meus vinte anos eu fui muito feliz”.⁵¹ Mas uma infância feliz não significa dizer uma vida inteira sem dificuldades. O que chama atenção é o uso da preposição “até”; o que teria mudado após a sua juventude? Quais momentos que Helena Araújo viveu a fizeram colocar esse limite de “até meus vinte anos”? Quais caminhos e surpresas a vida lhe resguardou?

⁵⁰ ARAÚJO, 2017.

⁵¹ ARAÚJO, 2017.

Foto 10: Helena Maria da Silva Araújo, em 1955.



Fonte: Acervo particular de Helena Maria da Silva Araújo.

Acima, vê-se Helena Maria da Silva Araújo, aos seus 20 anos, no ano de 1955, foto tirada na propriedade de seu pai, na cidade de Picos. Nessa imagem, percebe-se como plano de fundo uma plantação de pés de algodão, produto bem comercializado na época, como também um carneiro, criação que servia tanto para alimentação familiar, quanto como produto de troca ou venda no comércio de Picos. Nessa imagem, ela aparece ao lado de seu irmão de criação, Walter José Leal.

Olívia Rufino, outra personalidade de fundamental importância para a edificação deste trabalho, natural de uma localidade próxima a Picos, nasceu no povoado Coroatá, mas pouco tempo ficou, pois foi para a cidade com sua tia, para estudar. Nas palavras de Olívia Rufino:

Eu nasci no Coroatá, e adorava lá, era muito bom para brincar, cheio de parentes, que hoje não se tem mais isso. Brincava muito com meus primos. Mas, logo eu vim para cidade com minha tia para estudar. Minha tia era uma cabocla da roça, que enxergava muito longe, e quando eu completei cinco anos, ela me levou para escolinha da Rua Santo Antônio. Eu comecei a estudar, com seis anos eu já sabia ler e escrever. Quando eu estava na Rua

Santo Antônio, as casas tinham os quintais tudo ligados, aí a mãe cuidava de todos, é como se fosse uma família. Eu tive uma boa infância, aqui com minhas companheiras, na Igreja Católica com a cruzada eucarística que tinha na época, e também, quando ia para o Coroatá para casa dos meus pais, era muito bom.⁵²

Mesmo sabendo que nessa época o ensino para as meninas não era visto como algo excepcionalmente necessário para a sua vida, pois a prioridade no pensamento da maioria das famílias era um bom casamento, para isso a mulher teria que estar preparada para atuar nas funções da casa e do cuidar dos filhos. Mesmo assim, podemos encontrar particularidades, a exemplo das entrevistadas, pois suas infâncias foram marcadas pelo incentivo aos estudos, o que foi comum às quatro personagens femininas, que alguém de suas famílias as incentivou em ir para a escola, lhes dando apoio moral, estrutural, financeiro, entendendo que aquele seria um caminho alternativo para essas pequenas garotas seguirem.

Tipicamente de cidades pequenas, as casas com quintais ligados revelam um ar de sociabilidade infantil. A mãe de Olívia Rufino, a senhora Benedita Maria dos Santos, a criou juntamente com outras crianças vizinhas, como também ficou claro na declaração que Olívia Rufino também recebeu cuidados das mães vizinhas.

Esse relato, em dizer que outras mães também cuidavam dela, reforça a ideia de que o lar era ocupado majoritariamente pelas mulheres, configurando uma sociedade estratificada, na dona de casa, na boa mãe, na esposa, na doméstica. É esse pensamento que perdura na maioria das famílias da segunda metade do século XX na região de Picos.

A partir das análises feitas sobre as infâncias das personagens aqui citadas, as entrevistadas tiveram, em geral, uma infância feliz, algumas com maior conforto, outras nem tanto, mas, em suma, foram meninas em que o sorriso prevaleceu quando crianças. A trajetória da vida dessas mulheres foi abordada ao longo do texto, destacando a importância da influência da educação para que se tornassem mulheres conhecidas, educadoras e profissionais, tornando-as verdadeiras desafiadoras da ordem social vigente, onde o homem era o empresário, era o provedor, o senhor a ser respeitado e à mulher caberia a marginalidade da cena histórica.

Essas mulheres tiveram e têm até hoje um papel fundamental na história de Picos, como também conseguiram se relacionar com essa sociedade dominada pelo masculino, como as relações de gênero implicaram o seu modo de vida, guiando estas ou as fazendo tomar outro rumo em suas vidas.

⁵² BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida à pesquisadora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013a.

1.3 ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Seriam múltiplas as formas de categorizar a relação da escola e a memória. Abordamos, neste subtópico, os relatos de memória das colaboradoras enquanto estudantes, e a partir de seus relatos analisamos as vivências sociais experienciadas durante o período em que elas estavam como aprendizes. É impossível determinar se elas saberiam que algum tempo depois estariam no lugar de suas professoras, mas destino ou não, todas elas se tornaram professoras.

A escola, local de compartilhamento de conhecimentos, de aprendizado e de ensino: é nesse ambiente que ocorre uma ampla formação da memória. As personagens relataram suas memórias individuais do tempo em que estudavam e frequentavam a escola. Concordando com Maurice Halbwachs, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, podendo esse ponto de vista mudar de acordo com as relações que ele mantém com outros meios. Segundo Halbwachs:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade. Voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.⁵³

Mesmo algumas das personagens compartilhando das mesmas escolas, são em tempos diferentes, com relações pessoais diferentes e pessoas diversas. Com isso, têm-se interpretações diferentes sobre a lembrança do tempo de escola, a instituição servindo como lugar de memória. Essas memórias nos ajudaram a construir uma representação da sociedade da época, em relação às meninas fazerem parte de um grupo que tinham acesso à escola. Conforme Dorival Santana:

A compreensão de que a escola é um lugar de memória não se fundamenta apenas nos aspectos físicos e arquitetônicos da escola. Embora estes aspectos possam estar implicitamente contemplados, a acepção engloba as relações que as pessoas estabelecem com outros aspectos tangíveis e não tangíveis da cultura escolar. A escola é um lugar de memória por ‘tudo’ aquilo que ela representa na vida dos sujeitos escolares, e este ‘tudo’ pode significar muitas coisas.⁵⁴

⁵³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 34.

⁵⁴ SANTANA, Dorival Aparecido de. *A escola como lugar de memórias e de identidades: um estudo a partir de escritos de alunos do ensino médio do Colégio E. N. S. de Lourdes – Londrina/PR.2013-2014*. 2016. 332 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. p. 60.

Os diversos relatos das entrevistadas envolvem muito mais os sentidos e percepções do que era o espaço escolar do que a escola fisicamente, ou seja, suas experiências no âmbito escolar afloram mais suas lembranças do que o próprio espaço físico, esse espaço palpável também está presente em suas narrativas e torna-se fundamental para a escrita do texto.

Para não ocorrer confusão com o leitor em relação ao termo: Escola como Lugares de Memórias, aqui neste trabalho, é referente às experiências vividas pelas mulheres em um determinado momento de suas vidas em que estavam integrando o sistema de ensino como alunas, categorizando como uma memória de experiência escolar. Segundo Santana, o conceito de memória da experiência escolar é erigido com assento, sobretudo, nos aspectos vivenciais e experienciais dos alunos, e com o interesse voltado para os processos de construção de suas subjetividades e intersubjetividades.⁵⁵ São essas subjetividades e intersubjetividades, juntamente com a memória das declarantes, a matéria-prima para a escrita que se segue no texto.

Os acontecimentos durante nossas vidas são divididos em períodos, por exemplo; as brincadeiras no rio, na Praça Félix Pacheco, o pular corda, o tomar sorvete, fugir na hora do recreio. Classificou um momento da vida das mulheres aqui abordadas a ida para a escola, momento importante na vida dessas sujeitas históricas. Segundo Ecléa Bosi:

O primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento, dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões na data de um tempo exterior. Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto sofremos no dia a dia a inexorável divisão que nos constrange a deixar a casa pelo trabalho, a juventude pela maturidade e nos rouba do convívio mais caro. É a força do tempo social marcado por pontos de orientação que transcendem nossa vontade e nos fazem ceder à convenção.⁵⁶

Seguindo a ideia de que estamos perpassados, atravessados por escolhas, e essas escolhas determinam períodos de nossas vidas, esses períodos também são produzidos por agentes externos, no caso das meninas, os pais que escolheram as escolas onde elas se matricularam, marcando assim o início de um período histórico na vida das personalidades estudadas.

Na subseção anterior, analisou-se a infância das personagens, algumas de suas alegrias, como também dificuldades. Neste item, analisa-se a vida escolar das colaboradoras.

⁵⁵ SANTANA, 2016, p. 60.

⁵⁶ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 417.

Suas memórias ajudaram a perceber os caminhos percorridos pelas entrevistadas em busca dos estudos e quem as incentivava a seguir o caminho da educação.

Em alguns pontos, percebeu-se que as direções tomadas por elas se aproximaram e se distanciaram em determinados motes, semelhanças e diferenças na vida escolar de cada uma. Além dos primeiros contatos das personagens com as instituições escolares que fizeram parte de suas primeiras formações.

Oneide Rocha era de família relativamente abastada. Seu pai, tabelião, cargo de renome na cidade de Picos à época. Afinal, como foi o primeiro contato de Oneide Rocha com a escola? Em que tipo de escola? Havia outro mecanismo para esta se diferenciar das demais de sua época? Segundo os fragmentos memorialísticos, para Bosi, a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.

Oneide Rocha informa que estudou no Instituto Monsenhor Hipólito, e seu primeiro contato com uma instituição educacional foi com uma escola de cunho privado e de orientação católica, onde o ensino foi zelado pelas freiras cordimarianas. Oneide Rocha esteve em contato com um ensino de qualidade, pois, segundo Jane Bezerra Sousa,⁵⁷ o colégio oferecia o melhor ensino. Estudavam na escola as filhas da elite econômica, as quais pagavam mensalidade. Referindo-se ao Instituto Monsenhor Hipólito.

Na *Revista Jubileu de Ouro*, publicou-se a proposta educativa do Instituto Monsenhor Hipólito:

O Instituto Monsenhor Hipólito propõe-se a ser COLÉGIO DE IGREJA. Ajudando a cada pessoa a assumir a sua própria educação, de modo a tornar-se: JUSTA – LIBERTA – CRÍTICA – CRIATIVA – E DAR TESTEMUNHO CRISTÃO, RESPONSABILIZANDO-SE PELA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE.⁵⁸

Essa era a proposta oferecida pela escola onde a estudante Oneide Rocha ingressava nos seus primeiros anos de escola. O instituto ganhou esse nome em homenagem ao Monsenhor João Hipólito,⁵⁹ Cônego cujo sonho era criar uma escola na sua terra natal. Conforme as investigações de Sousa, o cônego não chegou a ver o seu sonho realizado, mas o

⁵⁷ SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005. p. 86.

⁵⁸ PROPOSTA educativa do Instituto Monsenhor Hipólito. *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1944-1994.

⁵⁹ Cônego honorário da catedral de Teresina e camareiro secreto do papa Pio XI. Primogênito do coronel Carlos Hipólito Ferreira e de Isabel Maria da Conceição. Nasceu em 16 de maio de 1880, na fazenda Lagoa do Rato, atual cidade de Fronteiras (PI). Foi pároco de Picos em 1935, e faleceu no dia 17 de junho de 1943. Cf.: SOUSA, 2005.

seu sobrinho, padre Paulo Hipólito de Sousa Libório, juntamente com as Filhas do Coração Imaculado de Maria, puseram em prática o desejo do Monsenhor João Hipólito.

Foto 11: Monsenhor João Hipólito Ferreira.



Fonte: *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1994.

Encontramos na *Revista Jubileu de Ouro* de comemoração dos 50 anos do instituto a seguinte passagem:

Monsenhor Paulo Libório telegrafou logo para o povo de Picos avisando da vinda das irmãs. E em poucos dias aqui chegava, Mons. Paulo vindo de Teresina, com a finalidade de organizar logo as coisas. Tratou logo de convocar o povo para uma reunião, para tratar de assuntos ligados aos interesses educacionais da cidade. Na ocasião foi comunicado a finalidade da fundação deste educandário, sendo aceito e aplaudido com alegria. A partir daí, e embora contando com uma casa doada pelo Monsenhor Hipólito, seriam necessárias algumas reformas, e para isto deveria receber apoio e ajuda das pessoas, pois para reformular o prédio precisariam de vinte mil réis. Formou-se uma comissão composta de vários segmentos da sociedade para angariar tal importância, o que foi arrecadado em menos de um dia, comprovando assim a satisfação do povo de contar com esse ensino dirigido pelas Filhas do Coração Imaculado de Maria.⁶⁰

A passagem mostra o interesse tanto do Monsenhor Paulo Libório, quanto das filhas do coração de Maria e parte da sociedade, pois seria de bom grado mais um instituto

⁶⁰ HISTÓRICO fundação Instituto Monsenhor Hipólito. *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1994.

educacional na cidade de Picos, certamente o empenho das irmãs, e do sobrinho Paulo Libório resultaria na realização do sonho do Cônego Monsenhor João Hipólito.

No trecho retirado da revista fala-se de uma comissão com alguns segmentos da sociedade picoense. Essa comissão foi formada por:

Adalberto de Moura Santos – Bertinho Santos – PREFEITO
 Hélio das Chagas Leitão – COMERCIANTE
 Celso Maria Eulálio – COMERCIANTE
 João de Moura Carvalho – Louzinho Monteiro – COMERCIANTE
 Cel. Francisco de S. Santos – CHEFE POLÍTICO
 Dona Mariquinha Stopelli – PRESIDENTE ASS. ORAÇÃO
 Edith Alves Leopoldo – PIA U.F. MARIA
 Benvinda Nunes Santos – PROFESSORA.⁶¹

De fato era uma comissão contando com algumas das pessoas importantes do ramo da política e do comércio. Isso explica a velocidade para arrecadar o fundo monetário de que se precisava para a reforma. No dia 5 de março de 1944, foi realizada a cerimônia de inauguração do Instituto com a presença do Monsenhor Paulo Libório como presidente da sessão. Assim, dava-se início à história de um dos colégios mais tradicionais na cidade de Picos, onde parte de nossas entrevistadas tiveram a oportunidade de conhecer e estudar.

Foto 12: Monsenhor Paulo Hipólito de Sousa Libório.



Fonte: Acervo do Instituto Monsenhor Hipólito.

⁶¹ COMISSÃO. *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1944-1994.

O Instituto Monsenhor Hipólito era, e continua sendo, referência de ensino na cidade de Picos, desenvolvendo a cultura, através de peças teatrais, feiras culturais, mantendo bons resultados nos vestibulares de que participa, primando por uma educação escolar de qualidade.

Oneide Rocha ainda contava com um privilégio, que seguramente era para poucos, pois contava com um reforço escolar particular, na escolinha de Lurdinha Carvalho, isso ocorrendo em horários diferentes, pela manhã no Instituto Monsenhor Hipólito e pelo turno da tarde na escola de Lurdinha Carvalho.

Percebeu-se que é marcante, na memória de Oneide Rocha, o reforço no aprendizado de Língua Portuguesa e Matemática, principalmente da tabuada, é com ênfase que ela relatou gostar de matemática básica, e que as quatro operações aprendeu com Lurdinha Carvalho.

O ensino de Oneide Rocha foi zelado e incentivado por sua mãe que não cuidava desse quesito apenas com a filha, mas se estendia a todos os irmãos de Oneide Rocha, quando a entrevistada enfatiza no plural [“E à tarde, mamãe nos colocava, na escola particular da professora Lurdinha Carvalho”]. Desde cedo, a preocupação com a educação dos filhos foi permanente na vida de Amélia de Carvalho Fialho Rocha, mãe de Oneide Rocha.

Foto 13: Oneide Rocha (3) e sua turma do Ginásio em 1962, na Praça Félix Pacheco.



Fonte: Acervo pessoal de Oneide Rocha.

Outro momento de sua vida se deu não no Piauí, mas no Ceará, onde foi estudar, na cidade do Crato, numa escola internato, denominada de Escola Santa Teresa de Jesus. Oneide Rocha responsabiliza o ensino nessa escola como modificador de seu pensamento, dando-lhe mais liberdade de pensamento, entrando em contato com outra realidade artística e cultural, crescendo espiritualmente, segundo ela um ensino profundamente humanista:

Estudei no Colégio Santa Tereza de Jesus, no Crato, três anos interna. Assim, um momento maravilhoso, que me deu outra visão de vida, da realidade, da música, me incentivou à leitura, libertou um pouco a águia que nós somos. Eu era uma pessoa muito tímida e lá na convivência e na educação, eu costumo dizer que elas tinham uma educação que estava há uns dez anos adiante, não tinha uma educação política, assim de transformação

da sociedade, eu ainda não tinha essa visão, mas era uma formação profundamente humana e que era preocupada com o social.⁶²

A passagem de Oneide Rocha no Colégio Santa Tereza modificou profundamente o seu pensar existencialista, pois ela iniciou sua fala mencionando como um momento maravilhoso. Pensar em uma escola de regime de internato, em que no primeiro momento de percepção da entrevistada lhe privaria de uma liberdade, ocorreu justamente o contrário, este momento que a personagem passou no internato é de libertação para ela, pois entrou em contato com novos conhecimentos, leituras, arte, música e com um ensino preocupado com o social.

Esse aprendizado humanista foi profundamente importante para a formação pessoal e profissional da professora Oneide Rocha. Mais adiante, nas investigações feitas para este trabalho, as suas atuações profissionais, políticas e sociais fizeram com que a entrevistada se ligasse a movimentos sociais humanísticos, voltados para o povo, com um olhar voltado para as diversas situações sociais do outro.

Foto 14: Caderneta Escolar de Oneide Rocha.

Colégio Santa Teresa de Jesus CRATO - Ceará ANO LETIVO DE 1962		NOTAS MENSAIS E FALTAS															
Curso <i>Normal</i> Série <i>3ª</i> Turma <i>98</i> N.º <i>25</i>		Março		Abril		Maio		Junho		Agosto		Setem.		Outub.		Novem.	
DISCIPLINAS		N	F	N	F	N	F	N	F	N	F	N	F	N	F	N	F
Religião		100	90	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Português		80	80			90	85	80	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Matemática																	
Física																	
Química																	
Anatomia																	
Psicologia		100	100	95	95	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80
Metodologia		90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90
Higiene		85	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Biologia																	
Filosofia		100	100	100	100	100	100	90	100	100	100	90	100	100	100	100	100
Sociologia																	
H. Educação																	
Antropogeografia		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
O. Vocacional																	
Administração		90	100	100	100	85	80	80	80	95	95	90	90	90	90	90	90
Artes Aplicadas		95	90	95	100	100	100	100	100	80	80	95	95	100	100	100	100

A aluna foi Média Geral

Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha.

⁶² ROCHA, 2017.

Foto 15: Irmã Siebra, Oneide Rocha e Irmã Maria de Fátima (da esquerda para a direita).



Fonte: Arquivo pessoal de Oneide Rocha.

A segunda análise foi feita sobre Ana Maria de Sousa: quais diferenças e proximidades Ana Maria pode ter tido em relação a Oneide Rocha? Foram os mesmos caminhos? Ana Maria de Sousa afirma: “Estudei no Grupo Coelho Rodrigues. Minha mãe sempre ia me deixar no Grupo Coelho Rodrigues para estudar pela manhã, e à tarde eu estava com ela, naquela casa em que ela estava costurando, lá mesmo eu almoçava”.⁶³

Já de início, Ana Maria nos revelou que estudou no Grupo Coelho Rodrigues,⁶⁴ instituição de caráter público, afinal provinha de família pobre e não tinha condições de pagar um ensino particular.

⁶³ SOUSA, 2017.

⁶⁴ Criado pelo Decreto 1006, de 03 de novembro de 1928. Cf: SOUSA, 2005.

Foto 16: Ao centro o antigo prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, atual sede do Museu Ozildo Albano.



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Em casa, não tinha um reforço escolar. Sua mãe e sua tia, citadas no corpo do texto como importantes para o seu processo de formação, eram analfabetas. O que elas podiam fazer era incentivar Ana Maria a prosseguir com seus estudos.

Diferente da professora Oneide Rocha, no turno da tarde Ana Maria acompanhava sua mãe no trabalho [“naquela casa em que ela estava costurando, lá mesmo eu almoçava”]. Muitas vezes, Ana Maria almoçava no trabalho de sua mãe, resguardada à profissão de costureira. Será que a condição de Ana Maria durante aquele período era tão carente, a ponto de ela almoçar às vezes na casa de um empregador de sua mãe ou era um costume da época? Não há como responder a todas as perguntas e curiosidades que surgem. Mas fica a reflexão sobre a sua condição social.

Ana Maria não permaneceu no Grupo Coelho Rodrigues porque foi para o Rio de Janeiro. Os motivos dessa viagem não são revelados aqui. Mas, estando lá no Rio de Janeiro, ela revela que fez o ensino supletivo:

Samairkon Alves [pesquisador]: Em relação aos estudos, a senhora sempre estudou em escola de ensino público?

Ana Maria: Sim, toda a minha formação é pública. Eu estudei no Grupo Coelho Rodrigues, depois eu fui para o Rio de Janeiro, e lá, naquela época em 1965, eu fiz ensino supletivo lá no Rio de Janeiro.⁶⁵

⁶⁵ SOUSA, 2017.

O Ensino Supletivo foi um programa público do governo federal para massificar a alfabetização dos jovens e adultos que não obtiveram o ensino primário em idade própria. Essa modalidade é criada com o intuito de alfabetizar a grande massa de adultos analfabetos no Brasil, segundo Haddad e Pierro:

A ação governamental de fomento à educação de adultos em escala federal, possibilitada pelo Fundo Nacional do Ensino Primário, deu início a um projeto de alfabetização em massa pela modalidade supletiva, introduzindo uma nova finalidade em face do ‘desenvolvimento’ do país: ‘prover qualificações mínimas à força de trabalho para o bom desempenho aos projetos nacionais de desenvolvimento. [...] A educação de adultos passava a ser condição necessária para que o Brasil se realizasse como nação desenvolvida’.⁶⁶

O ensino supletivo apareceu como um “remédio” à falta de escolarização no Brasil. Serviu como números, dados, para qualificar o país como desenvolvido e ganhar corpo na época dos governos militares (1964-1985), onde o ideal de nação desenvolvida, o nacionalismo, operava na sociedade. Não é objetivo deste trabalho julgar se a criação da modalidade supletiva foi simplesmente para se obter dados favoráveis à educação e poder mostrar a países estrangeiros melhorias, chamando atenção para investimentos, ou se realmente houve uma boa intenção em modificar a realidade educativa no Brasil. Os objetivos do programa eram:

a) Suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria; b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.⁶⁷ (BRASIL, 1971, p.6, In. ARAÚJO, 2015).

Observadas essas finalidades, o projeto de fato visa, pelo menos teoricamente, suprir as necessidades da escolarização dos jovens e adultos no Brasil naquela época. O depoimento de Ana Maria deixou claro que para complementar seus estudos, mais uma vez, foi pelo viés público, em nenhum momento até agora adentrou em instituições particulares para dar continuidade a seus estudos [“toda a minha formação é pública”].

Ana Maria utiliza suas experiências de vida, suas dificuldades e as transforma em força motriz para o seu crescimento, tanto intelectual, quanto social, pois atualmente é uma das mais bem-sucedidas empresárias da rede particular de ensino. Foi a partir de suas

⁶⁶ HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara apud ARAÚJO, Adálcio Carvalho de. Educação supletiva e ensino supletivo como política nacional: nas trilhas da história da Educação de Adultos – da Constituição de 1891 à Lei nº 5.692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Perspectivas em Políticas Públicas*, Belo Horizonte, n. 16, v. 8, p. 69-100, jul./dez. 2015.

⁶⁷ BRASIL apud ARAÚJO, 2015, p.

vivências no ensino público que se sentiu incentivada a entrar nesse meio educacional, no intuito de poder contribuir com a sociedade picoense. Juntamente com sua visão empreendedora, tornou-se, em Picos, exemplo de superação.

Foto 17: Ana Maria de Sousa.



Fonte: Acervo particular de Ana Maria de Sousa.

Acima, vê-se Ana Maria, na sua jovialidade, nas proximidades da cidade de Bocaina, cerca de 25 km da cidade Picos, local conhecido como Barra, fica próxima ao rio Guaribas, local de divertimento e sociabilidades dos moradores, que podiam se banhar e fazer piqueniques às margens do rio.

Olívia Rufino da Silva Borges também teve suas particularidades na vida escolar. Natural do povoado Coroatá, ainda com cinco anos foi levada para a cidade de Picos para estudar, guiada por sua tia Raimunda, mulher que aparece com grande admiração no seu relato. Olívia Rufino revela que sua tia era cabocla da roça, analfabeta, mas tinha uma visão de futuro, levando-a para estudar em Picos.

Quando chegou a Picos, Olívia Rufino começou seus estudos, não em um grupo escolar, mas numa escolinha de pequeno porte na Rua Santo Antônio, onde a professora Maria José Eulálio ensinava as crianças a se alfabetizar. Era muito comum na década de 1940 pessoas ensinarem nas próprias casas, foi uma forma de combater o forte analfabetismo da época e também complementar a renda familiar.

A prática de Olívia foi aprender a ler e escrever, pois apenas com seis anos já sabia ler e escrever. Após isso, foi levada para estudar no Instituto Monsenhor Hipólito, também conhecido como Colégio das Irmãs. Segundo Borges: “Depois eu fui para o colégio das irmãs, estudei cinco anos lá, eu aprendi cedo, quando cheguei lá, já sabia ler”.⁶⁸ Aspecto comum ao de Oneide Rocha, Olívia Rufino também estudou no Colégio das Irmãs, mostrou-se assim que vinha de uma família com alguma estrutura financeira, já que a instituição era particular. Quem sustentava seus estudos financeiramente era seu pai, Raimundo Antônio Rufino, mais conhecido popularmente como Sargento Bitá. Antônio Rufino era sargento da polícia, cargo responsável por prover o sustento educacional de Olívia Rufino.

Foto 18: Olivía Rufino Borges.



Fonte: Acervo particular de Olívia Rufino.

⁶⁸ BORGES, 2013a.

Outro ponto em comum entre Oneide Rocha e Olívia Rufino é que esta última também recebeu ensinamentos particulares, um complemento por fora do que já recebia no Instituto Monsenhor Hipólito. Observe o seguinte relato:

Quando eu ia para o interior, meu pai levava um professor particular para ensinar meus irmãos lá do interior, um levava o professor e as outras famílias mandavam os filhos. Eu tive um professor no interior que ensinava a gente escrevendo longas cartas e dando pra gente ler, e funcionava bem.⁶⁹

Seu pai não descuidou com os estudos da filha, pois, mesmo quando ela ia para o interior (referindo-se ao povoado Coroatá, que pertencia à região de Picos), levava um professor particular.

É interessante notar no seu relato que a ida desse professor movimentava o interesse de outras famílias a colocarem seus filhos para aprender a ler e escrever [um levava o professor, e as outras famílias mandavam os filhos]. Tal prática era comum naquela época, em reunir várias crianças em uma determinada casa e ensinar a ler e escrever.

Muitas dessas crianças não possuíam condições de ir morar em Picos; a família via como oportunidade a vinda de um professor particular para ensinar Olívia Rufino, então, reuniam-se para aproveitar o momento, e seus filhos aprenderem as primeiras letras. Note que o método utilizado pelo professor era de escrever cartas e fazia a leitura dessas cartas, priorizando com isso a escrita e a leitura, primordiais para a alfabetização das crianças.

Para algumas famílias, certamente, era a única oportunidade de oferecerem o mínimo do acesso ao ensino para algumas crianças. Era comum na década de 1940 e 1950 a ida de professores em períodos de férias, meses como julho, ou dezembro, a comunidades, desenvolver o ensino e aprendizado, mesmo com a falta, na maioria das vezes, de estrutura para desenvolver a prática da docência, mas, certamente, não lhes faltavam perseverança e estímulo para melhorar a condição de ensino de parte da sociedade picoense.

Além de sua tia Raimunda, sua mãe Benedita Maria dos Santos a incentivou aos estudos, dando-lhe força para continuar sempre seu caminho escolar. Olívia Rufino relatou que uma das maneiras para melhorar suas leituras e entrar em contato com novos conteúdos era ler para os parentes. Por muitas noites, sentavam-se os parentes na porta de sua casa, e ela ia ler livros de cordel para o povo, melhorando assim sua prática de leitura, seu conhecimento, e certamente fazendo a diversão da família àquela hora.

Olívia Rufino, quando perguntada sobre quem a incentivava a ler, afirma:

⁶⁹ BORGES, 2013a.

Eu sempre gostei. Minha mãe era muito inteligente, ela tinha uma caixa cheia de livrinhos de cordel e eu tinha que sentar na porta da casa toda noite com uma lamparina na mão e o folheto, e a cambada de parente toda sentada ao redor pra ouvir, eu li tanto *A chegada de lampião no inferno* que eu aprendi. Aí eu lia tudo que pegava, era aquele ditado, ‘o que cair na rede é peixe’.⁷⁰

É importante perceber o uso do Cordel⁷¹ no dia a dia do sertanejo. Essa produção cultural era de fundamental importância, contribuindo como instrumento para praticar a leitura na região do sertão piauiense. O presente trabalho também investigou a representação feita por um cordelista sobre o sertão.

Podemos perceber que a Senhora Olívia Rufino demonstrava interesse e habilidades na área da aprendizagem, demonstrando que a ida para Picos, a entrada na escola, o contato com novos conhecimentos foram de muita importância para o seu futuro crescimento pessoal. Uma menina que saiu do interior para estudar na cidade e conseguiu galgar conquistas salutares no cenário picoense, mulher com o intuito de crescer e mudar a sua realidade. Em buscas de melhorias, Olivia Rufino sai de menina interiorana a futura professora e vereadora da cidade de Picos, aspectos abordados nos seguintes capítulos.

Ao longo do texto, analisaram-se suas continuidades e discontinuidades vividas e transpassadas para nós por meio de sua memória. Até o momento, foram analisados os relatos de três das entrevistadas, sobre seus primeiros aprendizados escolares. Assim, cabe perguntar como foi que ocorreram esses contatos com a escola com nossa próxima personagem. Foi muito diferente das outras? Comum? Quais singularidades ela carrega?

Helena Maria da Silva, filha de Maria Antônia da Silva e Francisco Antônio da Silva, agricultores, pelejadores na vida nordestina, vivenciados com a labuta da terra para tirar o sustento da vida, mas com um olhar diferenciado, um ímpeto para a melhoria de vida dos seus filhos, viam na educação uma alternativa para a filha, Helena Araújo, de desvencilhar-se ou pelo menos complementasse sua vida, que poderia ser marcada também pelo trabalho com a agricultura. Helena Araújo sempre foi incentivada por seus pais a estudar desde pequena: “Eu comecei a estudar com sete anos de idade”.⁷² Helena Araújo relatou que os dois, tanto seu pai quanto sua mãe, a incentivaram estudar, mas sua mãe era mais carrasca e a obrigava a ir para escola, pois era um caminho que Maria Antônia queria que Helena Araújo seguisse.

⁷⁰ BORGES, 2013a.

⁷¹ Cordel são folhetos contendo poemas populares, expostos para a venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. Os poemas de cordel são escritos em forma de rima e alguns são ilustrados.

⁷² ARAÚJO, 2017.

Primeiramente, Helena Araújo estudou numa casa-escola, com as professoras Minerva de Moura e Alaíde Moura, que utilizavam a própria residência como local de ensino, prática comum em meados da década de quarenta, pois os prédios públicos eram insuficientes para a demanda de alunos.

Posteriormente, Helena Araújo mudou de escola e foi para outra casa-escola, onde atualmente é o Bairro DNER. A escola era conduzida por Socorro e Maria do Carmo. As duas escolas eram públicas, as professoras recebiam seu pagamento através do município. Com isso, Helena Araújo apresentou seus primeiros contatos em escolas públicas.

Mas sua mãe queria mais. Então Helena Araújo relata: “Aí mamãe nos levou para estudar no centro de Picos, nas escolas de lá, pra ver se agente aprendia mais”.⁷³ Só que a ida para a parte urbana de Picos não era tão simples, pois ela morava um pouco afastada e do lado esquerdo da margem do rio Guaribas. Segundo Helena Araújo:

Aí nós fomos estudar na rua, íamos todos os dias a pé, seis horas da manhã saíamos de casa, eu, Edíthe e José, meus irmãos. Nós íamos a pé, o interessante que todo dia nós tínhamos que passar por dentro do rio, nos dias que o rio estava em cheia, aí só passava na canoa. Lá na rua, mamãe nos colocou na escola de Dorinha Carvalho, uma escola particular que tinha na cidade. Lá eu achava bom, as professoras eram boas, elas não castigavam muito, eu estudei lá um ano.⁷⁴

Após um ano de estudos na escola de Dorinha Carvalho, Helena Araújo e seus irmãos mudaram de escola, foram estudar no Grupo Coelho Rodrigues, pois segundo a entrevistada ocorreu uma cheia, e seu pai perdeu a plantação. Por esse motivo, saíram da escola particular e foram para a escola pública.

Dois anos foi o período que Helena Araújo ficou estudando no Grupo Coelho Rodrigues. Percebeu-se uma ida e vinda da entrevistada, entre escolas públicas e privadas. Essas mudanças se davam no período devido à inconstância financeira da família, como ela afirma que: “No ano que nós nos mudamos para a rua, para a escola pública, foi porque papai perdeu a plantação de arroz, de feijão, de milho, ele perdeu tudo com uma cheia que o rio deu. Aí a situação apertou e tivemos que mudar para a escola pública”.⁷⁵

Mais uma mudança ocorreu em sua vida, seu pai decidiu mudar-se para o centro da cidade, a fim de acompanhar melhor os estudos de sua filha. Lá ocorre mais uma mudança de escola, agora ela foi estudar no Colégio das Irmãs. Helena Araújo estuda cerca de três anos, terminando o primário na referida escola.

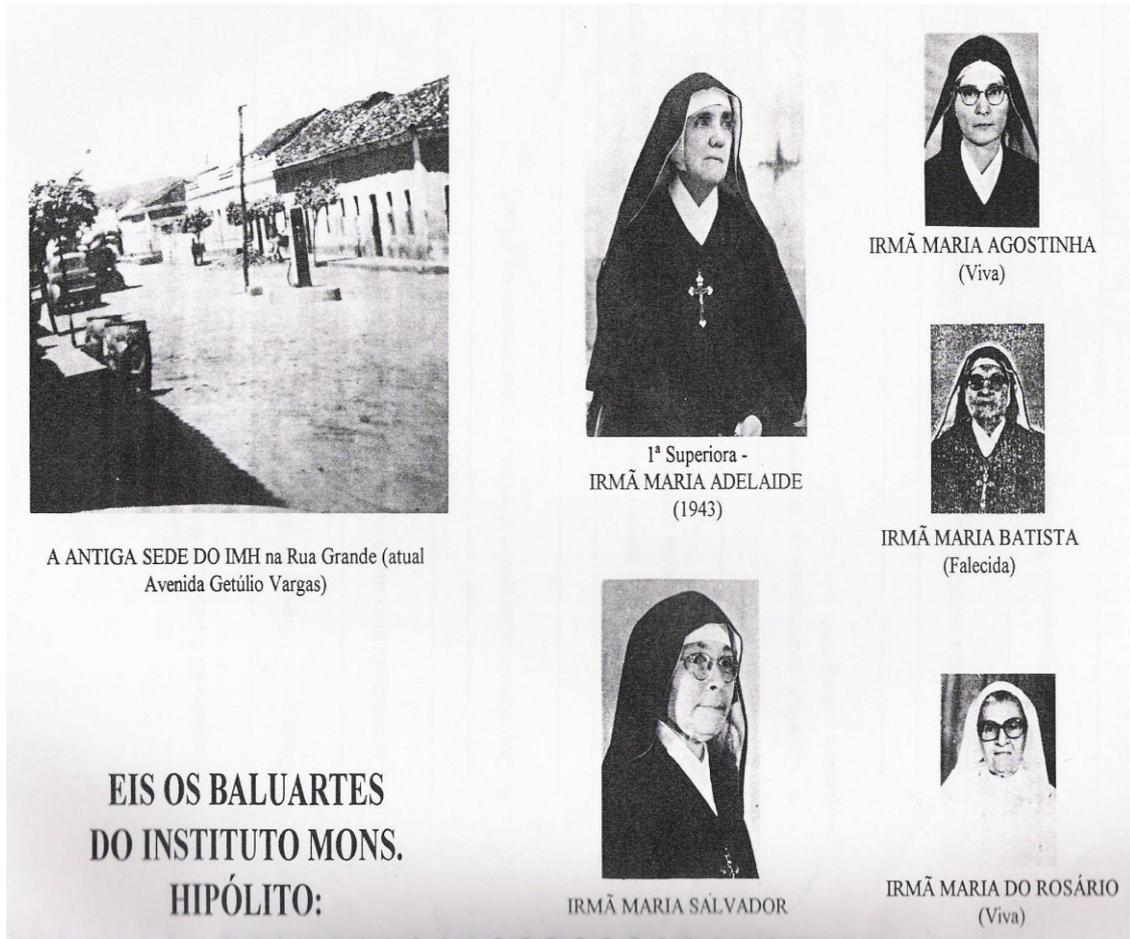
⁷³ ARAÚJO, 2017.

⁷⁴ ARAÚJO, 2017.

⁷⁵ ARAÚJO, 2017.

Em suas memórias, ela relata que: “Eu gostava muito do Colégio das Irmãs, principalmente de minha professora, a Irmã Salvador, era uma mulher branca, nova, ela infelizmente morreu nova, de câncer na garganta. Era uma professora muito boa”.⁷⁶ Na imagem abaixo, encontram-se as fundadoras do Instituto Monsenhor Hipólito, uma das retratadas é a Irmã Salvador, que é citada pela entrevistada Helena Araújo.

Foto 19: Fundadoras do Instituto Monsenhor Hipólito.



Fonte: *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1944-1994.

Feita a análise dos discursos, é perceptível que todas as quatro entrevistadas tiveram seu primeiro acesso à educação na região de Picos, umas indo direto para escolas particulares, outras para escolas públicas. Percebeu-se que as duas escolas mais citadas foram o Instituto Monsenhor Hipólito e o grupo escolar Coelho Rodrigues, essas instituições foram presentes na vida escolar de nossas personagens.

Tanto o IMH quanto a Escola Coelho Rodrigues continuam em atuação na cidade de Picos, em prédios modernos que atendem às necessidades estudantis daqueles que os procuram. O grupo Coelho Rodrigues recebeu esse nome em homenagem a Antônio Coelho

⁷⁶ ARAÚJO, 2017.

Rodrigues,⁷⁷ importante político brasileiro. Ele chegou a ser prefeito da cidade do Rio de Janeiro de 1900 a 1903, período designado como República Velha.

Foto 20: Antônio Coelho Rodrigues.



Fonte: Acervo *O Globo*.

Coelho Rodrigues era bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Recife, chegou a ocupar também os cargos de Deputado pelo Piauí (1874 a 1875) e Senador Geral (1876 a 1878), antes de tornar-se prefeito do Rio de Janeiro em 1900.

Neste capítulo, foram abordados aportes teóricos sobre memória, tempo, espaço e narrativa, como também o uso da História Oral, a escrita de uma história do tempo presente, como possibilidades metodológicas para a feitura de um trabalho científico. Esteve presente também a discussão em torno das infâncias sertanejas das entrevistadas, suas sociabilidades, brincadeiras, vivências cotidianas na cidade Picos. Foram apresentados os problemas e

⁷⁷ Antônio Coelho Rodrigues, nascido em 4 de abril de 1846, na fazenda Boqueirão. Coelho Rodrigues formou-se em Direito em 1867. Em 1870, fez sua defesa de tese, recebendo, com distinção, o título de doutor em Direito, sendo o primeiro doutor em borla e capelo, no Brasil. Autor do Projeto do Código Civil Brasileiro, recusado por questões partidárias.

desafios enfrentados, como também as alegrias compartilhadas durante o período em que se encontravam como crianças.

Foram salutares as investigações sobre seus primeiros contatos com as escolas da época, onde iniciaram seus estudos, em que condições econômicas se encontravam no momento em que iniciaram suas vidas escolares, os incentivos recebidos por alguns familiares, as formas de instituições em que estudaram.

Assim, comportamos, numa primeira parte do trabalho, olhares voltados para um momento em que nossas personagens encontravam-se na infância e como se constituíram durante essa fase. É importante compreender este momento, pois foi de muita importância para se constituírem como mulheres em meio à sociedade picoense. Assim, pode-se entender como foi parte de suas vivências em um determinado período de suas vidas na cidade de Picos.

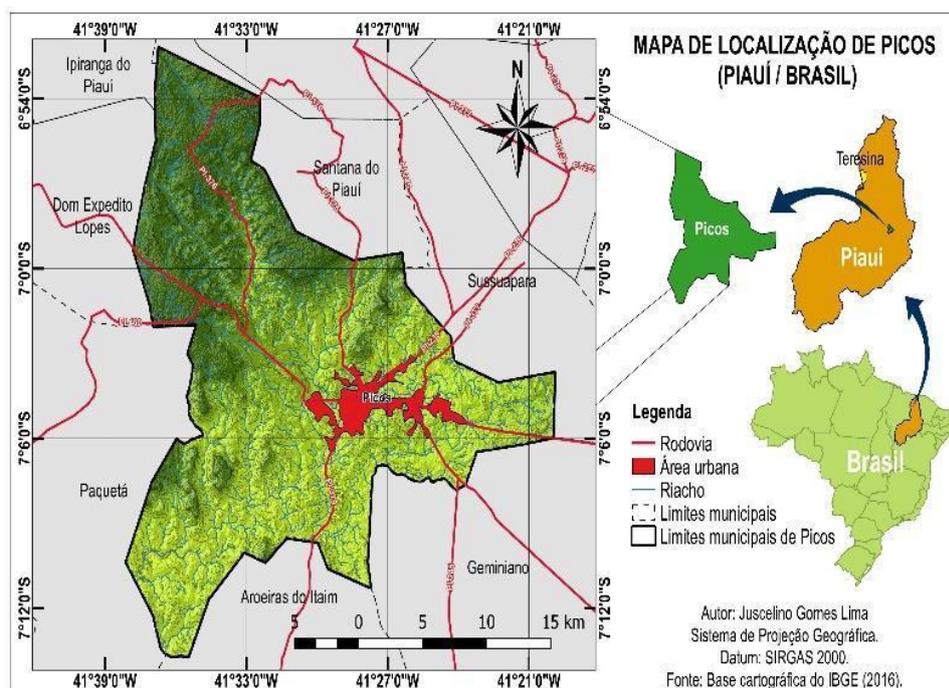
2. PICOS, JUVENTUDE E VIVÊNCIAS

2.1 PICOS COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

A cidade de Picos foi o espaço delimitado da pesquisa, isso deveu-se por todas as nossas entrevistadas terem passado maior tempo de vida nessa cidade, onde elas compartilharam aprendizagens e vivências nos espaços de sociabilidade da cidade.

Picos localiza-se a cerca de 310 km da capital Teresina.

Mapa 1: Localização de Picos.



Fonte: Base Cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – 2016.

Picos, cidade interiorana do estado do Piauí, que se destacou pelo comércio dos mais variados produtos agrícolas, dentre eles, alho, cebola, algodão, arroz, feijão, milho, cera de carnaúba e couro. Destaque também por sua criação, às margens do rio Guaribas, que foi de fundamental importância para o seu desenvolvimento econômico e social, ao seu redor pousaram famílias com o intuito de morar e desenvolver o local.

Foto 21: Picos, por volta do ano de 1925.



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Na foto 21, é possível ver, ao fundo esquerdo, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, núcleo religioso e formador da cidade. Ao lado direito, o rio Guaribas, exuberante, na sua forma mais natural, perene, propagador da vida na região, proporciona o desenvolvimento econômico, a diversão, a sobrevivência por meio da pesca e da caça. Assim, a imagem mostra uma cidade em formação, representa o início da urbanização picoense. Mais ao Centro Sul, a futura Avenida Getúlio Vargas, onde foi edificada a maioria dos pontos comerciais da cidade.

Picos era uma cidade desenhada por limites fluviais e de relevos, muitos morros, picos, serras, e o rio Guaribas que escorregava lentamente com suas águas claras, límpidas e contínuas entre a cidade. Observou-se a definição da paisagem picoense descrita pelo escritor Renato Duarte:

Picos no início dos anos 50 era um pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural. Havia uma convivência estreita, íntima mesmo, entre o aglomerado urbano e o meio ambiente em torno. Até meados da década de 50, mesmo nos meses secos, Picos era cercada de verde, graças à existência de um cinturão de umidade que a envolvia quase que totalmente. Além do Rio Guaribas, que até então era perene, com água correndo durante todo o ano, havia outra faixa úmida que se estendia entre o leito do rio e os

limites urbanos da cidade. Esses dois cinturões de umidade, além de verdadeiros microclimas da importância que tinham por constituírem atenuadores das severas condições climáticas do sertão nordestino, extrapolavam em muito essa função de refrigério ambiental. As duas faixas úmidas tinham relevante papel para a vida e para a economia da cidade, a ponto de certas atitudes e algumas estratégias de sobrevivência serem determinadas por aquelas manchas de fertilidade.⁷⁸

Picos nasceu a partir de fazendas de gado. O rio era instrumento de suporte para essas fazendas, sendo parte da cidade e, utilizando-se a máxima de Heródoto, “O Egito é uma dádiva do Nilo”, pode-se dizer que Picos é uma dádiva do Guaribas, pois, como já vimos no texto, serviu tanto para prover subsídios para o comércio, o lazer, a prática da lavagem de roupa, e também o uso da água nas mais variadas utilidades possíveis: plantio de alho, feijão, verduras diversas, arroz e outras culturas agrícolas. Nesse fragmento, percebe-se outra função, a de amenizar as temperaturas altas da região, servindo, como disse Duarte, de refrigério ambiental, tornando-se assim, Picos, um oásis no Centro Sul do Piauí.

Foto 22: Plantio da cultura do arroz em Picos.



Fonte: Museu Ozildo Albano.

⁷⁸ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995. p. 19.

Sobre as estratégias de sobrevivência utilizadas devido à existência do rio, puderam-se observar os seguintes relatos das nossas personagens Helena Araújo e Ana Maria de Sousa, sobre esses instrumentos de sobrevivência oferecidos pelo rio.

Segundo Helena Maria da Silva Araújo:

Ah, meu filho, o rio servia de mais, lá eu ia buscar água pra tomar banho, para dar água aos animais, para cozinhar, para lavar a roupa, o rio servia para tudo, como ele era aqui pertinho de casa, nós utilizávamos ele para quase todas as nossas atividades, papai plantou muito alho, cebola, arroz, tudo na beira do rio.⁷⁹

Foto 23: Plantação de alho no rio Guaribas.



Fonte: José Rodney Leal Brito.

Essa passagem mostra a importância da presença do rio na constituição das vivências e experiências de nossa entrevistada. Sua infância foi permeada pela participação do rio, esta via de lá sair o sustento da casa dos pais. Seu pai lá plantava alho, cebola, arroz, alimentos primordiais no dia a dia da família. Além de que, o rio também servia para a lavagem de roupas, tomar banho, dar água aos animais. Para a família de Helena Araújo, era fonte de

⁷⁹ ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

vida. As memórias evocadas por essa entrevistada são de fato admiráveis para compreendermos a importância do Rio para sua família na região de Picos.

Ana Maria relata a experiência de trabalho de sua tia Raimunda Viturina, que era lavadeira e engomadeira (palavras utilizadas para pessoas que lavavam e passavam roupa para algumas famílias) de roupa. Raimunda Viturina, também conhecida como Dona Roxa, apelido este ganho por causa da cor de sua pele negra, foi descrita por Ana Maria como uma mulher forte, batalhadora e guerreira, que ajudou Maria das Neves, mãe de Ana Maria, a criar a ela e seus irmãos praticamente sozinha, isso desempenhando o ofício de lavadeira e engomadeira como citado acima. Nas palavras de Ana Maria:

Minha tia foi tão forte, a presença dela, a participação dela, uma mulher também analfabeta, foi doméstica, lavadeira de roupa; ela lavou roupa para essas casas quase todas aqui de Picos, às margens do rio Guaribas. Titia, muita gente a conhecia e a chamavam de Dona Roxa, eu sou branca em relação a ela, ela era aquele preto roxo mesmo, ela era chamada de Dona Roxa. Mundim Bezerra conheceu demais, ele dizia assim: ‘Ana, Dona Roxa foi uma senhora muito sábia’, né, mas titia não conhecia um A, era analfabeta, eu tenho muito respeito por ela.⁸⁰

A presença de Raimunda Viturina na fala da professora Ana Maria de Sousa foi intensa e cheia de sentimentos, pois, após a morte da mãe de Ana Maria, foi Raimunda Viturina que ajudou a criar a ela e seus irmãos. Foi citado no trecho acima o respeito que Ana Maria tem por sua tia, personagem de fundamental importância na constituição da sua formação moral e profissional, como grande incentivadora de Ana Maria. Perceba que o fato de ser analfabeta não implica a sabedoria existente na personagem Raimunda Viturina. A condição de analfabeta não a diminui; pelo contrário, ela ganha o respeito da população, pois, mesmo sem o conhecimento das letras, foi capaz de sobreviver e contribuir, de seu jeito, para a formação da vida de Ana Maria de Sousa. O respeito que as pessoas tinham por ela comprova sua sabedoria, que não vinha dos livros, mas sim de suas experiências vividas.

No relato de Ana Maria de Sousa, demonstrou-se a utilidade do rio, que é tratada por Duarte, das táticas de sobrevivência, pois é a partir das águas do rio, que Raimunda Viturina foi exercer seu trabalho braçal de lavadeira para os residentes na cidade de Picos, tendo assim uma real convivência entre as pessoas e o meio ambiente picoense.

Outro aspecto de extrema relevância na experiência cidadina era o centro da cidade que continha a Praça Félix Pacheco, principal ponto de sociabilidade picoense. Foi lá onde houve

⁸⁰ SOUSA, Ana Maria de. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

espetáculos teatrais, festas, danças, folclore, encontros de jovens, convenções estudantis, protestos, namoricos, paqueras, politicagem, jogos, apostas, trocas comerciais, paradas de carros que carregavam passageiros, enfim, a Praça Félix Pacheco era o *point* das décadas de 50, 60 e 70 da cidade de Picos, servindo de instrumento de socialização para as diversas camadas sociais que ali conviviam diariamente.

Segundo Duarte, a Praça Félix Pacheco “tinha a tripla função de área de lazer, de centro comercial e de área residencial”.⁸¹ Verificou-se nas falas de nossas entrevistadas a presença pertinente da Praça Félix Pacheco e o que representou para elas. A seguir, temos a descrição minuciosa de como era a Praça Félix Pacheco:

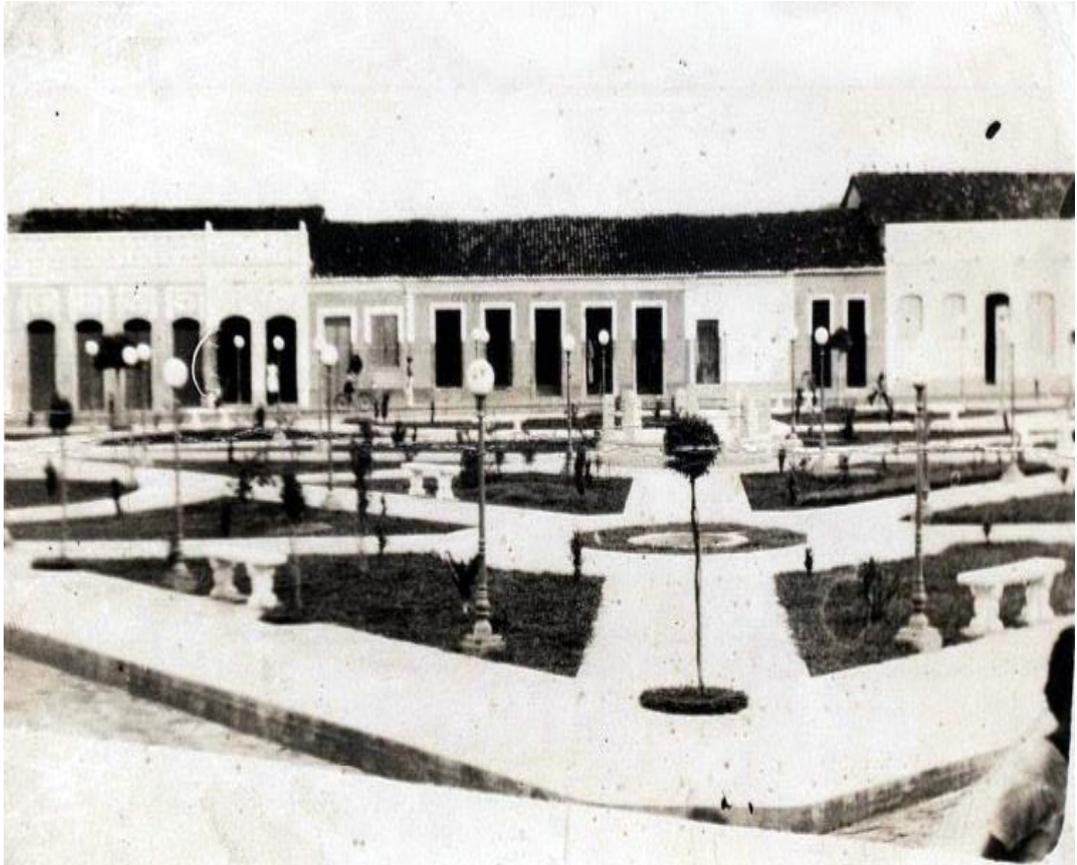
A Praça Félix Pacheco, além de ser, então, o único jardim público da cidade, combinava as funções de área comercial e residencial com a de local de socialização dos picoenses. O jardim propriamente dito respeitava, no começo dos anos 50, as características do projeto original executado durante a gestão do prefeito Adalberto (Bertinho) Santos (1938- 1945). O passeio público e o paredão formavam um conjunto arquitetônico homogêneo e bonito. O jardim – que tinha área maior do que a atual – continha todos os elementos próprios de uma praça, como área de lazer e como espaço de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de postes diversos, canteiros, gramados, bancos. Os bancos, apesar de desconfortáveis, pois não tinham encosto, eram originais: constavam de uma pedra apoiada em dois suportes com formato do rosto de leões. Os postes de iluminação eram feitos de ferro trabalhado e eram encimados por globos de vidro de cor leitosa. A iluminação do paredão era semelhante, o que contribuía para a harmonia visual do conjunto, porém os postes eram de tamanho menor que os da praça. Só havia dois tipos de vegetação no jardim: Pés de figuinho (*Ficus benjamim*) e grama. Os laterais eram de porte grande e sombreados. Distribuídos pelos canteiros centrais da praça havia dezenas de pés de figuinho de pequena estatura, cuidadosamente podados em formas de cubo, esferas e cilindros.⁸²

A Praça Félix Pacheco agregou o cotidiano das mulheres aqui estudadas, como elemento fundamental, é lugar de memória citado pelas professoras.

⁸¹ DUARTE, 1995, p. 35.

⁸² DUARTE, 1995, p. 35-36.

Foto 24: Praça Félix Pacheco, anos 1950.



Fonte: Museu Ozildo Albano.

A praça era local que possibilitava a troca de experiências e vivências picoenses nas suas diversas maneiras de existir. A professora Oneide Rocha contou que a praça de Picos constituiu o *point* de lazer, onde os mais variáveis e distintos acontecimentos sucediam. Oneide Rocha nasceu e se criou numa casa em frente à Praça Félix Pacheco, permanecendo lá até os dias de hoje.

A experiência partilhada foi ímpar, pois, no centro da cidade, havia a praça como coração pulsante dos acontecimentos. Neste caso, o depoimento mostrou a importância desse local para as meninas, pois era ali que brincavam, de diversas brincadeiras, exemplo: pular corda, jogar castanha, pular macaco, amarelinha, de correr, de roda, de boneca, de casinha. É interessante que elas também faziam suas apresentações culturais, os dramas. São crianças aprendendo a se relacionar com o público, é o espaço que aparentemente foi livre para as brincadeiras de crianças da época.⁸³

⁸³ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

Uma das principais memórias da professora Oneide Rocha era a reza do terço, e enfaticamente ela disse que “o terço era rezado todos os dias”.⁸⁴ Só que, dentro de sua fala, a entrevistada nos mostra a importância mais uma vez dada à praça. Averiguou-se com atenção a sua fala: “A minha primeira memória familiar, que eu me lembro, é a reza do terço, todo dia depois do jantar, jantava-se cedo por volta de cinco horas, mamãe reunia todo mundo, *podia tá brincando na praça*, chamava pra rezar o terço”.⁸⁵ (grifo do autor) Observou-se que ela diz: “podíamos estar brincando na praça”, ou seja, diariamente a praça era convívio familiar, foi inseparável de sua infância, e a praça fez parte de seu crescimento.

A professora Olivia Rufino também agregou valor importante à praça, pois ela relatou que as atuações políticas, culturais, escolares, e inclusive de relacionamentos amorosos, tinham a praça como centro de convenções para esses acontecimentos.

Seu exemplo é próprio de como a praça estava intimamente ligada aos relacionamentos. Foi lá onde iniciou seu relacionamento com seu futuro esposo naquela época, Benjamin Pires Borges. Observe como se deu o desenrolar da apresentação entre os dois:

Ele trabalhava na delegacia, aí ele passava. Mas eu não ia falar e nem ele falava comigo, aí a gente ficava só de olho um no outro. Eu tinha uma amiga chamada Raquel, e ela foi dar um recado para ele, que eu mandava dizer que queria falar com ele, na praça, à noite, e minha amiga deu o mesmo recado para mim, dizendo que ele queria me encontrar. Então à noite descobrimos que ela tinha inventado, ela foi lá e disse que era porque esse negócio estava muito enganchado.⁸⁶

Após o namoro, não demorou muito, e, no dia 20 de abril de 1955, Olivia Rufino casou-se com Benjamin Pires. Ele aos seus 23 anos de idade, e ela, aos 21 anos.

⁸⁴ ROCHA, 2017.

⁸⁵ ROCHA, 2017.

⁸⁶ BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida à pesquisadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013a.

Foto 25: Olívia Rufino no seu Casamento.



Fonte: Acervo particular de Olívia Rufino.

É fato que o espaço e seus usos eram fatores responsáveis por grande parte dos relacionamentos, namoros e até casamentos que ocorriam na cidade de Picos, pois era o local onde ocorreriam os namoricos, as paqueras, o conhecer o parceiro, as danças, as brincadeiras, as festas. As moças tinham o costume de rodear a praça para olhar o movimento, sempre andavam em grupo, e os rapazes ficavam de olho nas meninas que passavam, era ali na praça que se faziam as experiências da conversa, do galanteio, do namoro. Na passagem que Borges cita, foi uma amiga dela que fez o encontro acontecer, o local marcado, a praça, sem aparentemente os dois envolvidos saberem, pois a amiga Raquel deu o mesmo recado para ambos, e estes se encontraram na praça para conversar; a partir deste acontecido, começaram um namoro que culminou no casamento.

Quando perguntada sobre o casamento de suas amigas, Borges respondeu assim “As minhas companheiras que passeavam junto comigo na praça toda noite, estão ou foram casadas” (BORGES, 2013). É dessa forma que podemos perceber que a praça foi meio inclusive para os casamentos da época, mesmo sabendo que ainda naquela época aconteciam muitos casamentos escolhidos pelos pais das moças, mas, não deixando de ter importância relevante uma das funções da praça, que era unir jovens nos laços amorosos significantes para o desenrolar de suas vidas.

Em relação ao namoro, existiam limites, pois uma sociedade conservadora, dominada pelo conservadorismo masculino, não deixaria tão livremente ocorrerem essas sociabilidades, esses envolvimento de gêneros, sem alguns limites morais da época. Duarte exemplifica, no seu livro, que, em relação ao namoro, havia aqueles que eram malfalados, principalmente se fugissem à regra do encontro no passeio da praça. Por exemplo, os encontros nas esquinas, que eram totalmente contrário aos aspectos morais da sociedade mediana e alta da cidade de Picos. Segundo Duarte:

A esse respeito, vale lembrar que havia uma reprovação generalizada dos encontros de namorados nas esquinas, mesmo naquelas bem iluminadas: ser vista em colóquios amorosos em uma esquina, mesmo cedo da noite, era motivo para que uma moça começasse a ser “falada”, ou seja, a ter o seu comportamento censurado e a sua reputação questionada. Pior do que isso, para uma jovem, era ser tachada de moça “desfrutada”, o que no, fundo, equivalia ao epíteto de namoradeira.⁸⁷

Da mesma forma que a praça serviu de espaço social para os relacionamentos, podemos entender que, fora dos seus limites, já era reprovada a prática dos encontros, pelo menos por uma parcela da classe média alta da sociedade picoense.

A praça se mostrou um local também de conflitos ideológicos, pois houve relatos de que era reprovável quem se encontrava nas esquinas. Então, é claro que ocorreram os encontros ditos proibidos, mostrando assim uma forma de resistência, ou combate ao pensamento tido como moralista para as moças da época.

Ao longo das pesquisas, encontraram-se algumas passagens onde a praça não é só lugar de beleza, de comemoração, de festejo, mas, sim, local de conflito também entre as classes. O ápice de conflitos de classes se deu, no olhar de Olivia Rufino, quando o prefeito Adalberto de Moura Santos, que era conhecido por Bertin Santos, filho do coronel Francisco de Sousa Santos, um dos grandes coronéis que a região já teve, proibiu as moças pobres de frequentarem o passeio da praça.

Segundo Olivia Rufino:

⁸⁷ DUARTE, 1995, p. 38.

Ele proibiu as moças pobres de subirem no passeio da praça, elas não podiam subir, ele botou um carcereiro na cidade de vigia. Assisti quando uma moça criada por seu Raul, que era criada como filha dele, uma menina muito boa, estudava, limpinha, ela subiu na praça, e ele a mandou descer, ela era criada na casa de fulano de tal. E ela disse que não, que era como filha e que ele deixasse, e ele a mandou descer. Ela não desceu e ele a empurrou, ela caiu no meio da rua. Eu assisti quando um moço chamado Mundico Neiva foi pra cima dele, e ele puxou a faca, um punhal desse tamanho.⁸⁸

As disputas pelos espaços de socialização, o domínio por uma classe social econômica mais abastada, as lutas e resistências das menos abastadas encontram-se aqui nessa declaração, onde se chega à proibição de moças pobres subirem na praça, o uso da força masculina, ao ponto do uso da força para impedir a continuidade da moça na praça. Percebeu-se que a praça também foi local de disputas, de percalços sociais, não resolvidos na época. Separaram-se as moças por quesito econômico, as da classe média alta e as ricas.

É interessante ressaltar a ação de Mundico Neiva, que foi ao enfrentamento do carcereiro com uma faca em defesa da moça pobre, não só ele como também Olívia Rufino, que nos relatou que: “Eu fui pra cima dele, o chamei de covarde, eu desse tamanhinho, o chamei de covarde, esculhambei com ele”.⁸⁹ Com isso, é perceptível que a praça era palco de diversos acontecimentos, inclusive de disputas sociais.

As relações de gênero eram bem definidas. O homem tinha uma relação de poder sobre a mulher, pois, quando se tratava de as mulheres casadas frequentarem a praça, havia limitações, ou elas iam com os pais, ou com o marido, e ainda se registrou que era pouca a movimentação das mulheres casadas na praça e bares ao redor.

Segundo Duarte: “As senhoras casadas não passeavam na praça e raramente frequentavam os bares e, quando o faziam para merendar ou tomar um refrigerante, estavam sempre acompanhadas dos maridos”.⁹⁰ É intensa a presença do masculino nas decisões das mulheres, aqui nos deparamos com a situação de as mulheres casadas terem restrições ao passeio, pois só poderiam ir se acompanhadas pelos maridos.

É com essas análises que ao longo do texto pode-se ponderar sobre como as personagens aqui conseguiram se inserir na sociedade, driblar esses domínios masculinos e adentrar de fato na modificação do pensamento social picoense, como estas mulheres guiaram suas vidas, algumas abdicando do casamento, de filhos, adentrando a vida profissional, e outras sendo mães, donas de casa, esposas, mas não se submetendo totalmente aos mandos e desmandos dos maridos, ou seja havia uma resistência a autoridade do marido, considerada

⁸⁸ BORGES, 2013a.

⁸⁹ BORGES, 2013a.

⁹⁰ DUARTE, 1995, p. 37.

nas décadas aqui estudadas como normalidade a autoridade masculina. Elas foram se esgueirando pelos jeitos de levarem esses homens a não interferirem na totalidade de suas decisões, como a de trabalhar, estudar e ser, de certa forma, provedoras do lar.

Olivia Rufino ressaltou no seu discurso que a praça também foi palco de manifestações políticas, pois era lá onde se tinha a maior visibilidade das manifestações. Olivia Rufino nos narra uma certa vez que fizeram uma manifestação contra um inspetor que, segundo a declarante, estava colocando dificuldades em dar continuidade ao ginásio escolar e queria fechá-lo. Então, ela juntamente com um grupo de amigos fizeram o “enterro do inspetor”, o testa de ferro que pretendia fechar o ginásio. Segundo Olivia Rufino:

Nós fizemos o enterro do homem. Arranjamos um caixão, colocamos um pau dentro, cobrimos de flores, eu me vesti de luto, que era para representar a viúva; e nós fomos à porta dele, chegando lá acendemos as velas lá na porta da casa dele e na janela, era ali de frente ao Paraíba. Viemos de lá para cá, Ozildo paramentado de padre, Odonel na frente com uma cruz no ombro e eu e mais duas atrás gritando e chorando. Então fomos para Praça Félix Pacheco, pusemos o caixão no coreto e fomos fazer os discursos. Ozildo fez a recomendação, ‘aquela’ recomendação, paramentado de padre, e Odonel fez o discurso político se despedindo do colega dele político, as famílias todas assistindo e aplaudindo.⁹¹

Essa passagem corrobora a ideia de a praça e a juventude estarem ligadas. A praça era o começo, meio e fim dos eventos picoenses. Nesse caso, essa representação teatral era uma manifestação pacífica e intelectual dos estudantes do ginásio contra o inspetor.

Essa manifestação é citada a partir do ponto de vista dos alunos. Realmente chama a atenção pela criatividade e disposição dos alunos em criar uma amostra teatral reivindicando a permanência do ginásio e assinatura dos diplomas. O manifesto saiu em diversos meios de comunicação e até hoje é lembrado por aqueles que fizeram parte do movimento. Cabe ressaltar que eram estudantes da segunda turma do ginásio, o corpo discente ainda estava em formação, a cultura ginásiana ainda estava embrionária, um dos motivos para tal acontecimento ter chamado tanta atenção, alunos destemidos e aguerridos em dar continuidade a um projeto educacional que ainda estava engatinhando.

O movimento foi relatado pela professora Olívia Rufino na *Revista Foco*, edição comemorativa dos 111 anos da Cidade de Picos, essa edição saiu no ano de 2002. Abaixo está o trecho da entrevista com a professora Olivia Rufino Borges.

⁹¹ BORGES, 2013a.

Foto 26: Trecho de página da *Revista Foco*.

A historiadora Olívia Rufino, aluna da segunda turma a se formar no Ginásio de Picos, fala sobre dois acontecimentos, principalmente o primeiro, considerado um marco na história da Imprensa escrita do município:

“Quando nasceu o Ginásio de Picos, a sua presença foi como um divisor de águas da Picos que existia naquele momento e da que começava a ser. Eu fiz parte da segunda turma do Ginásio. Naquele tempo, nós já fizemos um protesto na praça contra um fiscal de Educação que não quis assinar nossos diplomas. Aliás, os nossos não, que éramos da segunda turma, mas sim os dos alunos da primeira. Nós fizemos o enterro do homem, acendemos velas na porta da sua casa, ele trancou as portas, ficou assombrado. Colocamos um pedaço de pau dentro do caixão, colocamos flores e transportamos esse caixão pela rua inteira, não era nem grande a cidade. Levamos pro coreto da praça, fizemos discursos, choramos, as viúvas, enfim, foi um estardalhaço.

Fonte: *Revista Foco*, Picos, 2002, p. 40.

Assim, foi dissertado sobre a importância da praça para as vivências e experiências de nossas entrevistadas. Conforme Olívia Rufino: “Eu posso ficar horas e horas só pensando, onde estava tal tempo, na minha praça, onde aprendi a dançar, onde eu decidi tanta coisa junto com os companheiros, onde eu expus as minhas ideias, mas também aprendi com as deles”.⁹²

Como toda boa história, temos os dois lados da moeda. Nas pesquisas ocorre o alento para sabermos mais sobre esse acontecimento e descobrir algum relato do outro lado da história. Descobrimos numa edição do *Jornal dos Bairros* de abril de 2002, na página 4, um

⁹² BORGES, 2013a.

depoimento do padre David Ângelo Leal sobre o fato ocorrido, em depoimento datado de 25 de Janeiro de 1987.

Foto 27: Depoimento do Padre David Ângelo Leal.

Página 04 JORNAL DOS BAIROS Picos de 16 a 30 de Abril / 2002

ALBERTO DE DEUS NUNES

No dia 13 de abril de 1969, falecia aos 56 anos de idade, Alberto de Deus Nunes - vítima de derrame cerebral. Seu sepultamento ocorreu em Jau - SP, cidade distante 315 quilômetros da Capital. Nascido em Picos, no dia 25 de Abril de 1913, Alberto Nunes logo cedo conheceu todas as dificuldades que teria que enfrentar em sua curta existência. Ele foi um autodidata, professor, jornalista, poeta, escritor, filantropo. Fundou o Jornal "A Ordem", na década de 50 em parceria com Absolon de Deus Nunes e outros poetas da época, em suas páginas artigos pujantes e crônicas excitantes transformaram o mundo intelectual em uma nova visão, com soluções objetivas, edificantes e realistas. Em São Paulo no dia 1º de Março de 1968, fundou o semanário de assuntos fiscais e literários "Alvorada". Como reconhecimento a muitos serviços prestados, a Prefeitura Municipal de São Paulo homenageou-o com nome de Rua no Bairro Tremembé. Em Picos, sua cidade Natal, infelizmente até agora não houve um reconhecimento da Prefeitura Municipal ou da Câmara Municipal que lembrasse seu nome, deixando cair no ostracismo, consequência de distorções e do cumprimento da história de Picos desde a década de 30 até meados da década de cinquenta. Nós somos os omissos, olvidando um verdadeiro poeta, escritor e professor Alberto de Deus Nunes. Alguns de seus muitos trabalhos literários podem ser encontrados no Museu de Ozildo Albano, na Praça Josino Ferreira e também na memória de alguns velhos Amigos seus como do Pe. David Angelo Leal, como o DEPOIMENTO que segue abaixo: "Ainda jovem sacerdote, por obediência aos meus superiores, vim residir em Picos como vigário desta Paróquia em setembro de 1947. Tive, é certo, as minhas dificuldades. Porém, logo me apercebi que estava no meio de um povo acolhedor, de uma gente simpática, em grande parte ligada a mim pelo parentesco ou por laços de amizade de famílias. Conquistei muitos novos amigos, tornando-me mais forte, mais rico. Lemos no Livro do Eclesiástico (6,14): "Um amigo fiel é um refúgio poderoso e quem o encontra achou um tesouro". Desses amigos, uns passaram a residir em outras paragens, outros se foram para a Eternidade a chamado do Pai, Senhor da Vida, Senhor da morte. **Alberto de Deus Nunes**, amigo fiel, foi um destes que se foram. Primeiramente em 1953, passou a residir em São Paulo. Depois em 1969, se foi para a derradeira morada. Apesar da distância no tempo, lembro-me perfeitamente do perfil moral e físico de Alberto Nunes. Era um forte, de corpo e de espírito. Pelas circunstâncias do tempo não lhe foi possível conquistar lauréis universitários. Doutorou-se, porém, na Escola da Vida, tornando-se um autodidata, um "self-made-man", como dizem os de língua inglesa. Estudioso, o cabedal que entesourara na mente por esforço pessoal, sentiu-se na obrigação de transmiti-lo a outros. Para isto ele foi professor. Sensível aos problemas humanos, quis externar a outros as suas inquietações. Para isto, foi jornalista. Os sentimentos mais nobres do seu coração, transformou-os em belos poemas. Ele foi poeta, e que poeta! Generoso, tinha o coração, as mãos e a bolsa abertos para os pobres, os detentos, os mais necessitados. Sabia repartir o pão, segundo os ditames de Jesus de Nazaré. Era um filantropo. A maior riqueza do seu coração - o amor - dividiu-o primeiramente com Honorina Andrade, sua primeira esposa, que Deus levou logo ao nascer o primeiro filho, que logo depois a acompanhou na grande viagem da morte. Foi um impasse difícil na sua vida, mas ele soube superar heroicamente. Casou-se em segundas núpcias com Almerinda Moura, nascendo-lhes deste enlace doze filhos. Bom esposo. Bom pai de família. Bom amigo. Tinha bom caráter, mas era inflexível nas suas decisões, quando as considerava corretas. Lembro-me de um episódio de sua vida, que muito o magoou. Foi uma verdadeira prova de fogo para a sua dignidade de homem público. Funcionário federal nesta cidade, foi, pelas autoridades do Ensino, designado para fiscalizar as aplicações de provas no Ginásio de Picos. Uma vez que não podia fazer-se presente por ocasião dessas provas, ele, confiando no diretor e professores daquele estabelecimento, rubricava com antecedência as folhas oficiais das referidas provas. Sentindo que estava sendo enganado, reagiu decididamente, recusando-se a rubricar tais folhas. Esta fato acarretou-lhe sérios dissabores. Foi ele insultado, humilhado. Os alunos do Ginásio movimentaram a cidade. Fizeram programas de protesto numa amplificadora que funcionava na Praça Félix Pacheco, na chamada "Esquina Ideal", tachando o professor, o jornalista, o poeta Alberto Nunes de analfabeto, entre outras coisas. Não satisfeitos, encenaram o seu enterro simbólico. Fizeram um caixão, cobriram-no de pano preto e de tarjas e, parece incrível, saíram pelas ruas, uma cruz à frente. Uma aluna, vestida de viúva, carpiu perto do caixão. Os outros, abraçados, cada um com cada uma, chorando alto, com velas acesas nas mãos. Seguiam atrás. Encontrando-me com o tal cortejo, eu protestei fortemente contra a profanação da cruz, levada num motim de estudantes. E pedi que a retirassem. O diretor do Ginásio, ou não quis, ou não soube, ou não pôde evitar aquele drama nunca dantes visto, nem depois na história desta boa, pacata e cristã cidade de Picos. Apreensivo, dirigi-me para a casa de Alberto Nunes, então na hoje chamada Avenida Francisco Santos. Afirmei Cícero no seu livro "Da Amizade": "**Amicus certus in re incerta cernitur**" - O Amigo Certo se Reconhece Numa Situação Incerta. A



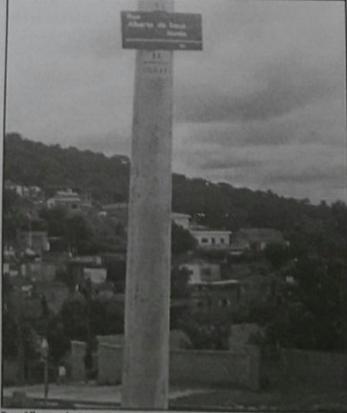
Alberto de Deus Nunes

situação para Alberto, naquelas circunstâncias era incerta. E eu e José Soares, procuramos ser amigos certos. Fomos visitá-lo. Ficar ao seu lado, ao lado de sua esposa, dos seus filhos. Encontramo-lo calmo, corajosamente tranqüilo. - Aconselhamo-lhe que fechasse porta e janelas da casa recesos do que fariam os manifestantes quando por ali passassem. Felizmente, não houve nada contra ele. Deixaram apenas nos batentes da porta e das janelas, as velas acesas, chorando lágrimas de cera, triste epílogo daquela encenação que bem merecia lágrimas de verdade. Acredito que no mais íntimo do coração de Alberto Nunes, medrou um ressentimento profundo por se ver assim tratado em sua própria terra, pela sua própria gente, sem nenhuma solidariedade por parte do seu próprio povo. Talvez em consequência deste acontecimento lastimável, ele tenha decidido mudar-se para São Paulo, enfrentando toda sorte de dificuldades. Alberto de Deus Nunes foi um forte. Lutou como um bravo, que não se deixa abater diante dos desafios da vida. Pode-se dizer que morreu pobre como pobre viveu. Foi rico de coragem, de valor pessoal. E de filhos. Teve-os doze, seis nascidos em Picos e seis em São Paulo. Prova bem patente de que confiava na Divina Providência. Filho obediente da Igreja, começou a morrer numa igreja, a de São Cristóvão em São Paulo. Pela manhã saíra de casa em boa forma, alegre, para uma reunião de pais e mestres. Na volta, foi encontrado passando mal dentro daquele templo. Não se sabe se ele ali chegara antes ou depois do mal imprevisto que o acometera. Pessoas caridosas o socorreram. Por uma carta encontrada no seu bolso, descobriram o seu endereço. O quanto não sofreu Almerinda naquela ocasião. Quanto não sofreram também os seus filhos. Levado para hospitais, não encontrou recursos que o salvassem da morte. Faleceu no dia 13 de abril de 1969. - Que a fé cristã que nunca lhe faltou em vida, tenha lhe servido de fanal na sua saída deste mundo dos homens nem sempre bons e ingresso no Céu de Deus, sempre Bom e Misericordioso. Um dos seus filhos, o Douglas, desejando escrever um livro sobre o seu heroico progenitor, e sabendo de minhas ligações de amizade com ele, pediu-me um depoimento.

Aqui está o meu DEPOIMENTO, sobre Alberto de Deus Nunes".

Picos Pi., 25 de Janeiro de 1987

Padre David Ângelo Leal.



Rua Alberto de Deus Nunes

Fonte: LEAL, David Ângelo. Alberto de Deus Nunes. *Jornal dos Bairros*, Picos, 16/30 abr. 2002, p. 4.

Para melhor leitura, segue abaixo a transcrição fiel do depoimento do padre David Ângelo, que faz referência ao manifesto ocorrido em Picos:

Funcionário federal nesta cidade, foi, pelas autoridades do ensino, designado para fiscalizar as aplicações de provas no Ginásio de Picos. Uma vez que não podia fazer-se presente por ocasião dessas provas, ele, confiando no diretor e professores daquele estabelecimento, rubricava com antecedência as folhas oficiais das referidas provas. Sentindo que estava sendo enganado, reagiu decididamente, recusando-se a rubricar tais folhas. Este fato acarretou-lhe sérios dissabores. Foi ele insultado, humilhado. Os alunos do Ginásio movimentaram a cidade. Fizeram programas de protesto numa amplificadora que funcionava na Praça Félix Pacheco, na chamada ‘Esquina Ideal’, tachando o professor, o jornalista, o poeta Alberto Nunes de analfabeto, entre outras coisas. Não satisfeitos, encenaram o seu enterro simbólico. Fizeram um caixão, cobriram-no de pano preto e de tarjas, e, parece incrível, saíram pelas ruas, uma cruz à frente. Uma aluna, vestida de viúva, carpia perto do caixão. Os outros, abraçados, cada um com cada uma, chorando alto, com velas acesas nas mãos, seguiam atrás. Encontrando-me com o tal cortejo, eu protestei fortemente contra a profanação da cruz, levada num motim de estudantes. E pedi que a retirassem. O diretor do Ginásio, ou não quis, ou não soube, ou não pode evitar aquele drama nunca dantes visto, nem depois, na história desta boa, pacata e cristã cidade de Picos. Apreensivo, dirigi-me para a casa de Alberto Nunes, então na hoje chamada Avenida Francisco Santos. Afirmou Cícero, no seu livro *Da Amizade*: ‘Amicus certus in re incerta cernitur’ – o amigo certo se reconhece numa situação incerta. A situação para Alberto, naquelas circunstâncias, era incerta. E eu, e José Soares, procuramos ser amigos certos. Fomos visitá-lo. Ficar ao seu lado, ao lado de sua esposa, dos seus filhos. Encontramo-lo calmo, corajosamente tranquilo. Aconselhamos-lhe que fechasse porta e janelas da casa, receosos do que fariam os manifestantes quando por ali passassem. Felizmente, não houve nada contra ele. Deixaram apenas, nos batentes da porta e das janelas, as velas acesas, chorando lágrimas de cera, triste epílogo daquela encenação que bem merecia lágrimas de verdade.⁹³

Esse depoimento foi entregue ao filho de Alberto de Deus Nunes, Douglas Moura Nunes. O relato acima conta outra versão sobre o acontecimento, mostra que o Sr. Alberto Nunes achava estar sendo enganado, por esse motivo recusou-se a assinar os papéis. É perceptível na fala do padre David Ângelo a apreensão sobre o manifesto, pois considerava injusto o acontecimento com seu amigo Alberto de Deus.

O fato é que o início da década de 1950, época em que ocorreu a manifestação, foi marcante para a sociedade de Picos, sabemos que são abordagens diferentes do mesmo assunto, que por mais que um lado reescreva o acontecimento de uma forma, e o outro de outra, temos uma movimentação de ideias na cidade, passagens que enriquecem a história de Picos.

⁹³ LEAL, David Ângelo. Alberto de Deus Nunes. *Jornal dos Bairros*, Picos, 16/30 abr. 2002, p. 4.

Foto 28: Padre David Ângelo Leal.



Fonte: Acervo particular de Wellington Silva Araújo.

O padre David Ângelo Leal nasceu no dia 27 de Julho de 1922, na localidade da Caiçara, região do município de Campo Grande do Piauí, que fica cerca de 50 km da cidade de Picos. Formou-se em filosofia, teologia, chegou a ser diretor do Ginásio Marcos Parente em Picos, além de Inspetor Público de Educação Piauiense. Mas seu destaque maior foi como religioso: recebeu sua batina em 4 de abril de 1936, daí em diante sempre nos quadros da igreja, foi muito admirado por sua atuação sacerdotal. Em 2013, aos seus 91 anos de idade, veio a óbito na mesma localidade de seu nascimento.

2.2 DOCÊNCIA E FEMINILIDADE

É comum a todas as quatro entrevistadas a prática da docência, o magistério foi um dos caminhos seguido por nossas personagens que integram esta narrativa. A história da feminização do magistério no Brasil tem relação com a precária situação da educação no Brasil ainda no século XIX, um dos motivos era a falta de docentes com boa formação e a quantidade também era insuficiente, e uma das reclamações da época era a falta de escolas para a formação desses profissionais.

Assim, durante o Período Regencial Brasileiro (1831- 1840) criaram-se as primeiras escolas para a formação de professores, sendo para ambos os sexos. Esses centros de formação de professores receberam o nome de Escolas Normais.

Segundo Cristiane Pinheiro: “Em 1835 foi criada a escola normal em Niterói e em 1836, a da Bahia, visando um melhor preparo dos professores. Tais escolas desenvolveram-se mais intensamente apenas durante o período republicano”.⁹⁴ A autora destaca, ainda, a afirmativa de Guacira Lopes Louro:

O abandono da educação nas províncias brasileiras, denunciado desde o início do império, vinculava-se, na opinião de muitos, à falta de mestres e mestras com boa formação. Reclamavam, então, por escolas de preparação de professores e professoras. Em meados do século XIX, algumas medidas foram tomadas em resposta a tais reclamos e, em algumas cidades do país, logo começaram a ser criadas as primeiras escolas normais para a formação de docentes.⁹⁵

A citação acima informa uma possível explicação para o número de mulheres inscritas nas escolas normais serem maiores que os dos homens: ocorreu a saída do público masculino das instituições formadoras, esses estavam em busca de empregos em outros ramos, como o da indústria e comércio, por exemplo, e normalmente o salário era mais atrativo do que o salário do professor.

Sobre o assunto de permanência na docência feminina, temos o seguinte escrito:

Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para as mulheres porque era um trabalho de ‘um só turno’, o que permitia que elas atendessem suas ‘obrigações domésticas’ no outro período. Tal característica se constituiria em mais um argumento para justificar o salário reduzido – supostamente, ‘um salário complementar’. Com certeza, não se consideravam as situações

⁹⁴ PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967- 1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007. p. 58.

⁹⁵ LOURO, Guacira Lopes apud PINHEIRO, 2007, p. 58.

em que o salário das mulheres era fonte de renda indispensável para a manutenção das despesas domésticas.⁹⁶

A ideia de a mulher ocupar o cargo de formadora, de mestre, tinha seus defensores e apoiadores, como aqueles que viam problemas nisso, pois, para os que não concordavam, uma das críticas era as mulheres terem que estar ministrando aulas para turmas de meninos. Por outro lado, tínhamos defensores da ideia, pois viam as mulheres naturalmente como as melhores e mais preparadas para o ensino, principalmente o primário, pois se assemelhava muito à maternidade. Seria naturalmente fácil para as mulheres se adaptarem à profissão, e para aquelas que não tinham filhos ainda, servia como treino de experiência com as crianças. Sobre o assunto observemos o seguinte:

Afirmavam que as mulheres tinham, ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’, cada aluno ou aluna visto como um filho ou uma filha ‘espiritual’. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele ocorreriam aquelas que tivessem ‘vocação’.⁹⁷

O argumento de que as professoras teriam melhor desempenho com as crianças, pois ‘naturalmente’ as ajudaria, inclusive na função de mãe, é interessantíssimo do ponto de vista masculino, pois as esposas não estariam transgredindo nenhuma regra social. Associar o trabalho da docência com o de mãe é algo que perpassou os tempos do início da República e permanece até os dias de hoje. Segundo Louro:

A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como ‘tipicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um ‘sacerdócio’ do que como uma profissão.⁹⁸

Ser professor é um sacerdócio: frase proferida inúmeras vezes por diversas personalidades, políticos, professores, professoras, mães, pais, alunos. O engessamento da ideia de que a profissão do magistério é sacerdócio permanece nos dias de hoje. Ha debates sobre o assunto nas universidades, nas escolas, sobre a profissão, sobre o profissionalismo do trabalho da docência, a vocação, o sacerdócio.

⁹⁶ LOURO, Guacira Lopes. As mulheres em sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 450.

⁹⁷ LOURO, 2013, p. 450.

⁹⁸ LOURO, 2013, p. 450.

Quando perguntada sobre sua vocação, a professora Oneide Rocha nos relata:

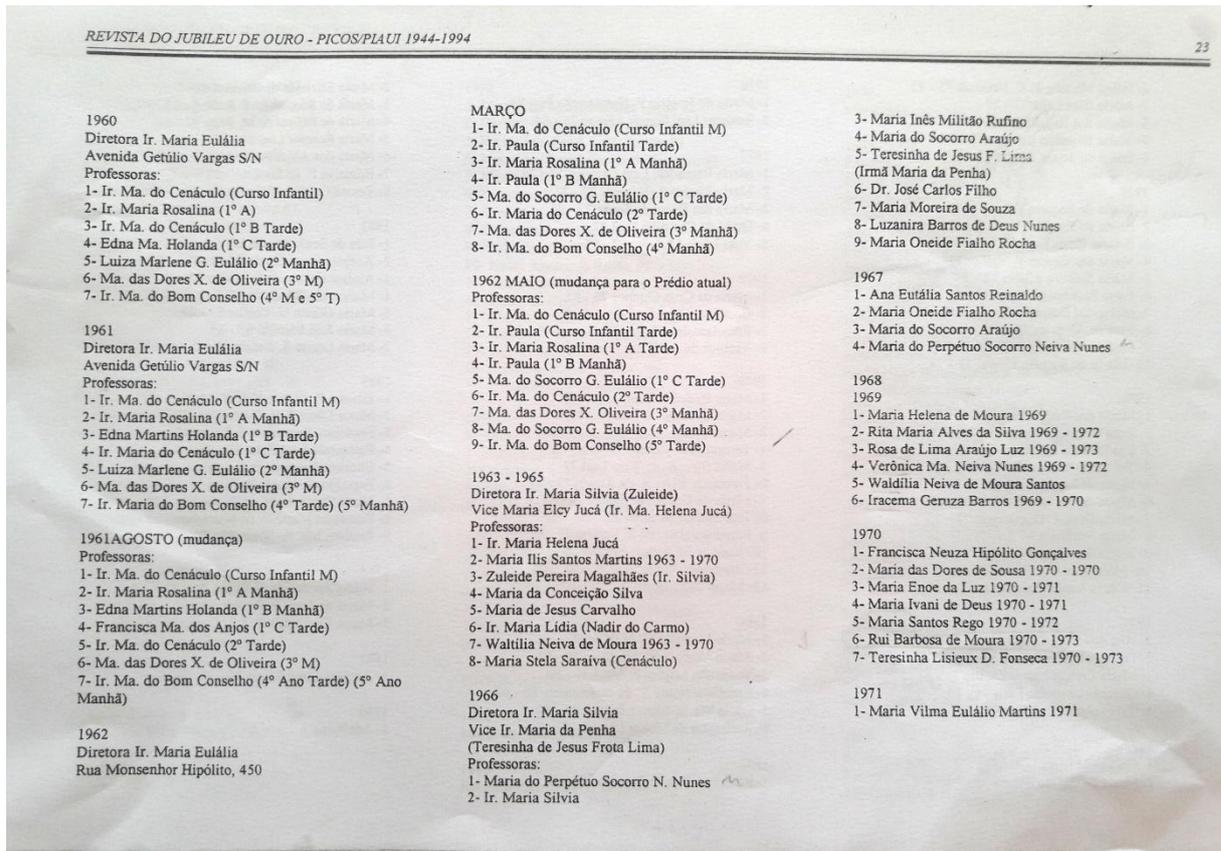
Samairkon Alves: A vocação que a senhora...?

Oneide Rocha: A vocação de professora, de educadora. Eu entrei numa sala de aula em Picos, em março de 1966, e passei quarenta e sete anos na educação. As primeiras turmas em que eu dei aula, foi no terceiro ano primário, no Colégio das Irmãs, pela manhã, só meninos homens, e à tarde uma turma de alfabetização no grupo escolar Justino Luz. Dei aula no ginásio, todos através de concurso, aula no primário, dei aula no científico e dei aula na universidade. Eu estava entrando na universidade em 1995, passei dezoito anos na Universidade Federal.⁹⁹

No início do questionamento, quando o pesquisador iria perguntar sobre qual vocação a senhora Oneide Rocha teria abraçado, antes de terminar o questionamento ela responde: a vocação de professora. Uma resposta ativa e empolgada, cheia de orgulho e vontade, chega a ser inspiradora a declaração da professora, que descreve brevemente sua trajetória na docência. Dentro dessa parte da entrevista, chamou atenção a afirmação de que a entrevistada entrou em sala de aula em 1966 e passou 47 anos na educação, e que a primeira turma era somente de meninos. Analisou-se que foi lembrança permanente da professora, que sua primeira turma foi só de meninos homens, enfaticamente, levantando uma ressalva, o eu mulher, professora, “entrei numa turma de meninos, e não de meninas”, leva-se a entender que foi impactante e desafiador para a professora Oneide Rocha lecionar somente para meninos naquele ano de 1966.

⁹⁹ ROCHA, 2017.

Foto 29: Lista de professores do Instituto Monsenhor Hipólito dos anos de 1960 a 1970.



Fonte: *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1944-1994.

Nessa imagem, é possível ver que a professora Oneide Rocha lecionou nos anos de 1966 (na lista, numeração 9) e 1967 (na lista, numeração 2), no Instituto Monsenhor Hipólito, suas primeiras experiências como docente. Percebe-se um dado interessante: em 1966, o Colégio das Irmãs tinha nove docentes, e oito eram mulheres, e no ano de 1967, as quatro docentes todas eram mulheres. Comprovando que realmente existia uma maioria feminina nos quadros educacionais e permanece assim até os anos de 1970, de 1966 a 1970 a instituição só esteve com dois docentes masculinos, um em 1966, Dr. José Carlos Filho e em 1970, Rui Barbosa de Moura.

O espaço do magistério ocupado pelas mulheres é, antes de tudo, permitido pelos homens. Vale lembrar que, no Império Brasileiro, a educação era para os homens e feita pelos homens. Foi importante para as mulheres ocuparem esse lugar, pois o magistério se tornava porta de entrada para futuras profissões, e aos poucos a docência era comparada à maternidade e à vida doméstica, e as mulheres tiveram menores problemas para se inserir nesse meio social. É real que no período republicano, nas primeiras décadas dos anos de 1900, já temos é um incentivo para a presença feminina nas escolas de formação.

A Escola Normal torna-se praticamente uma escola de mulheres. Segundo Louro:

Na verdade passa-se a considerar o afeto como fundamental e a vê-la como ‘ambiente facilitador’ da aprendizagem. Isso seria válido tanto para a educação escolar quanto para a educação no lar, ou, em outras palavras, seria importante para a professora e para a mãe. Nada mais coerente com isso do que incentivar o magistério.¹⁰⁰

De fato, a prática docente ao feminizar-se a uma série de fatores externos observando e controlando essa feminização, ou seja, ao mesmo tempo em que a mulher ganhava um espaço público, antes ocupado pelos homens, ela era observada, dirigida, regulada pela sociedade que observava atentamente o desenrolar desse novo momento feminino no Brasil.

Tornava-se um pouco ambígua essa situação. Ao mesmo tempo que a mulher ganhava mais autonomia intelectual, ocupava postos antes não ocupados, tornava-se persona pública. O ajustamento com o lar, o doméstico, o ser mãe tornavam a escola praticamente um estágio para uma vida de casada com filhos e marido para administrar.

A escola parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, pois de algum modo se colocava como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos exigidos para a mulher moderna; de outro promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, na medida em que cercava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto.¹⁰¹

Mesmo que a formação docente a primeiro momento se aparentasse ou até mesmo fosse direcionada para uma formação quase familiar, de cunho doméstico, acreditamos que mesmo assim foi de fato um passo muito importante para a ascensão social feminina. De certa forma, há uma quebra com os padrões de permanência e de espaços femininos. As escolas normais, mesmo que espaço ainda vigiado, era local de desenvolvimento e compartilhamento de ideias, resolução de problemas, surgimento de pensamentos. É certo que aos poucos a sociedade feminina foi ganhando mais espaços, neste caso um espaço intelectual, e implicitamente de resistência dentro das regulamentações sociais impostas culturalmente às mulheres.

¹⁰⁰ LOURO, 2013, p. 458.

¹⁰¹ LOURO, 2013, p. 458.

2.3 CURSO NORMAL EM PICOS

É curioso pesquisar sobre o início da criação das Escolas Normais no Brasil com a função de formar mestres e mestras, para melhor desenvolver o sistema educativo do país. Aos poucos, essas escolas foram se popularizando. Neste tópico, analisa-se brevemente sobre a Escola Normal Oficial de Picos, que no Piauí surge bem depois que no Rio de Janeiro e Bahia, mas visa nos seus objetivos, formar professoras para o magistério.

A escola Normal Oficial de Picos foi fundada em 1967. Picos, mesmo que uma cidade harmoniosa com as belas paisagens e um comércio pujante, como dizia Duarte, mesmo com algumas instituições escolares em funcionamento, como é o caso do Grupo Escolar Coelho Rodrigues (1929), a Escola Municipal Landri Sales (1935), o Ginásio (1949), que funcionava no grupo Coelho Rodrigues, o Instituto Monsenhor Hipólito (1944), não tinha uma escola normal. Na época, encontrar professoras formadas era muito difícil, a região ainda contava com a atuação de muitas professoras leigas, com escolas em suas casas particulares ou ensinando de casa em casa quando contratadas por alguma família com um interesse maior em escolarizar os membros da família. Sobre o panorama de Picos no início da década de 1950, a pesquisadora Jane Bezerra de Sousa nos mostra que:

Até o ano de 1949, a cidade de Picos não possuía Ginásio. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, a Escola Municipal Landri Sales, o Instituto Monsenhor Hipólito e os professores municipais espalhados em casas e escolas improvisadas, ensinando a ler, a escrever e a contar, constituíam o panorama educacional da região.¹⁰²

Mesmo com a chegada do Ginásio na cidade de Picos, ainda havia carência na educação, tanto nas estruturas físicas dos prédios que sediavam as escolas, quanto no corpo docente, ainda incipiente de formação normalista.

Observemos o depoimento da professora Helena Araújo. No ano de 1959 ocorriam algumas estratégias para sanar a falta de prédios públicos e aumentar a quantidade de professores, pois, mesmo a professora não tendo Curso Normalista, apenas com o 4º ano primário e sua experiência em alfabetizar alunos como professora leiga, ela praticava a docência na própria casa. A declaração de Helena Araújo corrobora as informações acima citadas por Sousa. Segundo Helena Araújo:

Sabe, em 1959 eu já era casada, já tinha um filho, o que faleceu, aí já tinha minha casinha e ensinava na minha casa, mas não tinha carteira, tinha só

¹⁰² SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005. p. 86.

uma mesa pequenininha e uma cadeira pra eu me sentar. Os meninos, aqueles que eram mais ou menos [termo utilizado para os alunos que tinham uma pequena condição financeira], os pais faziam os banquinhos, e os alunos traziam e sentavam, colocavam os cadernos no colo e iam aprender as primeiras letras, aí os outros que não tinham condição de ter o banquinho se sentavam no chão.¹⁰³

Na fala da professora, podemos perceber que, ainda no fim dos anos 1950 e início da década de 1960, existiam escolas em casas privadas, distribuídas pela cidade. A escola que ficava na casa da nossa colaboradora localizava-se no atual bairro Catavento. As condições estruturais são precárias, a escola funcionava basicamente com uma mesa, alguns banquinhos, o caderno, lápis e a professora, instrumento principal do aprendizado, com sua determinação que mesmo em dificuldades, tentava fazer o melhor de si enquanto educadora.

A docente Helena Araújo, fazendo esse trabalho em casa, termina se encaixando na categoria de mestre-escola, professores que atuaram durante muito tempo no Brasil, desde meados do século XVI, com os primeiros vindos de Portugal para o Brasil até meados do século XX.

É importante salientar que o ensino se passava dentro da casa da professora. Não levantarei nesse momento o debate profundamente, mas é importante destacar a relação social estreita que havia entre alunos, professora Helena e dona de casa Helena, pois acredito que havia uma conjuntura de aspectos culturais se entrelaçando junto às aulas, pois era na escola que se passava a vida privada da proprietária da casa.

Segundo Iricelma Borges de Carvalho, sobre as escolas-residências:

O fato de escola e residência se entrelaçarem permite outras leituras. Geralmente, isso significa que o mestre era alguém da cidade ou, pelo menos, que nela se encontrava radicado há algum tempo. Por outro lado, a presença do mestre na escola/moradia representava afirmação diante da população. Entende-se que à organização interna dessa escola/moradia faltava autonomia e intimidade a qualquer uma delas. O que dá a entender que não havia delimitação entre atividade escolar e atividade doméstica. No que concerne à concessão de idêntico espaço para ambas as funções consigna um acesso comum, e assim era sempre prevista comunicação interna entre os dois espaços.¹⁰⁴

Analisando a citação acima e a comparando com a situação da personagem Helena Araújo, é possível perceber que, já no ano de 1959, o bairro Catavento, na zona urbana da cidade de Picos, foi o local de firmação da sujeita histórica no seu papel social de educadora,

¹⁰³ ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2011.

¹⁰⁴ CARVALHO, Iricelma Borges de Carvalho. *O Mestre-Escola como preceptor particular da cultura letrada, em Itaberá-Goiás, nas três primeiras décadas do século XX*. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2007. p. 65.

pessoa pública e reconhecida como tal. É de se concordar que, entre escola e casa, realmente há uma falta de autonomia entre os dois espaços. Não há realmente uma delimitação entre espaço escolar e espaço privado.

Observemos este depoimento da docente Helena Araújo;

[...] Eu ia buscar na rua, na cabeça, por que não tinha em que eu trazer, não tinha, não tinha ônibus, não tinha transporte, os transportes a maioria era animal, jumento, eu não ia para rua com um jumento, aí eu trazia as caixas na cabeça com os alimento da merenda para fazer para os meninos, a merenda era feita aqui em casa mesmo.¹⁰⁵

Seguindo o pensamento de Carvalho, percebe-se que o espaço doméstico se mistura ao espaço escolar, pois a merenda era feita na casa da professora, inclusive feita pela própria professora, mostrando assim que não havia auxiliares para ajudá-la. Ou seja, realmente existe uma interligação entre os espaços, podendo ser discutida uma série de outros aspectos sobre as relações sociais e educacionais que se passavam nesses ambientes de ensino. Ainda segundo Carvalho:

A impressão que se colhe da casa como espaço escolar é a de um ambiente onde os alunos, dos dois sexos e de idades muito diferenciadas, executavam diversas atividades em simultâneo, de forma mais ou menos desordenada e, num emaranhado de objetos que remetem à esfera privada do lar.¹⁰⁶

A casa escola não só dava a impressão como, realmente, era um espaço diversificado de experiências. Matriculavam-se diversos alunos de ambos os sexos e de idades distintas, assim configurava-se um espaço de múltiplas aprendizagens. Helena Araújo afirma: “Eu ensinava tanto crianças, como jovens e adultos, eu tinha aluno de todas as idades”.¹⁰⁷ Confirmando o pensamento de Carvalho, havia alunos de ambos os sexos e de todas as idades. Segue abaixo uma declaração da professora Helena Araújo sobre uma de suas experiências em sala de aula:

Nos adultos tinha uma velha, que era obrigado eu pegar na mão dela e fazer o (a), bem feitinho. Aí eu dizia: ‘Dona Joana, como é o nome desse amiguinho da senhora?’. Aí eu fazia o (a) no papel e recortava, né, com todo o alfabeto. Aí eu colocava no quadro e dizia: ‘Dona Joana como é o nome desse amigo da senhora? Por que eu esqueci’. Aí ela dizia: ‘Deixa eu ver... É o amiguinho (a)’. Aí eu dizia: ‘Então a senhora aprendeu, num aprendeu? Pois agora escreva aqui neste papel o amigo da senhora que se chama (a)’. Aí ela ia, e eu dizia: ‘Faça bem redondinho, aí depois a senhora puxa a perninha’. Aí ela fazia bem redondinho e puxava a perna do (a). Dona Joana tinha uns 61 anos.¹⁰⁸

¹⁰⁵ ARAÚJO, 2011.

¹⁰⁶ CARVALHO, 2007, p. 65.

¹⁰⁷ ARAÚJO, 2011.

¹⁰⁸ ARAUJO, 2011.

Nesse relato, podemos perceber o cuidado que a professora tem em ensinar as primeiras letras aos alunos que variavam de diferentes idades. Nesse caso, a colaboradora nos fala de Dona Joana Alves, estudante de 61 anos de idade que frequentava as aulas da professora Helena Araújo. Utilizando técnicas simples de ensino, a docente conquistava seu público. Segundo ela: “Cheguei a ter mais de 70 alunos, eles eram tudo doido por mim, tanta as crianças como os adultos”.¹⁰⁹

Foto 30: Lista de presença de uma das turmas da professora Helena Araújo.

nome do aluno		idade	M F	Estado Familiar
1	Francisco Pereira da Silva	42	m.	Sim
2	Adão Francisco da Nascimento	28	m	Sim
3	Raimundo Eduvigens	48	m	Sim
4	Francisco Neto da Chagas Eduvigens	19	m	maã
5	Joãoquim de Sousa Gomes	14	m	maã
6	Namuel de Sousa Gomes	13	m	maã
7	Orivaldo Pereira da Silva	13	m	maã
8	Deisima Rodrigues de Sousa	14	m	maã
9	Antonio Eduarte da Silva	22	m.	Sim
10	Maria Pereira de Barros	33	F	donã de casa
11	Maria Cristina Pereira da Silva	34	F	donã de casa
12	Joana Antonia da Conceição	37	F	donã de casa
13	Joana Rodrigues Alves	61	F	donã de casa
14	Vicência Maria da Conceição	55	F	donã de casa
15	Francielina Maria da Conceição	38	F	donã de casa
16	Jose Antonio da Rocha	17	m	maã
17	Maria Antonia da Silva	59	F	donã de casa
18	Namuel Jose de Araújo	56	m	Sim
19	..	1		
20	..			

Fonte: Acervo pessoal de Helena Araújo.

¹⁰⁹ ARAUJO, 2011.

Percebemos, nessa lista de frequência, que há alunos de várias faixas etárias, desde os 13 anos de idade ao 61 anos, como Dona Joana Rodrigues Alves, de número 13 na frequência. São de fato importantes declarações para a história da educação picoense. Através desses relatos, podemos entender a história da escolarização picoense, abordando elementos comuns às décadas de 1960 e 1970, quando a casa de Helena Araújo fez parte da rede municipal de educação de Picos.

Após essa breve abordagem sobre o panorama educacional de Picos, podemos ver que, em meio a escolas públicas criadas, escolas municipais oficiais, grupo escolar e instituto Monsenhor Hipólito, ainda havia na cidade de Picos a atuação da professora mestra-escola. A chegada da Escola Normal a Picos, ao mesmo tempo em que ofereceu formação para muitos professores que já tinham a prática docente, proporcionou a oportunidade para outras pessoas que tinham o interesse pelo magistério. A Escola Normal em Picos representa espaço de mudança social, de aprendizado e de resistência, pois as mulheres cada vez mais poderiam ocupar lugares públicos na cidade de Picos.

A fundação da Escola Normal em Picos contribuiu para uma melhoria educacional, não só para Picos, mas para as localidades e cidades vizinhas, que antes dificilmente teriam filhas formadas, pois a dificuldade era real, até para as famílias mais abastadas, visto que teriam que mandar suas filhas normalmente ou para Teresina, capital do Piauí, ou outros estados. Com a chegada da Escola Normal, vai se alavancar o ensino na região, pois na década de 1960 encontrar professoras formadas era quase impossível. Observe as palavras de Pinheiro:

Fundada em 1967, na cidade de Picos (PI), essa escola contribuiu para tirar não apenas Picos, mas as cidades que a circunvizinham, do atraso educacional, uma vez que preparou para o mercado de trabalho as educadoras que iriam atuar nas escolas, em uma época em que, para o interior do Estado do Piauí, dispor de professoras formadas em uma escola normal, era uma raridade.¹¹⁰

Como aborda Pinheiro, com a instituição da Escola Normal o atraso educacional picoense foi diminuído, a instituição normalista torna-se alvo das famílias picoenses para formação educacional de suas filhas, que agora não mais precisariam sair da cidade para conseguir o diploma de professora formada. A lei que autorizou a criação da Escola Normal foi a Lei nº 2781, de 02 de março de 1967:

¹¹⁰ PINHEIRO, 2007, p. 19.

Lei nº 2781 de 2 de março de 1967.

Autoriza a criação da Escola Normal Oficial de Picos, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO PIAUÍ:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica criada a ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PICOS, com sede na cidade de mesmo nome.

Art. 2º A Secretaria de Educação e Cultura providenciará junto ao Conselho Estadual de Educação o competente processo de verificação prévia, para efeito de funcionamento.

Parágrafo único – Na organização curricular será obedecida a resolução do CEE do Piauí que fixou a matéria.

Art. 3º O pessoal docente perceberá o salário aula fixado pela legislação estadual.

Art. 4º O pessoal administrativo, Diretor, Secretário, Auxiliar de Escritório e Servente, será contratado nos termos da Legislação Trabalhista, mantida a paridade de vencimentos atribuídos aos funcionários estaduais.

Art. 5º Fica autorizada a criação do crédito especial de Cr\$ 5.550.000 (cinco milhões, quinhentos e cinquenta mil cruzeiros) para ocorrer ao pagamento das despesas com a manutenção da Escola Normal Oficial de Picos, no exercício vigente, à conta do excesso de arrecadação.

Art. 6º Revogadas as disposições em contrário, a presente lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo do Estado do Piauí, em Teresina, 2 de março de 1967.¹¹¹

Uma das entrevistadas estudou na primeira turma da Escola Normal, Olivia Rufino, e conta que o primeiro lugar que a Escola Normal funcionou foi no antigo prédio do Ginásio Estadual Picoense, o Colégio Estadual Marcos Parente, enquanto o prédio oficial era construído.

Segundo Pinheiro, as aulas iniciaram em 27 de março de 1967, com duas turmas de normalistas, no primeiro ano pedagógico, totalizando oitenta alunos, tendo sido as disciplinas de História e Geografia, as que fizeram a abertura do curso normal. Conforme a professora Olivía Rufino Borges:

Nós começamos a Escola Normal Oficial de Picos no prédio onde hoje é a 9ª Diretoria de Educação. Aquele prédio foi construído por Helvídio Nunes, para abrigar o antigo Ginásio Estadual Picoense. E então, a gente conseguiu uma parte do prédio para funcionar a Escola Normal, hoje o Fórum de Picos. [...] O primeiro prédio é exatamente como é hoje. Um prédio só, térreo, com várias salas. Sem muito conforto, mas muito seguro. Muito bem feito. Com uma área interna para a gente dar uma andada na hora do intervalo. Pra época eu achei que estava muito bom o prédio. [...] Não ficamos lá muito tempo, logo foi inaugurado o prédio oficial da Escola Normal.¹¹²

¹¹¹ PINHEIRO, 2007, p. 66.

¹¹² BORGES, Olivía Rufino. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

Foto 31: Solenidade de inauguração do prédio da Escola Normal Oficial de Picos (1969).



Fonte: Arquivo da Escola Normal Oficial de Picos.

A professora Olívia Rufino estudou na Escola Normal de 1967 a 1969, saindo de lá professora formada na primeira turma da Escola Normal Oficial de Picos.

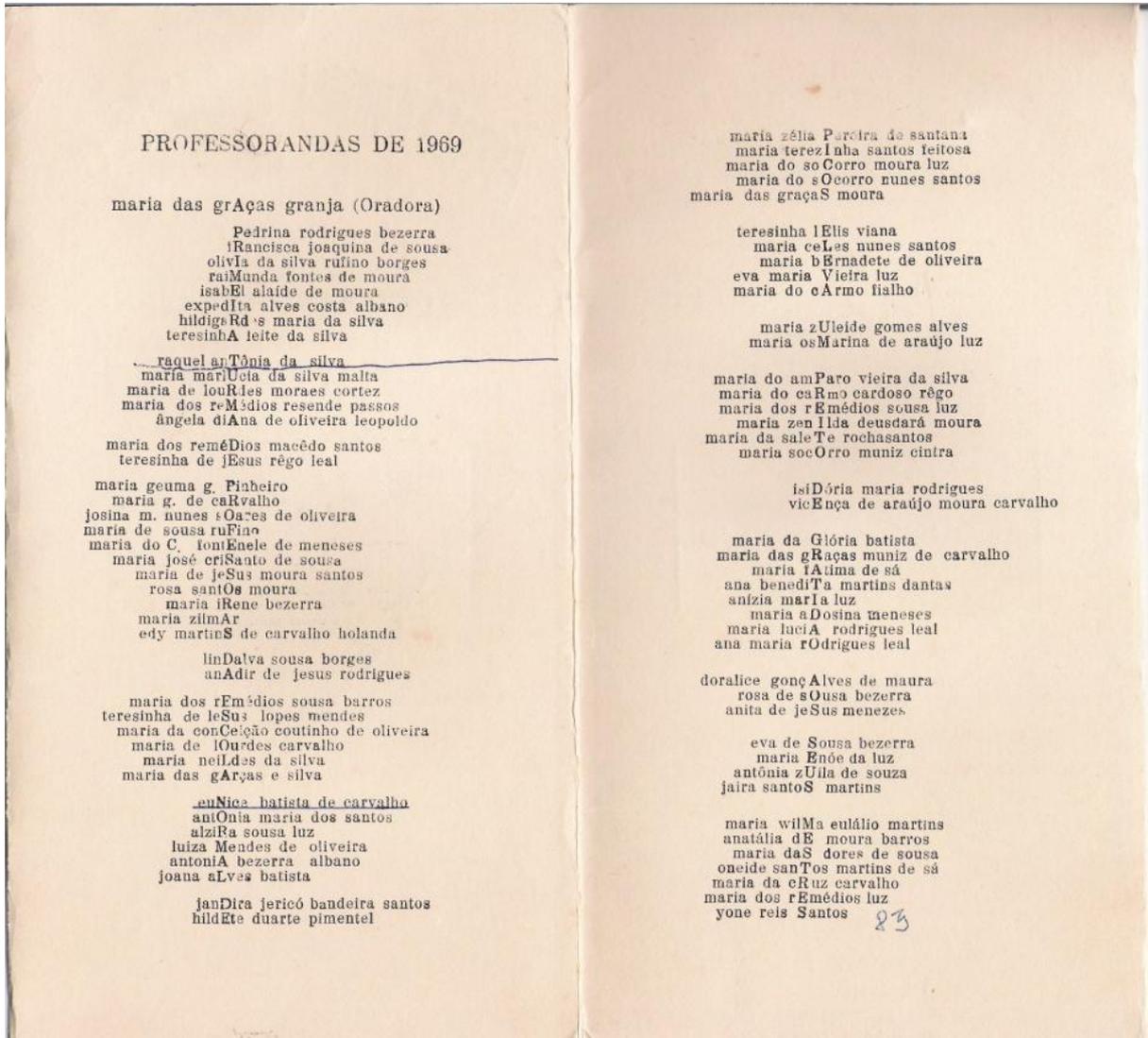
Foto 32: Olívia Rufino, 1969, em solenidade de formatura da Escola Normal Oficial de Picos.



Fonte: Acervo pessoal de Olívia Rufino.

A imagem abaixo é referente ao convite de formatura da primeira turma da Escola Normal, Olívia Rufino encontra-se na primeira coluna, de cima para baixo, a quarta professoranda:

Foto 33: Convite de formatura da primeira turma da Escola Normal de Picos (PI), 1969.



Fonte: Acervo particular de Olívia Rufino.

A Escola Normal de Picos vinha para reconfigurar o espaço educacional da cidade, pois a procura por matrícula só aumentava a cada ano. A instituição era o objetivo das famílias em colocar suas filhas na instituição. Além disso, é bom lembrar que a normatização da escola não era apenas curricular, lá se formavam comportamentos, além de professoras, a ideia era que as moças saíssem de lá com um “bom” comportamento das estudantes. É nessa instituição que se afirmam as mulheres tanto preparadas para assumirem o ensino das

crianças como seus filhos, e ainda manterem um comportamento tido como adequado em meio à sociedade. Sobre o assunto Pinheiro afirma:

Enquanto instituição disciplinar, a Escola Normal Oficial de Picos organizou uma rede de disciplina que consistia na vigilância constante das normalistas, com o fito de promover o máximo aproveitamento do tempo, enquadrando-as em espaços específicos e examinando seus hábitos e atitudes, para delas extrair um saber. Com a finalidade de formar a professora primária, a escola promoveu o cumprimento diário de normas que visavam constituí-las em professoras segundo o modelo existente na própria escola: mulheres comportadas, preparadas para ensinarem as crianças e a seus próprios filhos.¹¹³

Nesse trecho, percebe-se que é fato que a Escola Normal não estava ali somente para assuntos contudísticos, pois, como afirma Pinheiro, examinavam-se os hábitos e atitudes das normalistas. Com isso, podemos concluir que não bastava só ingressar na Escola Normal. Lá dentro e fora, tinha que se manter um comportamento tido como adequado, pois era incluído essa observação na formação da normalista. Temos a Escola Normal então como um lugar de vigilância sobre as moças que lá estudam. A instituição além de formadora de professoras com diplomas, formava um comportamento para a sociedade picoense.

A Escola normal configurou-se como escola de mulheres. Mesmo que segundo Pinheiro, a instituição tenha matriculado 5 homens, estes não chegaram a concluir o primeiro ano do curso.

É certo que, ao longo do tempo, a Escola Normal tornou-se um espaço feminino, pois os homens não se viam, ou não se adaptaram à forma de ensino, ou até mesmo pelo interesse em outras profissões, não permaneceram dentro dos quadros da instituição.

Levando em consideração os fatos mencionados, entendemos a chegada da Escola Normal Oficial de Picos como grande benefício para a sociedade picoense, que carecia de profissionais formados. A partir dela, é que aos poucos foi suprida a necessidade de professoras formadas. Assim, as instituições, tanto do âmbito municipal, quanto estadual ou privadas, agora tinham onde requisitar profissionais para o trabalho, certamente tanto Picos como regiões vizinhas ganham em melhorias educacionais. A Escola Normal foi o celeiro Picoense de Professores. Como acentua Pinheiro: “A Escola Normal Oficial de Picos era um celeiro de formação de professores, a ‘grande sementeira de mestres’, como ficou conhecida através de seu tema central”.¹¹⁴

¹¹³ PINHEIRO, 2007, p. 23.

¹¹⁴ PINHEIRO, 2007, p. 77.

3. EU SOU MULHER PARA O QUE DER E VIER

Neste capítulo, discute-se o momento profissional das entrevistadas, abordando como se deu a construção de suas profissões. Analisa-se o desenvolvimento de suas atividades com maior intensidade, onde estavam em confronto com a sociedade, onde lutavam pelo espaço feminino na cidade de Picos. Não só o confronto social, mas abordaram-se também os conflitos familiares que elas tiveram que enfrentar no seio familiar para que pudessem chegar a ter um destaque social. Na maioria das vezes, a mulher nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 era educada principalmente para servir ao padrão que existia, ou seja, ser uma boa esposa, uma boa mãe e com dons de prenda, dons domésticos; a mulher era educada para ser dona de casa.

A esse respeito, expõe-se como as entrevistadas resistiram de certa forma a padrões para seguir seu protagonismo, ou como adaptaram isso para não deixar perecer o sonho de através de seus próprios passos construir seus destinos. Isso porque algumas delas se casaram, viveram uma história também de esposa e mãe, mas nem por isso suas funções de professoras, artistas, políticas, ficaram no esquecimento.

Neste capítulo, para diálogos teóricos utilizou-se uma série de obras que nos ajudaram a nortear a discussão, como, por exemplo, o livro *Minha história das mulheres*,¹¹⁵ de Michelle Perrot. Outro fundamental é a produção organizada pelo professor Pedro Vilarinho Castelo Branco e Maria Izilda Santos de Matos, obra intitulada *Cultura, Corpo e Educação*.¹¹⁶ Além destes encontram-se também o livro *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970*,¹¹⁷ de Elizangela Cardoso. Outro trabalho de grande significância é *Nova história das Mulheres no Brasil*,¹¹⁸ organizado pela Carla Bassanezi Pinsky e a Joana Maria Pedro.

Esses autores deram embasamento teórico, para que a discussão sobre a história das mulheres se torna-se mais alicerçada e segura. Essa perspectiva entendeu-se as relações de gênero envoltas na educação, no trabalho, na arte, na política, e compreender um pouco da história de vida dessas mulheres em diversas áreas em que estão envolvidas, nesta pesquisa,

¹¹⁵ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016.

¹¹⁶ MATOS, Maria Izilda; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Cultura, corpo e educação: diálogos de gênero*. São Paulo/Teresina: Intermeios/ EDUFPI, 2015.

¹¹⁷ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

¹¹⁸ PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

situadas dentro do sertão piauiense no período estudado: 1940-2015. O trabalho investigou como se deu a atuação dessas mulheres na sociedade e em quais segmentos, quais os pontos positivos que elas encontravam em atuar de forma independente, e quais os embates que encontravam por tomarem tais decisões, tais escolhas.

Ainda foi possível fazer uma análise sobre como elas encaravam o preconceito, quais as mecanismos que usavam para romperem com estes estigmas sociais de cor, de gênero, de classe social que implicavam no seu dia a dia, por serem mulheres, algumas solteiras, outras negras, outras por não dependerem do marido, ou por suas profissões, como estas personagens lidavam com esses ataques de julgamento e como fizeram para superar, romper e subjugar olhares enraizados no convencionalismo da tradição imposta pela sociedade em que viviam.

Para o desenrolar do texto sobre o protagonismo feminino, foi necessário apontar alguns aspectos sobre gênero, pois essa discussão é considerada de fundamental importância para a ascensão dos trabalhos sobre mulheres, feminismo, luta por espaços públicos, liberdades individuais, dentre outros campos que envolvem principalmente as mulheres. É com o surgimento do movimento feminista e posteriormente com o debate sobre gênero no mundo que as mulheres começam a ganhar certo espaço na historiografia, pois até o momento elas eram como “seres invisíveis” na história.

De acordo com algumas pesquisas, hoje se tem conhecimento sobre o início desses debates e de que modo os pesquisadores (as) viam o termo gênero e tentavam entender as significâncias dessa categoria de estudo:

Na sua utilização mais recente, o termo ‘gênero’ parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’.¹¹⁹

Joan Scott mostrou que o termo gênero apareceu primeiro entre as feministas norte-americanas como forma de rejeição ao determinismo biológico, baseando-se esse determinismo na separação por sexo, separação que engessava muitas das condições sociais femininas, determinando valores, comportamentos e funções dentro de um grupo social.

A pesquisa que se segue nesta dissertação mostrou que algumas mulheres foram capazes de enfrentar as ideias propulsoras sobre o determinismo biológico, como também as que não se libertaram totalmente conseguiram de alguma forma, utilizando algumas ações, como por exemplo, ocupando alguns espaços permitidos, como o magistério e a política, para

¹¹⁹ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p.72.

que não fossem suprimidas totalmente pelas ideias tradicionais de dominação masculina, conseguindo se inserir num contexto em que tiveram uma participação ativa na sociedade.

Observa-se com atenção o que Scott enfatiza sobre a discussão de gênero e o estudo das mulheres:

Além disso, o que é talvez mais importante, ‘gênero’ era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente. ‘Nós estamos aprendendo’, escreviam três historiadoras femininas ‘que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é demais dizer que ainda que as tentativas iniciais tenham sido hesitantes, uma tal metodologia implica não somente uma nova história de mulheres mas também uma nova história’.¹²⁰

É nessa perspectiva que a pesquisa sobre mulheres transformou, mudou e quebrou paradigmas. É escrevendo sobre esse tema, que pode haver, corroborando o pensamento de Scott, possíveis novos temas à historiografia piauiense, reavaliando as relações de gênero que ocorriam no Piauí da metade do século XX em diante. Alargando, como disse a autora acima, as noções tradicionais do que é historicamente importante.

Essa discussão, sobre o estudo da história das mulheres, não foi de início aceita de braços abertos pelos historiadores acostumados às velhas formas de escrever a história, ou seja, baseando-se no esquema político e econômico, além do que, prioritariamente concebido como um espaço masculino.

Mas, como as insistências e propagações das pesquisas sobre mulheres, os historiadores não feministas demonstraram as seguintes reações:

A reação da maioria dos/as historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e em seguida, seu confinamento ou relegação a um domínio separado (‘as mulheres tiveram uma história separada da dos homens, em consequência deixemos as feministas fazer a história das mulheres que não nos diz respeito’; ou ‘a história das mulheres diz respeito ao sexo e à família e deve ser feita separadamente da história política e econômica’). No que se refere à participação das mulheres na história, a reação foi, na melhor das hipóteses, um interesse mínimo (‘minha compreensão da Revolução Francesa não muda por saber que as mulheres dela participaram’).¹²¹

¹²⁰ SCOTT, 1995, p. 73.

¹²¹ SCOTT, 1995, p.74.

É com o pensamento de desmitificar reações de que a história das mulheres é separada da dos homens, que estudiosas (os) da história das mulheres recebem o desafio de mostrar que a história feminina não está separada da dos homens, mas ela foi suprimida, inferiorizada, selecionada a permanecer invisível no processo escriturístico da história, ou levada a uma mínima relevância no processo histórico.

Esta pesquisa mostrou que no sertão piauiense, mesmo predominando o pensamento de uma sociedade tradicional e machista, onde a mulher ocupava o “seu lugar”, por “ser mulher”, por “nascer mulher”, por ser do “sexo feminino”, houve mulheres como Ana Maria de Sousa, Maria Oneide Fialho Rocha, Helena Maria da Silva Araújo e Olívia Rufino da Silva Borges que desafiaram esse modelo de sociedade, incluindo-se na vida social, política e econômica, ocupando espaços que há muito tempo eram lugares de fatos masculinos.

O gênero passa a designar as relações sociais entre os sexos, pondo em xeque a posição social da mulher e do homem por motivos biológicos, passando a se discutir e se contrapor a ideias como: “o lugar da mulher é em casa”, uma boa mulher é a que “cuida bem dos seus filhos”, uma boa mulher é a que “tem muitos filhos”, uma mulher de verdade é a que “cuida do marido”. Frases inclusive ouvidas pelo autor do texto no âmbito familiar, no seu dia a dia. Ou seja, o estudo do gênero vai evidenciar as formas de dominação masculina por motivos biológicos. Analisou-se o que a seguinte autora escreve a respeito do que foi trabalhado no texto acima:

Além disso, o termo ‘gênero’ é também utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar a luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’: a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. ‘Gênero’ é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.¹²²

O gênero pôde indicar as construções sociais de homens e mulheres. Percebeu-se, então, que as mulheres trabalhadas aqui nesta pesquisa tiveram suas construções sociais diferenciadas, sejam elas inspiradas em leituras, em notícias, ou em movimentos políticos, elas se construíram diferentes, não foram enquadradas num padrão feminino da época, mesmo algumas delas tendo filhos e maridos, estas se utilizaram de meios para não serem subjugadas totalmente ao padrão dominante masculino. Atribuo esse pensamento a essas mulheres terem

¹²² SCOTT, 1995, p. 75.

tido acesso à educação escolar. Acredito que foi o fator principal, pois com isso essas personagens tiveram mais mecanismos para participarem de forma mais incisiva na sociedade picoense.

Entende-se, neste trabalho, que é uma história do tempo presente, uma história contemporânea, tomando como referência às vivências das entrevistadas. Além de analisar questões que fizeram e fazem parte da vida dessas mulheres e de outras, como por exemplo: a desigualdade de gênero, os preconceitos, a luta por direitos, a conquista por espaços públicos, o acesso à educação escolar, as relações no trabalho, na família, entre outras possibilidades de análises sobre o estudo das mulheres e a relação de gênero.

Segundo Michelle Perrot, o desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdina o “movimento” das mulheres em direção à emancipação e à liberação.¹²³

Tomando por base esse pensamento, personagens escolhidas buscavam justamente uma emancipação, dentre as vontades de se inserirem em alguns campos, encontramos a independência financeira, política e familiar. Ou seja, as mulheres aqui estudadas sobretudo estavam em busca de uma autonomia, de uma liberdade para se expressar e autoconduzir-se.

Percebeu-se, ao longo do tempo, que o caminho foi difícil e que nem todas as mulheres picoenses, das décadas estudadas, conseguiram total emancipação, pois as amarras de uma sociedade masculina dominante ainda são quase como “nós cegos”, e que para desatá-los é necessário continuar os esforços de diálogos sobre o domínio de um sobre o outro, tentando chegar a uma democratização do gênero, que seria respeitar as escolhas femininas, sem julgar essas escolhas se baseando em tradições há tempos questionadas.

Escrever a história das mulheres é um desafio, pois ao longo do tempo elas foram colocadas à margem da produção historiográfica. Segundo Perrot, escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?¹²⁴

Observando esses questionamentos, indagou-se sobre a história de algumas mulheres do sertão do Piauí. Um dos questionamentos foi: onde se encontra a história dessas mulheres? O que se pode fazer para que a história delas não se perca no tempo? Partindo disso, a ideia foi transcrever para o papel suas memórias, suas histórias, dissertando sobre o tema:

A questão parece estranha. ‘Tudo é história’, dizia George Sand, como mais tarde Marguerite Yourcenar: ‘Tudo é história’. Por que as mulheres não pertenceriam a história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra ‘história’. A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças,

¹²³ PERROT, 2016, p. 15.

¹²⁴ PERROT, 2016, p.16.

das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem *story e history*. As mulheres ficariam muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal.¹²⁵

Acreditando que tudo é história, mas percebendo que a história também se constitui do relato que se faz sobre os acontecimentos, então se decidiu relatar sobre as mulheres e as suas vivências sociais no interior do Piauí. Forma encontrada de tirá-las do silêncio, da obscuridade, com a intenção de inscrevê-las na historiografia piauiense e de certa forma trazer novos olhares para os estudos regionais.

Do local onde se escreve a pesquisa, percebeu-se que a sociedade é permeada por princípios cristãos, estes que de certa forma asseguram a invisibilidade da mulher, pois, como percebemos na passagem a seguir, esses princípios estabelecem normas de convívio, sendo essas seguidas na maioria das vezes sem questionamentos. Perrot afirma: “Que a mulher conserve o silêncio, “diz o apóstolo Paulo”. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão”.¹²⁶

Com uma passagem bíblica, é possível ter uma noção do que se passou com a mulher numa sociedade que por muito tempo foi totalmente dominada pelos valores cristãos, onde se prega a submissão da mulher em relação ao homem. Se a mulher está submissa ao homem, a história escrita, na sua grande totalidade feita por homens, colocou a mulher num lugar inferiorizado na historiografia de forma geral. Não foi diferente na historiografia piauiense, pois foi com muita luta que as mulheres iniciaram sua participação na história piauiense.

Especificamente no espaço escolhido para se tratar neste trabalho, investigamos essa submissão muito presente nos meados da segunda metade do século XX. Mas descobrimos as mulheres que se desvincularam desse sistema, se não na sua totalidade, mas conseguiram se inserir num espaço público e desafiaram a ordem social vigente, permeada pelo machismo. Ora, a sociedade estudada aqui nesta pesquisa é cristã, em sua maioria católica. Pressupostos cristãos e machistas foram inseridos desde cedo no pensamento familiar, propagando assim a continuidade das permanências femininas no âmbito doméstico, pois assim não se poria em risco a ordem estabelecida, ordem essa conservada pelo domínio masculino. Pois, como vimos, “não foi Adão que foi seduzido e sim Eva”, então é necessário que mulher fique em casa e evite as “seduções” do mundo externo.

¹²⁵ PERROT, 2016, p. 16.

¹²⁶ PERROT, 2016, p. 17.

Só que, dentro dessa perspectiva, existiram aquelas mulheres que não se conformaram em baixar a cabeça para uma convenção social estabelecida temporalmente e que desafiaram as regras. De certa forma, mesmo imbuídas de muita religiosidade, não se recolheram ao silêncio previamente determinado a elas; foram mulheres que dialogaram com suas ideias de forma intensa, escapando das tradições.

É a partir dessas percepções que se escreve sobre a história dessas mulheres e suas relações de gênero no seio da sociedade piauiense a partir da metade do século XX.

Mas escrever esta história não é nada simples, comenta Perrot:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.¹²⁷

Realmente existe uma dificuldade em relação à escrita da história das mulheres, pois muitas práticas historiográficas, a exemplo do Positivismo que considerava importante o estudo de datas, fatos e grandes personagens, políticos, guerreiros, pessoas normalmente ligadas ao universo masculino, ou o Materialismo Histórico que tenta explicar a história por meio das condições materiais e modos de produção, não achavam as mulheres dignas de importância histórica. Ainda existem os silêncios históricos das mulheres. Mas não se pode deixar de ressaltar que atualmente já se encontram muitos trabalhos sobre a história das mulheres. O advento da História Nova foi que possibilitou a ampliação das fontes e objetos de estudos, dando um aporte teórico interessante sobre o percurso do avanço sobre a história feminina. O trabalho do historiador é construir as novas fontes e analisar as já existentes, para que o fluxo de produção não cesse, e uma das formas de construir esses acervos é a história oral, por meio de entrevistas.

Então, para partir para a prática escriturística, como pensar a mulher, para escrever sobre a mulher? Buscou-se ajuda no pensamento da pesquisadora Teresinha Queiroz, de como esta entende o pensar no feminino:

Só é possível pensar o feminino, hoje, propondo duas rupturas fundamentais: a primeira, com a tirania da temporalidade, que configura a mulher de um tempo, quando o tempo já não pode ser medido simplesmente por parâmetros físicos e cronológicos, mas, para a experiência da cultura, é um conjunto de densas camadas amalgamadas e superpostas; a segunda, com a crença de que as compreensões do feminino possam se dar por recortes meramente sociais ou macroscópicos, desde que se rompeu hoje foi a pretendida unidade feminina, o sujeito mulher passou a ser visto como fraturado e multiplicado, as rachaduras aconteceram no interior mesmo do

¹²⁷ PERROT, 2016, p. 21.

microcosmo do sujeito feminino, num tempo em que apareceram as mulheres.¹²⁸

Analisando o pensar sobre o feminino, se rompermos com esses dois vieses de interpretação do que seja feminino, pois se sabe que não se podem analisar as mulheres pensando em algo estático, algo pronto e acabado, algo unificado. Para se refletir, hoje, o feminino, temos que entender que ele é diferente, em múltiplas temporalidades, contextos e culturas. Então cabe aos historiadores identificar as mudanças históricas para que se possa contribuir com a escrita da história das mulheres.

3.1 JUVENTUDE FEMININA, EDUCAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

Foi na juventude que nossas entrevistadas se profissionalizaram, pois é a partir desta profissionalização que de fato adentraram solidamente no campo do trabalho e na esfera pública. Os discursos sobre a entrada dessas mulheres nos espaços públicos foram por vezes vistos com entusiasmo por parte das pessoas que defendiam uma maior liberdade feminina, como também com repúdio por aqueles que protegiam o ideal de que a mulher deveria permanecer no âmbito doméstico.

É nessa perspectiva que foi analisada a história de vida da personagem Ana Maria de Sousa, atualmente proprietária do Colégio São Lucas, uma importante escola no Centro Sul do Piauí. Essa colaboradora é uma mulher que está inserida na dita sociedade tradicional piauiense. Nascida na cidade de Picos, em 1953, teve pela frente obstáculos e desafios na sua trajetória de vida, mas conseguiu superar esses problemas profissionalizando-se, tornando-se professora, passo importantíssimo em sua carreira profissional.

Ana Maria de Sousa, estudante por todo o seu processo de ensino aprendizagem em instituições públicas, estudou em Picos no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Mudou-se para o Rio de Janeiro e fez o ensino supletivo. Este é só o início de sua saga por uma educação de qualidade, que fosse capaz de mudar sua realidade social de mulher pobre, com muitas dificuldades financeiras.

Após um tempo no Rio de Janeiro, decidiu visitar o Piauí. e se defrontou com sua mãe numa grande dificuldade financeira de criar seus irmãos: “Vim passear em Picos, mas, quando

¹²⁸ QUEIROZ, Teresinha. Mil mulheres em nós. In: CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

eu cheguei e vi a pobreza de minha mãe e a dificuldade de criar quatro filhos, eu resolvi ficar, resolvi ficar”.¹²⁹ Esse fragmento de memória mostrou que não só ela estava em dificuldades, mas também sua mãe e seus irmãos passavam por maus bocados. É isso que a fez decidir ficar. E a partir daí continuar sua profissionalização, seria a educação o degrau de sustentabilidade de seu futuro.

Na década de sessenta, para continuar os estudos no Piauí, prestava-se o exame de admissão. Prestando esse exame, o estudante poderia ingressar no sexto ano, seria como um vestibular. Ana Maria conseguiu aprovação e deu continuidade a seus estudos, indo para a Unidade Escolar Marcos Parente e posteriormente para Escola Normal de Picos, formação que foi concluída em 1975.

Nossa Colaboradora, a cada dia que passava, pensava em melhorar e ampliar seu leque de possibilidades, tornando-se uma profissional de múltiplas funções, o tino pelo estudo e a vontade de vencer crescia a cada dia. Percebemos, no seu relato, que as dificuldades não eram somente financeiras, pois ela inseriu uma informação relevante: ela é preta, ou seja, podemos avaliar que ainda existiam resquícios de uma sociedade preconceituosa, pois o fato de ela ser de cor negra implicava resistências de espaços dominados por uma maioria branca. Ana Maria resistiu e perseverou nas suas labutas diárias.

Foi assim, querendo expandir seu leque que em janeiro de 1978 inicia um curso de aperfeiçoamento e atualização para professores de 5ª a 8ª série do 1º grau, realizado na Universidade Federal do Piauí. O curso foi de 16 de janeiro de 1978 a 03 de fevereiro do mesmo ano. O curso foi de 120 horas/aulas na área de educação física.

¹²⁹ SOUSA, Ana Maria de. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

Foto 34: Certificado de atualização para professores de Ana Maria de Sousa.



Fonte: Acervo particular de Ana Maria de Sousa.

Ana Maria de Sousa, ao mesmo tempo em que se especializava na Escola Normal Oficial de Picos, resolveu abranger seus conhecimentos nas áreas contábeis e iniciou um curso de técnico em contabilidade na mesma cidade em que residia. Diplomou-se em 06 de setembro de 1978, com o título de Técnico em Contabilidade.

A colaboradora também não se limitou aos espaços somente de Picos-PI ou do próprio estado. Também procurou aperfeiçoamento em outros estados do Brasil. Como exemplo, foi ao Rio Grande do Norte compartilhar experiências e buscar melhorias e aperfeiçoamento no seu currículo. Lá, ela participou do XVI Congresso Nacional de Professores, organizado pela Confederação de Professores do Brasil (CPB) juntamente com a Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN). O congresso ocorreu do dia 20 ao dia 25 de janeiro de 1983.

Foto 35: Certificado do XVI Congresso Nacional de Professores de Ana Maria de Sousa.



Fonte: Acervo particular de Ana Maria de Sousa

Ana Maria, no final da década de 1970, presta vestibular para o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí, sendo ela aprovada com êxito. Nesta narrativa, aparentemente parece tranquilo seu percurso, mas dos seus depoimentos consta que para se formar houve algumas dificuldades, uma delas a locomoção, pois o campus universitário, ainda muito precário, funcionava no bairro COHAB (Conjunto Habitacional Petrônio Portela) distante de onde ela morava, cerca de dez km de distância de sua casa. Observe a seguinte narrativa quando indagada sobre algumas dificuldades passadas no seu processo de formação:

Foi muito difícil. Veja bem, começando pela locomoção, porque não tinha coletivo (em relação a ônibus de passageiros) na época tinha Kombi, e era insuficiente, íamos muito de carona, eu vinha muito a pé, debaixo de chuva, vim muito de lá até a cidade de pé, eu e um grupo, porque tinha dias que as caronas eram insuficientes e que não tinha kombi, as kombis por serem velhas tinha dias que elas davam o prego e acabou-se.¹³⁰

Num cenário de dificuldades, esta estudante, que para se formar, segundo seus relatos, estudou mais de seis anos. Durante esse tempo, locomovendo-se em transportes precários, velhos, indo e voltando de carona e o mais interessante, a pé, debaixo de chuva, certamente também do sol, que faz da região ser uma das mais quentes no Piauí, mas isso não a deixou

¹³⁰SOUSA, Ana Maria de. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2013.

abatida. Ana Maria conseguiu se formar na primeira turma de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – Campus Picos.

Foto 36: Diploma de Licenciatura Plena em Pedagogia de Ana Maria de Sousa.



Fonte: Acervo particular de Ana Maria de Sousa.

Mas as dificuldades não paravam na locomoção. Vamos lembrar por qual motivo ela resolveu ficar em Picos, após seu retorno do Rio de Janeiro, sim, a dificuldade, a pobreza em que se encontrava sua mãe e irmãos. Então Ana Maria também tinha que ajudar em casa, cuidar da família, e ela o faz. Observe a seguinte citação:

Tinha dificuldade por ser mulher, ser pobre, eu tinha que trabalhar para sobreviver, eu era arrimo de família, eu tinha que trabalhar para sustentar a casa, e tinha que estudar, e tinha que dar conta do recado, e tinha que me formar, e sempre tinha, e tinha, e tinha e nesse tinha eu cheguei no final do meu curso de pedagogia.¹³¹

Nesse momento, mesmo com muitas dificuldades, tendo que tomar a dianteira do sustento de sua família, percebemos que não há uma figura masculina como de costume, mas sim a mulher que toma a dianteira do sustento da casa, dos irmãos, da mãe. Observou-se nesse momento a satisfação na sua declaração, quando ela nos diz que tinha que “dar conta do

¹³¹ SOUSA, 2017.

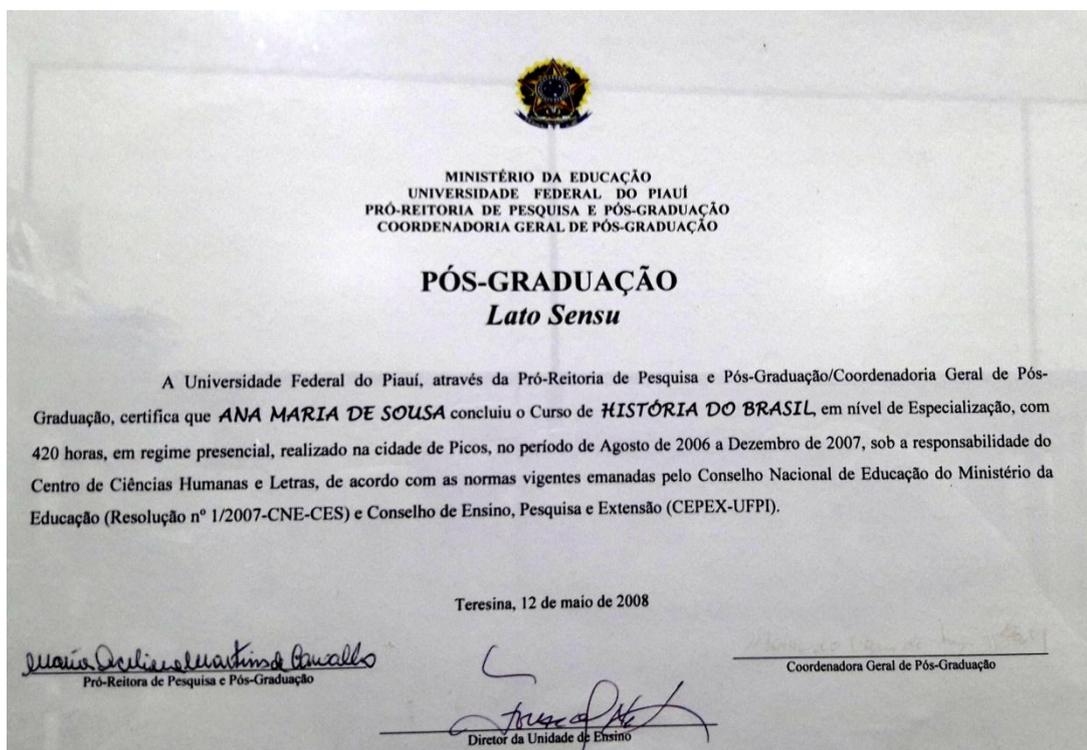
recado, e tinha que me formar, e sempre tinha, e tinha, e tinha e nesse tinha eu cheguei no final do meu curso de pedagogia”. Sonho realizado de se formar, Ana Maria de Sousa, a menina pobre, negra, criada sem pai, e com todas as dificuldades possíveis e imagináveis, consegue seu diploma de pedagoga.

Ana Maria trabalhou muito dando aula em várias escolas, e dentre as disciplinas que ela ministrava, estava a disciplina de História. Com isso, ela se interessou pela área e fez uma pós-graduação em História do Brasil. A mulher criada sem sequer ter tido condições de ter uma boneca, como foi narrado em páginas anteriores, agora está se pós-graduando em História. Segue sua preleção sobre o acontecido:

Eu fiz história, por que eu sou apaixonada por história, inclusive eu fui professora de história na década de 1980, me apaixonei por história, aí fiz uma pós-graduação em história, não parei mais, de lá pra cá sempre que posso vou participando dos eventos, de grupos de estudos, enfim.¹³²

Sua pós-graduação foi feita na Universidade Federal do Piauí, na cidade de Picos, no período de agosto de 2006 a dezembro de 2007.

Foto 37: Certificado de Pós-Graduação em História do Brasil de Ana Maria de Sousa.



Fonte: Acervo particular de Ana Maria de Sousa.

¹³² SOUSA, 2017.

Temos, nesta personagem, uma vontade, um objetivo, uma garra de superar as dificuldades por meio dos estudos, da profissionalização. Sua juventude foi marcada pelos estudos e pelo trabalho, para ajudar a família.

Em relação ao trabalho, ela trabalhou muito, em incontáveis escolas. Trabalhou como coordenadora e professora por muito tempo, ganhava experiência a cada passo que dava, a cada sala em que entrava, a cada aluno que educava, a cada sonho que ajudava a realizar, sabendo ela que, ao auxiliar na construção do sonho de alguém, estava se completando, pois fazia com prazer, fazia porque gostava, para se superar a cada dia que se passava.

Na memória, Ana Maria encontrou-se assim, sobre esse momento especial de sua vida:

Veja bem, eu sempre fiz o que quis, e bem feito, modéstia à parte. Trabalhei na rede estadual, tanto no Marcos Parente quanto no Vidal [Escola Vidal de Freitas]. Fui professora no Francisco Santos,¹³³ Coronel Francisco Santos, fui coordenadora aqui no Urbano Eulálio, no ensino supletivo lá no Hélio Leitão, lá no Bairro Junco, no Petrônio Portela e fui de sala de aula também, com história, com biologia, fui professora de biologia. Naquela época o professor fazia tudo, e isso me realizava. Tudo que eu fiz foi com prazer, porque eu queria fazer bem feito. Veja bem! Além de querer ser uma boa professora, eu queria ser a melhor, por quê? Porque eu era pobre, eu era preta, então eu só podia ser professora, então eu fui ser professora com prazer, com muita satisfação, e por isso eu procurava estar entre os melhores professores, e era apontada quando eu passava pela boa professora, ótima professora, era assim que falavam.¹³⁴

No transcrito acima, percebemos a diversidade de escolas, de trabalho que Ana Maria desenvolveu, e segundo ela sempre com prazer, com amor, sempre com vontade. Mas por que essa vontade toda? Ela nos dá a resposta na afirmação de que era pobre, preta, e só podia ser professora, atividade que exerceu com prazer. A educação se tornava o passaporte para a superação.

Quando ela diz que só podia ser professora, mostra-nos que era a profissão de maior facilidade ao acesso para a mulher, era a profissão de melhor aceitação pela sociedade para a mulher até então, no Brasil. Como vimos em capítulos anteriores, a partir das primeiras décadas do século XX, há uma expansão da feminização do magistério no Brasil. Com isso, Ana Maria vê que a profissão de professora era a possível para era galgar melhorias em sua vida.

¹³³ Nascido na fazenda Jenipapeiro (atual cidade de Francisco Santos) em 20 de outubro de 1882, filho do coronel Simplício Pereira dos Santos e Antonia Maria da Encarnação. Foi 1º suplente de juiz distrital de Picos em 1910, 1º suplente substituto de juiz federal de Picos em 1927, Prefeito municipal de 1918 a 1928. Deputado estadual em 1930. Faleceu em 18 de agosto de 1951. Cf.: SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2005. p. 25.

¹³⁴ SOUSA, 2017.

Fez cursos, aperfeiçoamentos e chegou à universidade. É fato que, nas décadas de 1970 e 1980 já se tornava mais fácil o acesso ao ensino universitário. Não foi necessário nossa colaboradora sair de sua cidade para formar-se; pelo menos, o obstáculo de se deslocar para outros estados para cursar uma universidade foi vencido.

Sobre esse assunto, Maria Izilda Matos e Adrea Borelli afirmam que:

A expansão do ensino médio e universitário possibilitou a ampliação da escolaridade feminina em diferentes níveis e áreas do conhecimento. Entre 1970-1975, por exemplo, o número de mulheres nas universidades aumentou em cinco vezes, enquanto o de homens dobrou. Avanço da escolaridade entre as mulheres se aplicou nas décadas seguintes e gerou impacto no mercado de trabalho, tornando-as economicamente mais competitivas e capazes de enfrentar resistências e preconceitos e aumentar sua presença em setores até então impermeáveis ao feminino.¹³⁵

Justamente com maior competitividade, lutando contra o preconceito Ana Maria de Sousa vai ganhando espaço na sociedade picoense, desvencilhando-se das amarras preconceituosas e minimizantes do espaço feminino em Picos, abrindo novos caminhos para o entendimento de qual papel a mulher teria dentro desta sociedade, se seria um relegado às tradições ou ela própria poderia fazer seu destino. Mesmo aparecendo no seu depoimento anterior que só poderia ser professora, mostrando uma concepção e até aceite masculino de tal prática, Ana Maria de Sousa rompe com essa concepção, galgando maiores passos além da atuação docente.

Maria Oneide Fialho Rocha demonstra, na sua história de formação profissional, que era possível dar continuidade aos estudos e conseguir ir a mais que terminar o ginásio. Em março de 1965, iniciou um curso de relações humanas, aritmética, ciências e linguagens, curso oferecido pelo Centro de Treinamento Educacional do Crato (CETREC). Oneide Rocha buscava um aperfeiçoamento profissional. No curso, ela obteve aproveitamento e era mais uma passo dado para sua profissionalização. O curso iniciou em 19 de março de 1965 e teve término em 15 de novembro de 1965. Nesse momento, Oneide Rocha também paga disciplinas de como trabalhar em grupo e como dirigir reuniões, que foram muito bem aproveitadas pela mesma.

¹³⁵ MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Adrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 145.

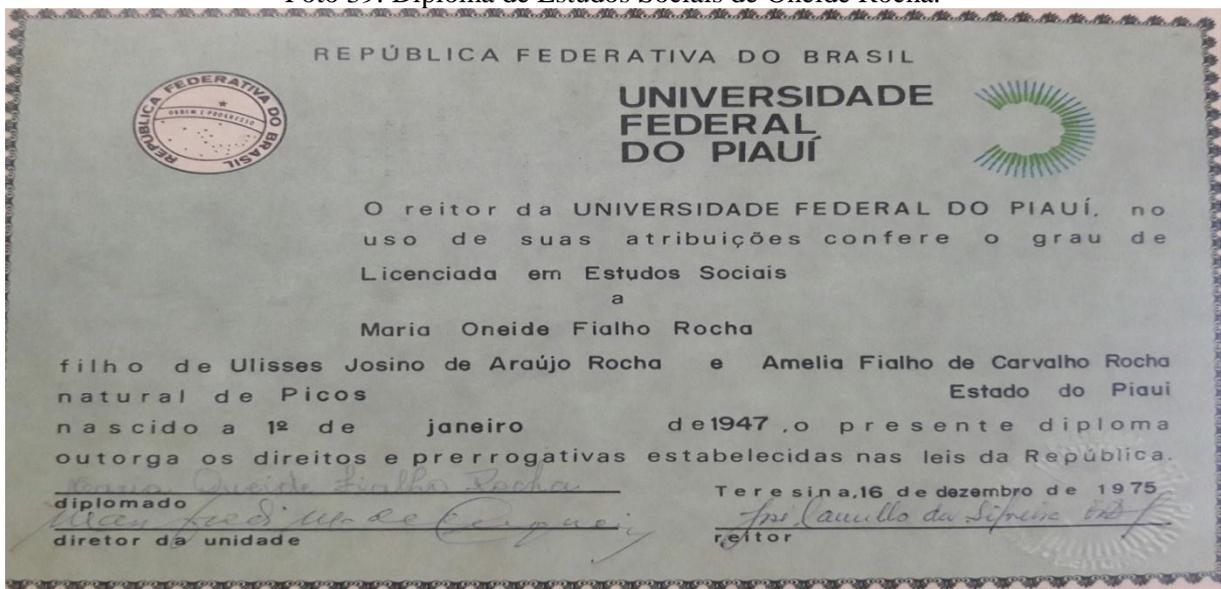
Foto 38: Certificado de frequência de Oneide Rocha.



Fonte: Acervo pessoal de Oneide Rocha.

Em 1975, Oneide Rocha buscou um novo aprendizado e também devido a mudanças no sistema de ensino, a professora procura a Universidade Federal do Piauí e licencia-se em Estudos Sociais. Abordava-se, na década de 1970, nos Estudos Sociais, elementos ligados à aprendizagem de História, Geografia e Ciências Sociais, como aspectos sociológicos e antropológicos. A colaboradora, também com êxito, consegue terminar o curso, licenciando-se em Estudos Sociais.

Foto 39: Diploma de Estudos Sociais de Oneide Rocha.



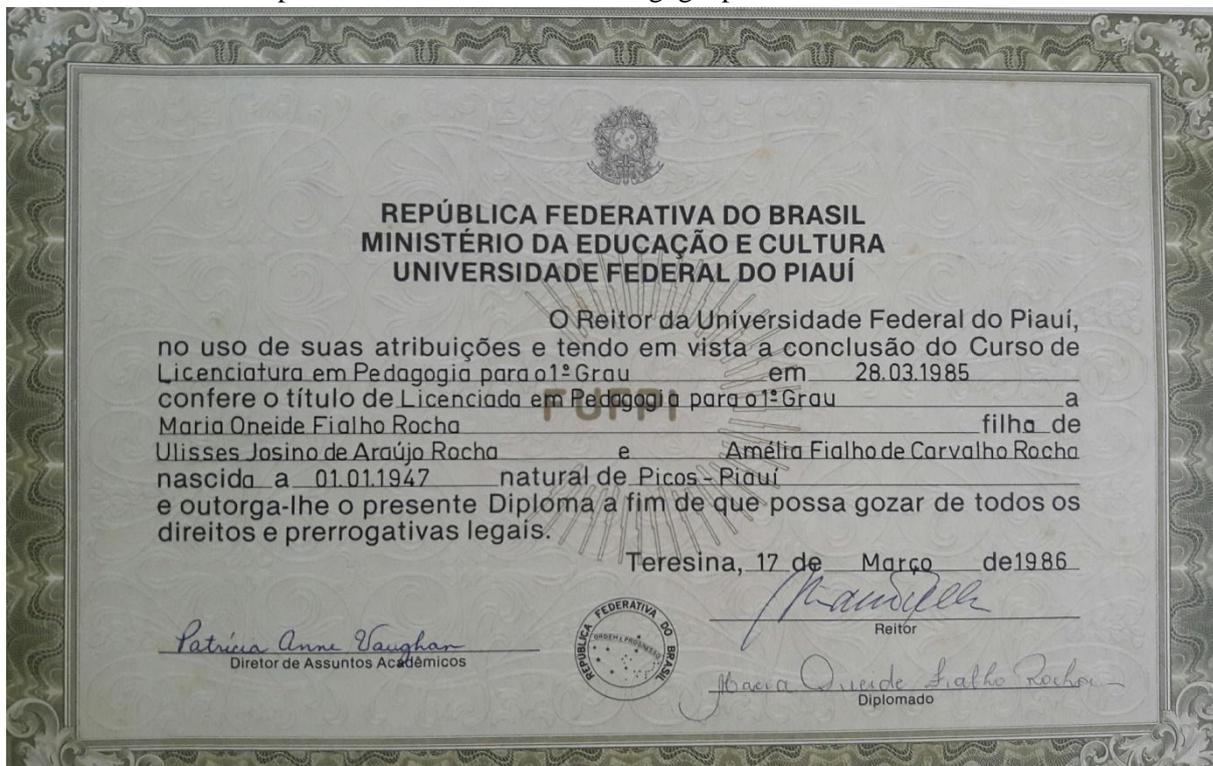
Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha.

No ano de 1985, complementando seu currículo, veio, com muita estima, a conquista do curso superior na Universidade Federal do Piauí: Oneide Rocha diplomava-se em Licenciada em Pedagogia, área de fundamental importância para a construção, organização e desenvolvimento dos saberes. Nas palavras de Oneide Rocha:

Participei da primeira turma de pedagogia do campus de Picos, ainda funcionando na Unidade Escolar Dirceu Arco Verde na COHAB [bairro de Picos] Aí fiz especialização na UFPI e fiz mestrado; com sessenta e um anos eu estava entrando, cursando meu mestrado, estava apresentando meu projeto de mestrado numa parceria da Universidade Federal do Pernambuco.¹³⁶

No seu relato, informa que participou da primeira turma de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. Formou-se em Pedagogia, e não parou por aí: com superação que se admira, aos sessenta e um anos de idade, iniciou seu mestrado na área de Serviço Social. Oneide Rocha é exemplo de determinação, persistência, perseverança, não se deixou se abater pelas dificuldades, sejam lá quais foram estas, nossa personagem trilhou um caminho, e através da educação conseguiu conquistar seus objetivos.

Foto 40: Diploma de Licenciatura em Pedagogia para 1º Grau de Oneide Rocha.



Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha

¹³⁶ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

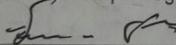
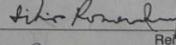
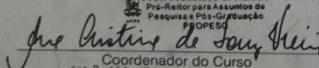
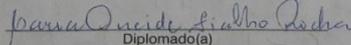
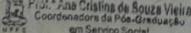
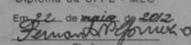
Foto 41: Assinatura do Livro, 1985.



Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha.

Ainda sobre a personalidade Oneide Rocha, ela fez seu mestrado em parceria com a Universidade Federal do Pernambuco, juntamente com a Faculdade R. Sá (Instituto Superior Raimundo Sá) localizada na cidade de Picos. Em 14 de Dezembro de 2011, Maria Oneide Fialho Rocha adquire a titulação de Mestre na área do Serviço Social.

Foto 42: Diploma de Título de Mestre de Oneide Rocha.

República Federativa do Brasil		Ministério da Educação	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO			
O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso de suas atribuições, tendo em vista			
a conclusão do Curso de	SERVIÇO SOCIAL		
no	1°	semestre do ano de	2011
		e colação de grau a	14 / 12 / 2011
confere o título de	MESTRE		
a	MARIA ONEIDE FIALHO ROCHA		
cédula de identidade nº	81.304	órgão expedidor	SSP-PI
natural de	PIAUI	nascido(a) a	01 de JANEIRO de 1947
nacionalidade	BRASILEIRA	outorgando-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.	
 Prof. Francisco S. Ramos Pró-Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação UFPE		Recife(PE), 23 de FEVEREIRO de 2012  Reitor Prof. Silvio Romero de Barros Marques	
 Prof. Antônia de Souza Vieira Coordenadora do Curso Pós-Graduação em Serviço Social UFPE		 Maria Oneide Fialho Rocha Diplomado(a)	
 Prof. Cristiane de Souza Vianna Coordenadora da Pós-Graduação em Serviço Social UFPE		 Chefe	

Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha.

Helena Maria da Silva Araújo, professora leiga, posteriormente por curso de admissão assume turmas no município de Picos, participa do MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização, também ao longo de sua vida procura fazer seus cursos de reciclagem, aproveitando principalmente o Projeto Rondon, que foi desenvolvido na cidade de Picos.

O projeto Rondon se constituía, segundo Cleane Sousa:

O Projeto Rondon foi criado durante a ditadura militar no ano de 1967 e ficou em atividade até 1989. Esse projeto consistia em enviar universitários voluntários para as regiões mais carentes do Brasil, a fim de prestarem assistência a comunidade. Durante este período foram envolvidos mais de 350 mil acadêmicos e docentes de instituições de Ensino Superior de todas as regiões do país.¹³⁷

Helena Araújo participou durante o período de 02 a 18 de julho de 1973, perfazendo no curso um total de 80 horas de curso de reciclagem para professores do 1º grau. Na imagem abaixo a professora Helena Araújo com o certificado do Projeto Rondon.

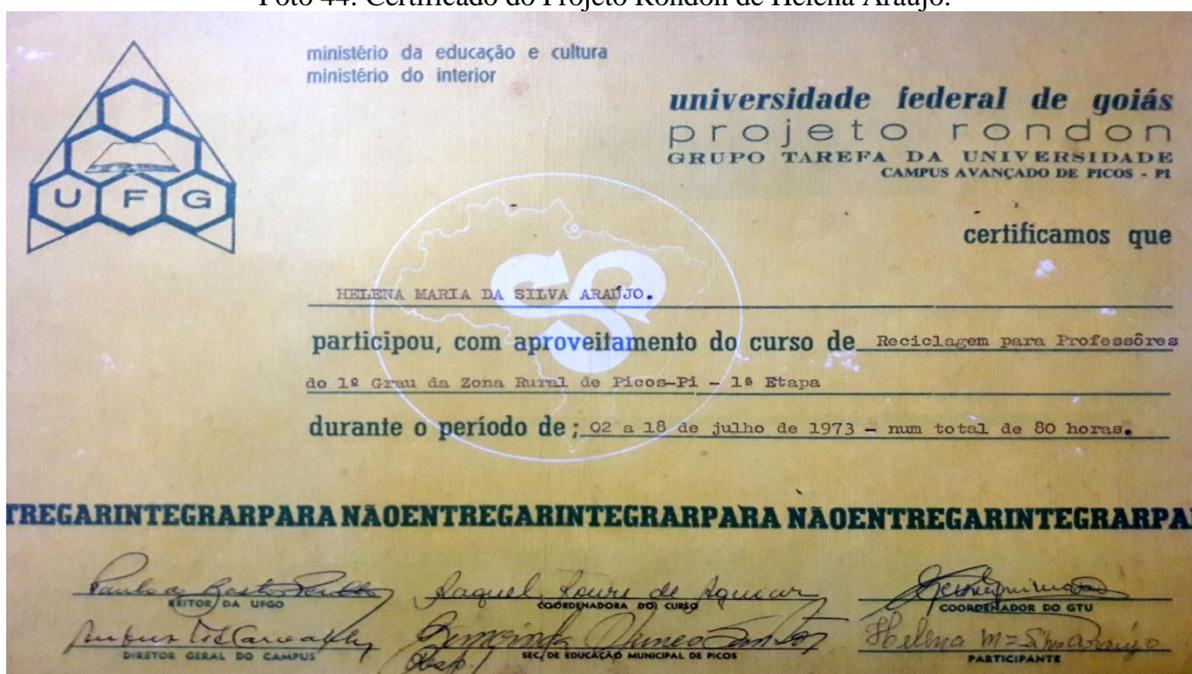
¹³⁷ SOUSA, Cleane Alves. *Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983*. 2013. 70 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013. p. 10.

Foto 43: Professora Helena Araújo.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Foto 44: Certificado do Projeto Rondon de Helena Araújo.



Fonte: Acervo particular de Helena Araújo.

Olivia Rufino da Silva Borges também chegou a participar dos cursos oferecidos pelo projeto Rondon. Abaixo o certificado da professora Olivia Rufino do ano de 1977. Este de basquetebol e recreação.

Foto 45: Certificado do Projeto Rondon de Olívia Rufino.



Fonte: Acervo pessoal de Olivia Rufino.

É importante salientar que nossas personagens buscaram melhorias intelectuais, perseveraram atrás de cursos e especializações que as mantivessem atualizadas dentro de suas áreas. É por meio da melhoria de qualidade de seus estudos e profissões, que a história de vida delas tornou-se um objeto de estudo importante. Através dessas análises, podemos ver que, mesmo em meio a dificuldades estruturais, econômicas por muitas vezes, e de locomoção, não foram obstáculos que as prenderam num estatismo social, não as engessaram num lugar sem possibilidades de crescimento intelectual e humano. As dificuldades as tornaram mais fortes, determinadas.

Analisando este momento do texto, podemos observar que foi possível conquistar níveis de escolaridade tão antes só imaginados em sonhos, desejados por muitas mulheres e conquistados por poucas. As mulheres aqui citadas foram e são pessoas determinantes na sociedade picoense; são vistas como exemplo de resistência, de perseverança e vida. Muitos estudantes, assim como o autor deste texto, inspiram-se nas histórias dessas mulheres para

prosseguir com fé e sabedoria um caminho trilhado com dificuldade, mas certamente gratificante, que é o caminho do ensino, do magistério, da sala de aula.

3.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

No Brasil, a inserção da mulher no mercado de trabalho ocorreu de forma lenta e gradual, advinda de muitas lutas feministas, tanto para o acesso à educação, quanto para o ingresso no trabalho e igualdade salarial. Uma das formas é ocupando os locais de trabalho permitidos e aproveitando a oportunidade de, dentro desses lugares, resistirem contra a força masculina nos setores trabalhistas. No nosso caso, os locais ocupados foram as escolas.

O Brasil, historicamente, tem um modelo patriarcalista e machista, onde o homem domina o espaço de provedor e, conseqüentemente, ocupa em grande maioria o espaço público do trabalho. Isto é uma herança cultural desde o período colonial, os modelos de senhores de engenho e fazendeiros de café. Todavia, com o advento da República e as constantes lutas feministas por uma maior participação política e social, alguns direitos serão ganhos, como ,por exemplo, o de votar, adquirido no período varguista. Sobre o advento da República no Brasil, Matos e Borelli escrevem:

O advento da república no Brasil foi marcado pela influência da doutrina positivista, que apregoava a transformação da sociedade pela educação. Nesse contexto, a ‘mulher’ ganhou certa valorização social por seu papel de ‘mãe’ e ‘educadora’: para que o cumprisse bem, era preciso estar preparada. Essa ideia ampliou as preocupações com a questão da educação formal de meninas e moças.¹³⁸

A doutrina positivista colaborou para uma maior preocupação em relação aos estudos educativos das mulheres, pois através da educação é que o Brasil galgaria melhores condições sociais. Com isso, percebeu-se que houve uma maior valorização do trabalho feminino, mesmo que tenha sido uma valorização sensível e quase imperceptível aos moldes masculinos.

É nesse parâmetro que foi observada uma preocupação dos familiares de nossas entrevistadas em relação à entrada destas no ciclo escolar. O pensamento positivo sobre a melhoria da escolaridade feminina seria de fato importante para construção destas em meio à sociedade picoense. Contudo, outros aspectos colaboraram para a mulher adentrar ao mercado de trabalho, como, por exemplo, na década de 1960, 1970 o aumento da industrialização e a falta de mão de obra suficiente para atender o mercado, a constante urbanização das cidades, o

¹³⁸ MATOS; BORELLI, 2013, p. 136.

surgimento de fábricas e o aumento de postos de trabalho liberais como enfermeiras, professoras, costureiras.

O trabalho feminino, mesmo na segunda metade do século XX, não era bem visto pelo gênero masculino, pois até o fato de se falar em trabalho feminino era confuso, muitas vezes se associando aos trabalhos domésticos (ações “naturais” ao ser mulher), ainda segmentados no âmbito privado. Analisemos o que falam Matos e Borelli sobre o assunto:

O próprio termo é marcado pela polissemia: alguns confundem ‘trabalho feminino’ com as funções domésticas, os cuidados com a família e a casa; já outros entendem que ele envolve as atividades remuneradas realizadas no próprio domicílio e mesmo a participação das mulheres no mercado de trabalho. Neste último sentido, o trabalho chegou a ser questionado como elemento impeditivo das ‘funções naturais’ das mulheres, as de mãe e esposa.¹³⁹

Seguindo a análise, o próprio termo “trabalho feminino” toma variações, mas a maioria dessas variantes foram ligadas ao doméstico, ao cuidar da casa, dos filhos e do marido. Uma pequena parcela é que vai levar ao entendimento do que seria o trabalho remunerado e fora do âmbito familiar. A ida da mulher ao espaço público gera uma série de preconceitos e resistências, umas destas relutâncias se compreende na culpa imposta pelos setores masculinos à mulher por não conseguir manter suas atribuições “naturais” de mãe e esposa caso adentrasse ao mercado de trabalho.

Esse aspecto ocorreu na sociedade picoense, é tanto que Helena Araújo nos relata: “Meu marido achava que eu não daria conta de trabalhar e cuidar da família, e eu consegui, trabalhei muito, sofri muito, mas criei os filhos, trabalhando fora e dentro de casa”.¹⁴⁰

Houve base de sustentação teórica para culpabilizar a mulher pelo fim da família caso ingressasse no mercado de trabalho e secundarizasse o espaço doméstico, pensamento que se difundiu pelo século XX. Observe o que Margareth Rago afirma:

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade.¹⁴¹

¹³⁹ MATOS; BORELLI, 2013, p. 127.

¹⁴⁰ ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

¹⁴¹ RAGO, Margareth, Trabalho Feminino e Sexualidade In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 585.

Esses embates foram frequentes no cotidiano de nossas personagens, gerando conflitos no fazer-se mulher na época. E tanto que, de nossas entrevistadas, duas delas chegaram a casar e exercer profissões fora do espaço doméstico, Helena Araújo e Olívia Rufino. O pensamento sobre a mulher trabalhar ou estudar fora ser ruim para a família é um pensamento complexo de entender, pois não podemos encarar a mulher como única responsável pela família. Dessa forma, entendia Helena Araújo, nas palavras dela: “Eu saía e ele tinha que ficar cuidando dos meninos, tinha que fazer as coisas, para eu poder trabalhar”.¹⁴² Também é do cuidado do homem esposo cuidar dos filhos, neste trecho percebemos que a personagem trabalhara fora de casa, e sua renda não era complementar, a sua renda era a principal dentro de sua casa. Mesmo assim, sendo provedora principal do lar, Helena Araújo enfrentou alguns embates no âmbito familiar por causa do trabalho fora.

Um outro fator para as mulheres terem chegado ao espaço público foi a necessidade em algumas famílias de complementação da renda familiar, o homem não iria mais prover sozinho o sustento da família. É necessário esclarecer que esse aspecto de a mulher contribuir em casa era desejo de muitas, pois assim ganhariam certa autonomia nas decisões familiares. Quando não com os maridos, com os pais, muitas mulheres decidiram lutar por um espaço público e trabalhar para conseguirem autonomia em relação aos provedores, especificamente o pai. Dessa forma, as mulheres foram adentrando no espaço de trabalho brasileiro. Isso não significa dizer que a luta cessou, pois ainda ocorre uma série de resistência em relação à equiparação de salários e cargos, como também de direitos entre homens e mulheres:

Apesar do aumento da contribuição feminina para o orçamento da família e da constatação da chefia de domicílios encabeçada por mulheres, nos núcleos familiares, os cuidados dos filhos e encargos domésticos continuam majoritariamente sob responsabilidade das mulheres, sobrecarregando seu cotidiano envolto numa ‘dupla jornada’.¹⁴³

No quesito trabalho, o que esperar dessas mulheres, percebeu-se que não são mulheres incentivadas ao costumeiro trabalho doméstico de dona de casa, pois um diferencial elas já possuem, já que buscaram ao longo da sua vida uma profissionalização, não se limitaram ao espaço privado de casa. Desta vez a bela, recatada e do lar daria lugar à bela, um tanto recatada, do lar às vezes, mas, certamente, prioritariamente do público, pois nossas personagens chegaram ao espaço público como professoras, artistas, políticas, administradoras.

¹⁴² ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2011.

¹⁴³ MATOS; BORELLI, 2013, p. 146.

A entrada nos mercados de trabalho se deu principalmente pela expansão do ensino, o surgimento de turmas mistas, a ampliação do ensino secundário, as escolas normais, o ensino superior. Com isso, as mulheres tendem a objetivar carreiras profissionais antes não alcançáveis. Segundo Silvia Fávero Arend:

A transformação da grande maioria das escolas públicas e privadas brasileiras em mistas foi um dos importantes resultados do processo de modernização iniciado a partir dos anos 1960. Meninas e meninos, desde a tenra idade, passaram a dividir os bancos escolares, possibilitando, assim, que ambos os sexos tivessem trajetórias similares nos estudos. Já na década de 1960, as mulheres brasileiras dos setores médios levantavam a bandeira em prol de seu ingresso no mercado de trabalho qualificado. Assim, a conclusão do ensino secundário e a posterior entrada na universidade tornou-se o objetivo de uma grande quantidade de meninas.¹⁴⁴

Os objetivos, principalmente para as meninas das classes médias, estavam mudando, uma vez que estudar, profissionalizar-se, seguir uma carreira, conseguir uma profissão sonhada estava agora em suas metas. Não significa dizer que as moças estariam abolindo a possibilidade de um casamento, não. Este continuava sendo uma prática muito procurada pelas mulheres, só que agora com novas perspectivas. A nova mulher não seria só “dona de casa” ou talvez nem seria. A instituição do casamento passou e vem passando por uma série de modificações, o âmbito privado não é mais visto só como espaço feminino.

Nossas personagens nos apresentaram nesta pesquisa conflitos, embates, visto que algumas foram casadas, mas não largaram seus empregos, por conta do casamento ou dos filhos, prosseguiram em suas profissões, mas não foi nada fácil. Observe este trecho do depoimento da professora Helena Araújo: “É, uma vez ele me disse: ‘ou você larga esse emprego ou não vai dar certo, seu lugar é em casa cuidando dos filhos, ao invés de você cuidar dos meninos, vai é pra rua trabalhar’”.¹⁴⁵

Nesse depoimento fica claro o lugar de entendimento do esposo de Helena Araújo, Manoel José de Araújo. Ele via o espaço doméstico como sendo lugar da mulher, via o cuidar dos filhos em casa como algo superior ao trabalho fora de casa, ou podemos também imaginar que o fato de Helena Maria sair para a rua poderia afetar a sua masculinidade para a sociedade da época, em que o homem era o provedor e não a mulher. Não era de se esperar outra postura, pois foi criado numa família tradicional, agricultora, onde o sistema patriarcalista era dominante.

¹⁴⁴ AREND, Fávero Silvia. Trabalho escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 77.

¹⁴⁵ ARAÚJO, 2017.

Helena Araújo casou-se, assim como Olívia Rufino. Elas passaram por conflitos, por dificuldades, mas as duas, em alguns momentos de suas vidas, se impuseram e não deixaram de lado o sonho da autonomia financeira, objetivo que se tornou mais comum nas décadas de 1950, 60, 70 e 80 no Brasil. Segundo Arend, o casamento permanecia no horizonte. Porém a carreira profissional, que implicava autonomia financeira com relação ao pai e ao cônjuge, assumia cada vez maior importância entre as expectativas das meninas.¹⁴⁶

Corroborando as ideias de Arend, Olívia Rufino nos relata que queria casar: “Eu para mim, eu casava com aquele homem e não precisava mais de nada na vida”.¹⁴⁷ Entendemos que Olívia tinha uma concepção de que o casamento iria lhe dar tudo, mas ao longo do trabalho perceberemos que não foram só flores: “Mas acontece que amor não enche barriga”.¹⁴⁸ Com essa última declaração, é possível ter uma ideia do que está por vir ainda na trajetória de vida dessa mulher.

Um das profissões que despontavam como espaço feminino era a de professora, levando em consideração, historicamente, a profissão que mais se fez parecer com a maternidade, pois as primeiras mulheres seriam destinadas ao primário, onde as funções de mãe e professora se estreitam muito, mas não se pense que não houve críticas. A exemplo disso, observe-se a citação abaixo:

O processo não se dava, contudo, sem resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’ a educação das crianças.¹⁴⁹

Com críticas ou não, Oneide Rocha iniciou por este caminho, lecionou no ensino primário, mas não parou por aí, seguiu para o ensino secundário e conseguiu chegar ao ensino superior. É a esfera de ensino que ainda congrega menos profissionais femininas nas salas de aula. Na coleta de seu depoimento, ela narra:

Eu comecei a lecionar em Picos em março de 1966. Lecionei no Instituto Monsenhor Hipólito, lecionei na Unidade escolar Justino Luz, lecionei na Unidade Escolar Coelho Rodrigues, onde hoje é o Museu Ozildo Albano, no Colégio das Irmãs, lá era o primário e o ginásio, lecionei no Ginásio Estadual Marcos Parente, História do Brasil e História Geral, nas quatro

¹⁴⁶ AREND, 2013, p. 78.

¹⁴⁷ BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida à pesquisadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2013a.

¹⁴⁸ BORGES, 2013a.

¹⁴⁹ LOURO, Guacira Lopes. As mulheres em sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 449.

séries de Ginásio e no científico, e lecionei na Universidade Federal do Piauí durante dezoito anos.¹⁵⁰

Nossa entrevistada percorreu uma trajetória admirável, pois dedicou sua vida a sua profissão, lecionando em diversos níveis de educação, podendo contribuir com seu aprendizado e conseguindo compartilhá-lo com seus alunos.

Foto 46: Maria Oneide Fialho Rocha numa turma de 2ª série ginásial.



Fonte: Acervo particular de Oneide Rocha.

É comum a todas as nossas personagens o trabalho no viés educacional, Helena Maria da Silva Araújo também se inseriu neste ramo. Helena iniciou sua atuação antes de casar, porém não parou com sua profissão, como vimos acima no depoimento em que ela relata a pressão do marido para que ela saísse do trabalho e ficasse em casa cuidando dos filhos.

A professora Helena começou sua atuação como professora particular nos meses de férias. Como professora ambulante, saía de casa em casa, de fazenda em fazenda. Helena era contratada por mês. Sua prática de ensino foi constante com sua prática de aprendizado, pois ela estudava nos meses comuns ao curriculum escolar e nos períodos de férias, trabalhava alfabetizando principalmente as crianças, aquelas para as quais a dificuldade de acesso à escola era mais complexa. Helena Araújo nos relata:

¹⁵⁰ ROCHA, 2017.

Eu comecei a ministrar aulas ainda muito nova, com cerca de 13 anos de idade, não era pelo município, era particular. O pessoal do interior era muito carente, aí um amigo meu, Pedro, me convidou para ministrar aula no povoado do São João. Aí eu comecei, no interior era muito carente de professor, então todas as minhas férias eu ia trabalhar, era bom porque eu ganhava o meu dinheiro.¹⁵¹

Helena Araújo inicia sua prática como professora leiga, isso vai interferir diretamente na sua cidade, pois ela começa a dar aulas no lugar de sua irmã Edithe Silva. Com o passar dos anos, torna-se conhecida na cidade de Picos e com apenas 17 anos o prefeito da cidade Justino Rodrigues da Luz, a nomeia como professora oficial do município de Picos.

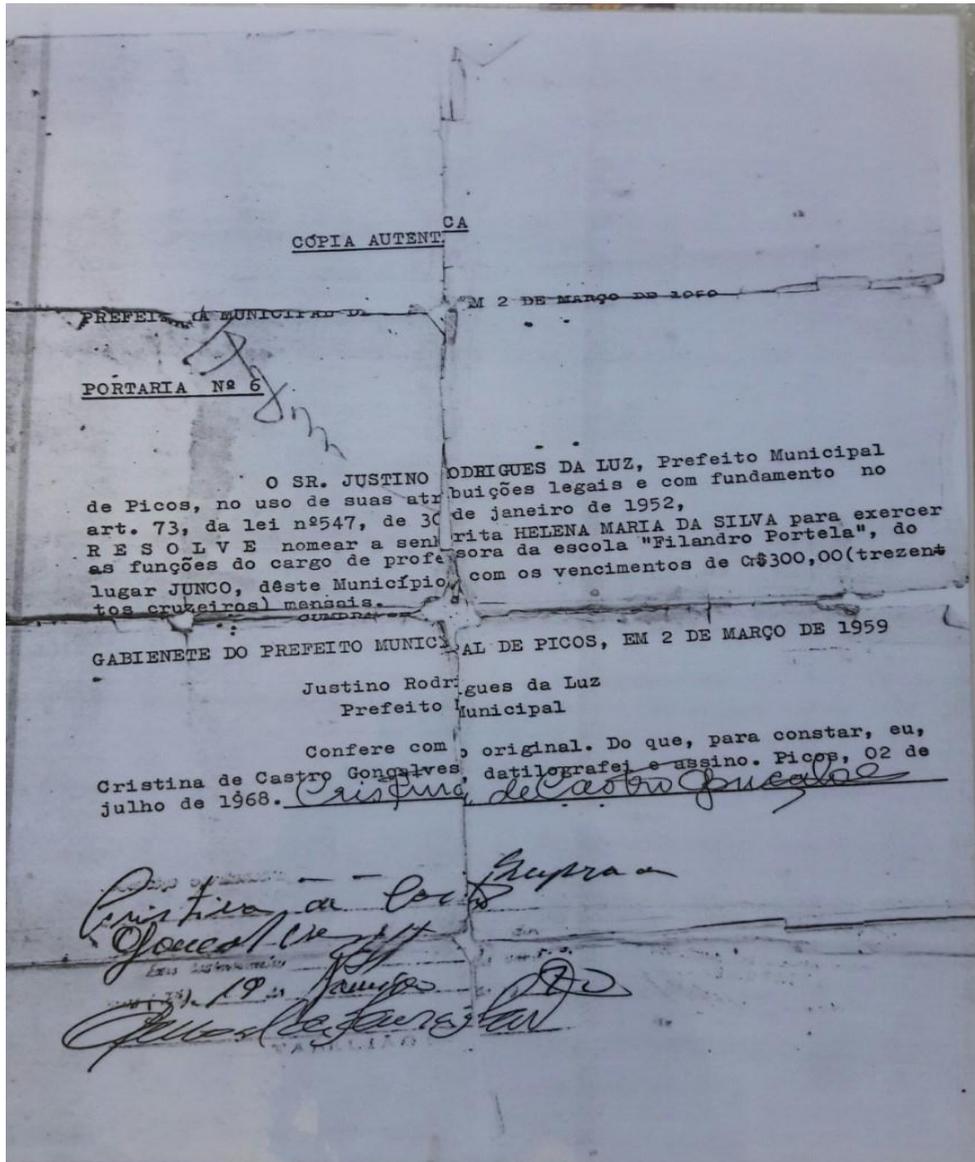
Baseado no artigo, 73 da lei N° 547, de 30 de janeiro de 1952, Helena Maria da Silva Araújo, em 2 de março de 1959, estava nomeada e apta para exercer o cargo de professora da Unidade Escolar Filandro Portela, no Bairro Junco, com o vencimento de 300,00 cruzeiros mensais.

É percorrendo esse caminho que a nossa sujeita histórica vai iniciar sua vida como professora, trabalhadora e batalhadora. A trajetória de vida de nossa personagem nos mostra uma mulher aguerrida, que enfrentou os desafios de ser mulher, laboriosa e ainda ser mãe, esposa e dona de casa.

Abaixo temos a cópia autêntica do termo de nomeação da professora Helena da Silva Araújo.

¹⁵¹ ARAÚJO, 2017.

Foto 47: Portaria da nomeação da professora Helena Maria da Silva Araújo.



Fonte: Acervo particular do autor.

O trabalho dessas mulheres foi importante não só no tempo de atuação delas, pois hoje elas servem como inspirações de indivíduos que não se acomodaram, não usaram como desculpas o local de nascimento, o sertão, ou a condição pobre, no caso de algumas entrevistadas, ou por serem mulheres. Utilizaram as dificuldades e obstáculos como trampolins para sua vida. Podemos perceber nesta seção uma parte do que foi o trabalho dessas mulheres em um dos vieses, a educação. Mais adiante nesta dissertação, entraremos em contato com outras formas de trabalho, que seguem na vida de nossas entrevistadas.

Ana Maria de Sousa também se inseriu nesse meio de trabalho, de conquistas, também professora, como já vimos na sua profissionalização, Ana Maria agora tinha em mente outro desafio: administrar, campo este muito resguardado aos homens.

No início dos anos de 1990, Ana Maria pensava em entrar em um novo desafio, pois já passara por muitos até conseguir se formar como professora, só que agora ela viria a iniciar um projeto de proprietária e administradora de uma escola. Como sabemos, cargos de administração de propriedade normalmente eram consagrados como espaços de homens, as mulheres pouco se arriscavam em entrar em um negócio que demandasse gerenciamento. Ana Maria de Sousa iniciou a construção de sua escola, e prestemos atenção nessa passagem a seguir em que Ana Maria dialoga com um homem que se encontrava embriagado no momento em que ela sonhava com o início da construção da escola:

O que vai funcionar aí?

Orgulhosa como nunca pude estar em toda a minha vida, olhando aquela faixa com os dizeres: Em breve neste local será a sua escola de segundo grau, respondi sem prolongar conversa:

- Uma escola de segundo grau.

- Quem é o dono? Insistiu ele.

- Eu mesma.

O bêbado ficou em silêncio, olhou-me durante alguns instantes, balançou a cabeça em negatividade e saiu cambaleante.

A princípio, não entendi a natureza cética daquele infeliz. Mas aquilo me pôs a refletir. Afinal de contas lembrei-me de quem eu era. Uma mulher, por cima de tudo negra, objetivando criar uma escola para os seus postigos e todos aqueles de uma geração limitada pela falta de oportunidades. Certamente enfrentaria grandes dificuldades.¹⁵²

Ao analisar essa passagem, podemos perceber as relações de gênero na prática, pois temos um diálogo entre um homem e uma mulher, e mesmo esse homem encontrando-se em estado ébrio, percebe-se a negatividade e o descrédito com que ele recebe a resposta de sua pergunta [quem é o dono?]. A essa indagação, certamente ele esperava uma resposta contendo alguém, alguém do gênero masculino. A expressão gestual de balançar a cabeça negativamente expressa o entendimento de que uma empresa, mesmo que no ramo da educação, não iria para frente, se esta não tivesse no comando uma pessoa do gênero masculino.

Além do mais, sobre a reflexão da professora Ana Maria [lembrei-me de quem eu era. Uma mulher, por cima de tudo, negra], possivelmente, ela já sentia a dificuldade de adentrar espaços historicamente masculinos. Na sua reflexão, enfatiza ainda a questão da cor, evidenciando que a sociedade em que estava inserida tinha concepções de que uma mulher negra não deveria “se meter” com coisas de homem.

É nesse contexto que a professora Ana Maria vai levantando o seu sonho de construir o Colégio São Lucas. Conforme Kássio Gomes e Ana Maria Sousa, o São Lucas foi um filho

¹⁵² GOMES, Kássio Fernando da Silva; SOUSA, Ana Maria de. *Colégio São Lucas: 20 anos na escalada da educação: crônicas e contos*. Teresina: Arte Gráfica Digital, 2011. p. 11.

premature que, a despeito de todas as dificuldades vingou no vale do Guaribas,¹⁵³ em pleno sertão piauiense.¹⁵⁴

Foto 48: Fachada do Colégio São Lucas.



Fonte: Acervo pessoal de Ana Maria de Sousa

No desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que o Brasil da metade final século XX recebeu forte herança de um pensamento dominante masculino, pois vemos a descrença sentida pela professora Ana Maria em relação a pensamentos negativos da sociedade sobre o projeto a que ela se propunha fazer. Comparou-se com o pensamento da primeira metade do século XX e percebeu-se que as mudanças ainda são superficiais, no sertão do Piauí. Nas palavras de Rachel Soihet:

Na verdade, havia na sociedade brasileira em geral, e entre autoridades e políticos em particular, forte oposição às reivindicações das mulheres. Respalhando tal oposição, a ciência da época considerava as mulheres, por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária.¹⁵⁵

De forma alguma se transplantou um pensamento de certo período de um século para outro, mas percebeu-se com essa citação que, mesmo após várias conquistas, como o direito ao voto, a liberdade de expressão, como o acesso ao ensino superior em igualdade com os homens, as mulheres ainda sofrem com o acesso aos espaços públicos.

¹⁵³ Acima é citado o vale do Guaribas, em relação ao rio que corta a cidade de Picos, nomeado de Rio Guaribas. Rio este que com suas águas ainda assegurava alguma renda para moradores da região.

¹⁵⁴ GOMES; SOUSA, 2011, p. 13.

¹⁵⁵ SOIHET, Rachel. A Conquista do Espaço Público In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 219.

Na análise da citação, pode-se chegar a um entendimento de que muitas coisas mudaram e conquistas foram adquiridas, mas há sensivelmente ainda na sociedade piauiense dos anos 90 a rejeição às mulheres quando concerne a ocuparem cargos ou exercerem atividades de domínio masculino.

Como Soihet expôs, no início do século XX, o lar era o local à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária, era justamente esse o pensamento ainda de grande parte dos homens na sociedade piauiense da segunda metade do século XX. Por esse motivo, o estranhamento do sujeito a receber a resposta de que o empreendimento visto por ele era de uma mulher.

Ana Maria de Sousa, naquela época, procurou com muito esforço se estabelecer fora de um número bem significativo de mulheres com baixa renda, pois, como diz Bebel Nepomuceno: “No final dos anos de 1980, num universo de quatro milhões de mulheres negras economicamente ativas, somente cerca de 1.700 ganhavam mais que 20 salários mínimos. Esse cenário de desigualdade persiste no século XXI”.¹⁵⁶

Ana Maria de Sousa, além de possuir um sonho de educadora na construção de sua escola, também era uma forma de melhorar de vida e ajudar sua família. Dessa forma, Ana Maria ia na contramão da sociedade em que estava inserida. Nesse período, muitas mulheres, e principalmente as negras, tinham que abandonar os estudos para ajudar em casa nos serviços domésticos ou em trabalhos de baixa remuneração para complementar a renda familiar. Ressalvemos o que a autora Nepomuceno diz a respeito do assunto:

A necessidade de trabalhar para garantir a sobrevivência da família quase sempre manteve as mulheres negras afastadas do universo escolar, dando-se o mesmo com seus filhos e filhas, ingressados precocemente no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, atuando em trabalhos remuneração.¹⁵⁷

Com muita destreza e garra, Sousa, já nas décadas de 1960 e 1970, saía dessa mão de abandonar os estudos e adentrava as suas formações, vendo que esse seria o caminho para romper com a infância pobre e desassistida economicamente:

O antigo primário, hoje ensino fundamental, foi realizado em duas escolas da rede pública. Todo o ensino de Ana Maria fora na rede pública. Inicialmente no Grupo Escolar Landri Sales. O Ginásial fora concluído no Colégio Estadual Marcos Parente, mas o sonho mesmo era chegar à Escola Normal Oficial de Picos, para ser professora e encher de graça toda a casa, contagiando a família. Paralela à formação de professora concluída em 1975,

¹⁵⁶ NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado In. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 395.

¹⁵⁷ NEPOMUCENO, 2013, p. 394.

cursava contabilidade no colégio comercial de Picos, precisava garantir-se pelos estudos, já que vinha de uma infância sem regalias.¹⁵⁸

Como podemos perceber, Ana Maria de Sousa, numa sociedade repleta de senso tradicional, com estigmas sociais, preconceitos não superados, com muito esforço vai aos poucos percorrendo o caminho da educação, como escolha para mudar sua realidade social, e com o pensamento de educadora em dar retorno à sociedade, as crianças, jovens e adultos por meio da educação, para que também pudesse ajudar a transformar a realidade de outros que precisam como ela um dia precisou.

Foto 49: Ana Maria de Sousa.



Fonte: Acervo particular de Ana Maria de Sousa.

É nessa conjuntura que a inserção do trabalho feminino na esfera pública foi modificando as percepções do que seriam as funções “naturais” dos gêneros masculino e feminino, até chegar-se aos questionamentos se realmente existe essa naturalidade, pois segundo Simone Beauvior, na sua obra *O Segundo Sexo*, ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Essa mulher não necessariamente torna-se uma “dona de casa, mãe e esposa”. Diante disso, Rago explicita que:

Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do

¹⁵⁸ GOMES; SOUSA, 2011, p. 6.

trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a 'rainha do lar' e o 'reizinho da família'.¹⁵⁹

A discussão sobre a saída da mulher para o trabalho no âmbito público ganha, a cada dia, mais defensores, como também inimigos. Mesmo em dias atuais, a mulher encontra dificuldades para exercer suas profissões de uma forma democrática em relação ao homem, pois grande parte ainda ocupa o mesmo cargo e ganham menos, ou são desviadas para funções consideradas de menor importância. Foram esses acontecimentos que deram força à luta feminina para uma real democratização de gêneros, combatendo as injustiças segregacionistas baseadas no biológico e em uma estrutura tradicionalmente dominada pelo masculino.

Sobre esse espaço público como domínio masculino, Rago escreve:

O espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes, enfermeiras, secretárias, ou seja, desempenhando as funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos.¹⁶⁰

Levando em consideração esse espaço moderno como domínio masculino e a resistência machista em democratizar as relações de gênero, é que os debates científicos, as manifestações nas ruas, os embates jurídicos e outras formas de luta feminina vão sendo constantes no dia a dia das sociedades, inclusive na sociedade picoense. A respeito desses problemas enfrentados atualmente, Rago enfatiza que:

Muitas mulheres, trabalhadoras e, especialmente, as feministas têm lutado nas últimas três décadas pela construção de uma esfera pública democrática. Elas querem afirmar a questão feminina e assegurar a conquista dos direitos que se referem à condição da mulher. Por isso mesmo, é importante que possamos estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente.¹⁶¹

Foi em busca dessa democratização que nossas colaboradoras adentraram a luta feminina na sua cidade. Mesmo que não tenham tomado projeção nacional, seus debates, suas atuações e a história de vida delas serviram de exemplo para outras mulheres continuarem a buscar a liberdade e autonomia feminina.

As mulheres aqui entrevistadas tomaram a educação como meio primordial para conseguirem entrar no espaço público, mesmo que esse meio, no caso delas, professoras, não chamasse a atenção como local de enriquecimento ou que pudesse dar uma supervalorização a

¹⁵⁹ RAGO, 2013, p. 588.

¹⁶⁰ RAGO, 2013, p. 603.

¹⁶¹ RAGO, 2013, p. 604.

essas mulheres, Mas foi através deste meio, atuando nas escolas e na comunidade, que elas iniciaram o processo de busca por um espaço dentro do âmbito público na cidade de Picos, aproximando-se assim das decisões sociais em seus meios e participando de forma mais presente onde em períodos anteriores das décadas de 50, 60 e 70 era de domínio masculino. De acordo com Carla Bassanezi:

A educação com vistas a um futuro profissional e, conseqüentemente, o investimento em uma carreira eram bem menos valorizados para as mulheres que para os homens devido à distinção social feita ente feminino e masculino no que dizia respeito a papéis e capacidades. Ao menos o acesso das mulheres à educação formal e às áreas de conhecimento antes reservadas aos homens diminuiu distâncias entre homens e mulheres.¹⁶²

A partir da análise feita do trecho acima, observa-se que a profissão de professora era tida como de menos importância, levando em consideração os papéis sociais de homens e mulheres, pois a mulher podia adentrar nesse meio, pois não iria necessitar de grande capacidade intelectual para desenvolvê-lo, isso segundo o pensamento masculino. A função de docente poderia ser “aceita”, já que esse posto e as mulheres eram tidos como inferiores aos cargos masculinos e aos homens.

A exemplo de trabalho e família, Helena Araújo trabalhava como professora, era casada e tinha cinco filhos. Analisada essa situação, percebemos que havia uma força de vontade de suprimir a ideia da mulher doméstica, caseira, que ficava em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Nas próprias palavras de Helena Araújo, percebemos que, quando perguntada sobre o porquê de mesmo com os cinco filhos, uma casa e um marido continuar a trabalhar, Helena Araújo responde:

Porque eu gostava da profissão, meu marido reclamava, para eu deixar aquele emprego, porque aquele emprego não tinha dinheiro, não tinha valor, era muito pouco que se ganhava e não dava pra nada e ele ocupado olhando os meninos dentro de casa. E eu disse para ele que eu não ia sair do trabalho, impus minha vontade, desafiei, e ele tinha medo de mim.¹⁶³

Nesse relato, ocorre um embate de gênero, o esposo reclama da profissão de sua mulher e acha ruim que ela trabalhe, desqualifica a sua profissão, e mesmo numa época marcada pelo domínio masculino, percebemos que a personagem desafia a ordem do marido de sair do emprego, e continua a trabalhar. Essas situações de embates de gênero serão recorrentes no decorrer da dissertação, é uma forma de mostrar que a sociedade feminina

¹⁶² PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 625.

¹⁶³ ARAÚJO, 2017.

picoense da metade do século XX em diante não estava estática. Havia, mesmo em âmbito familiar querelas, brigas, discussões e resistência feminina em relação à autoridade masculina.

Também foram analisadas, em algumas das sujeitas pesquisadas, suas atuações na política, tanto Oneide Rocha quanto Olívia Rufino foram vereadoras na cidade de Picos. A partir dessa informação, pesquisamos como se deram as relações entre essas mulheres e seus companheiros homens, como era a forma de atuação destas no dia a dia de embates políticos entre homens e mulheres.

É nessa perspectiva que se investigou a atuação da Olívia Rufino no teatro, que pretendia como na sua própria fala através do teatro: “A gente reunia na praça o que tinha que fazer, para mudar o sistema coronelista da nossa cidade, para aproximar um pouco a miséria dos grandes que eram poucos”.¹⁶⁴

Percebe-se que em sua fala ela cita a existência de um sistema coronelista, então uma das formas de combater esse sistema era o teatro. Olívia, juntamente com alguns amigos, iniciou alguns trabalhos que tinham como ideia reformular o pensamento das pessoas que viviam ainda sob uma pressão coronelista masculina de dominação social, e esta mulher com ajuda de outros iniciou no sertão piauiense um trabalho teatral que gerou muitos frutos.

Noiva já na época, também sofreu pressão do pretendente em uma das peças em que estava prestes a apresentar, pois nessa peça havia um beijo, e o seu noivo a proibiu de fazê-la. Percebe-se a autoridade masculina sobre o corpo feminino. Mesmo ainda não sendo o marido, o senhor Benjamim Pires a proibiu sumariamente de fazer a peça. Observemos na fala da personagem:

Tinha uma peça, tinha um beijo, eu era a mulher do esmolé, era sacana, no caso o papel mais difícil era o meu, já tinham me escolhido para ser essa personagem. Então foi aí que o meu noivo, cabo da polícia, acabou com a minha história de artista. Ele disse que eu não faria essa peça.¹⁶⁵

Nessa fala, fica claro que as relações de gênero se faziam presentes nas atividades femininas. Como podemos perceber, mesmo com uma altivez, uma objetividade, muita vontade de fazer a peça, Olívia Rufino não a fez por imposição masculina, esta que era comum na década de 1950.

Priorizaram-se nesse momento as falas das entrevistadas para que estas possam expressar como a educação, o trabalho, as artes, a política, a força de vontade transformaram suas vidas, como o ensino as modificou e estas puderam modificar seu meio social,

¹⁶⁴ BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida à pesquisadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

¹⁶⁵ BORGES, 2011.

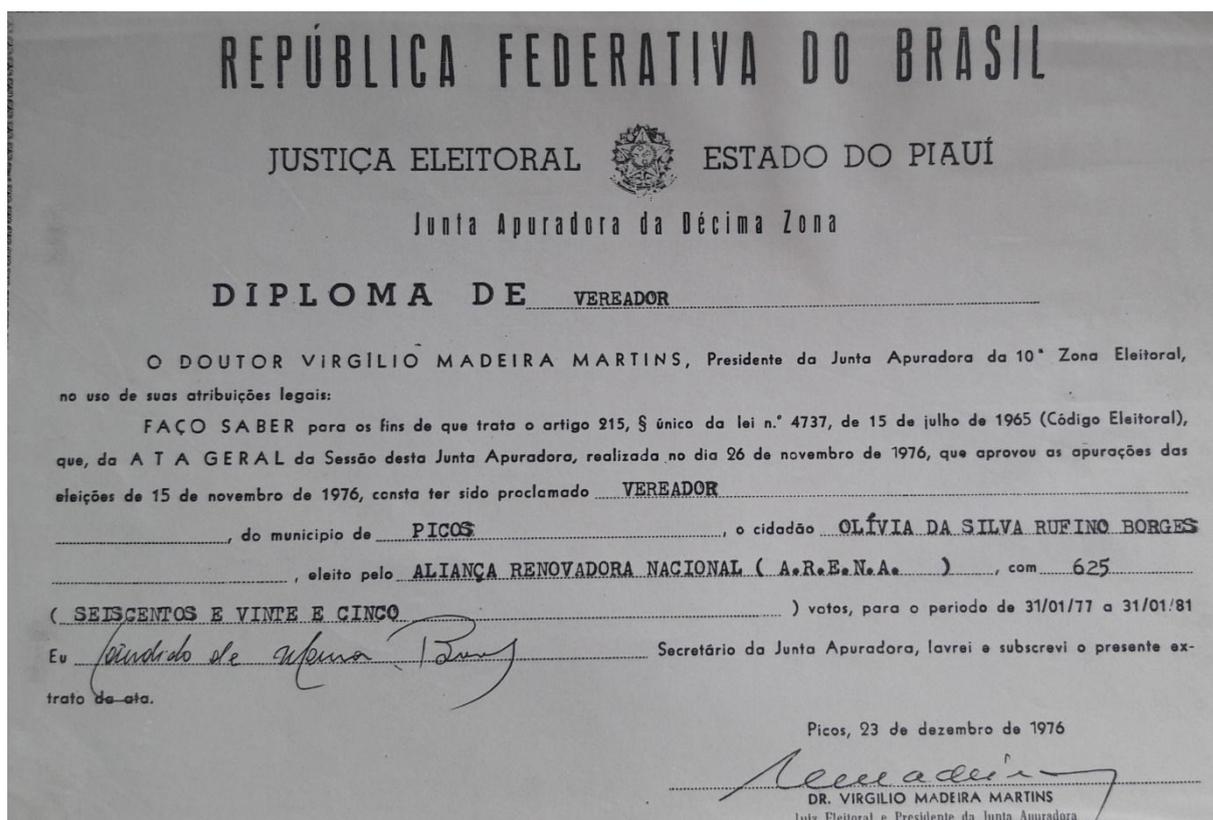
analisando como estas escolhas repercutiram na vida privada familiar, como esse caminho tomado por elas representa uma luta de gênero no interior do Piauí, bem como identificar como as relações de gênero foram modificadas ou não com esses exemplos de mulheres que tomaram a dianteira de sua vida no sertão piauiense.

Olívia Rufino, além de se adentrar no campo da educação, também foi para o lado da política, palco que também que resistiu, lutou pelo espaço feminino, nos palanques sempre ativa, positiva e séria. Segundo Olívia Rufino no campo da política:

Na luta política, falando alto e falando grosso na seção como eu lhe disse, eu não vejo aqui nenhum que seja mais homem do que eu, cansei de dizer isso lá e enfrentando tudo que era de problema que me aparecia, acho que ajudei as mulheres que estão hoje lá, a chegarem lá com maior facilidade, fui desbravando como quem diz assim é um caminho muito tortuoso, muito cheio de espinhos.¹⁶⁶

A política sempre marcada por debates, pressões, mas seguiu em frente, chegando a conquistar o cargo de vereadora por diversa vezes na cidade de Picos-PI.

Foto 50: Diploma de Vereadora de Olívia Rufino.



Fonte: Acervo pessoal de Olívia Rufino.

¹⁶⁶ BORGES, 2017.

Olivia Rufino, na década de 1980, era a única representante feminina na Câmara Legislativa da cidade de Picos, dado que mostra dois lados da moeda: um da luta, da resistência, de ocupar o espaço público, o outro que ainda era minoria, somente ela como vereadora de Picos, mulher.

Entre os anos de 1995 e 2001 quando o Governo do Estado estava sob administração do Governador Francisco de Assis Moraes Sousa, o Mão Santa, Olivia Rufino recebeu a mais alta comenda do estado do Piauí, a Ordem do Mérito Renascença, certamente uma grande conquista pessoal e inspiradora para outras mulheres seguirem em frente com seus objetivos, vencendo os obstáculos e ocupando os espaços.

Foto 51: Olívia Rufino recebendo a Ordem da Renascença do Piauí.



Fonte: Acervo pessoal de Olívia Rufino.

Nessa cerimônia, Olívia Rufino recebe a comenda das mãos da esposa do governador, Aldagisa Moraes Sousa.

Neste capítulo, foram abordados momentos profissionais das mulheres observadas, como também alguns conflitos familiares, conflitos esses motivados pela saída da mulher para o trabalho na esfera pública. Foi feita uma abordagem teórica sobre o gênero e suas

significâncias. Neste momento da escrita, observou-se o ganho gradual de autonomia das personagens, pois estas iniciam aos poucos o trabalho remunerado, passando a não precisar depender do sujeito masculino no quesito financeiro.

Abordamos em que tipo de sociedade essas mulheres estavam inseridas, sociedade permeada pelos ensinamentos cristãos, católicos, preceitos que interferiam significativamente para manutenção de uma ordem social tradicional, onde o papel da mulher se restringia ao lar e a poucos espaços de sociabilidades. Foi debatido sobre o percurso educacional pelo qual as entrevistadas passaram, como também algumas de suas experiências no magistério.

Na segunda parte do capítulo, foi vista uma abordagem teórica sobre o trabalho feminino em meados do século XX, no Brasil de forma geral, fazendo uma correspondência com a cidade de Picos. Também foi tratado da inserção da mulher no mercado de trabalho e suas dificuldades, além de mostrar a influência do pensamento positivista sobre educação no advento da República no Brasil e como isso interferiu na formação profissional e expansão do ensino das mulheres. Foi debatido sobre a questão da responsabilização da possível fragilização da família por causa da saída da mulher do espaço doméstico para a esfera pública, percebendo que uma camada da sociedade pedia para culpar a mulher de uma futura desagregação familiar, colocando-a como principal responsável pela manutenção da família tradicional, isso na tentativa de cercear a liberdade crescente feminina.

Adentrou-se na discussão sobre a busca da democratização do gênero, do acesso ao espaço público, como também a busca pela igualdade e oportunidade de trabalho em setores historicamente de domínio masculino. Por fim, do capítulo ressaltamos a relação das mulheres e a profissão de professora, como esta era vista por parte da sociedade levando em consideração a análise de papéis e capacidades de homens e mulheres definidas na sociedade machista que ainda vivemos, e como essa abertura da profissão para as mulheres serviu para aproximação dos gêneros no meio público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar a história de vida de algumas mulheres que tiveram em Picos uma trajetória ímpar. Analisamos suas vidas e suas atuações dentro do cenário picoense da década de 1940 aos anos de 2015, além de principalmente suas relações de sociabilidades e educação na cidade de Picos. Discutimos a questão da memória como algo primordial na pesquisa acadêmica, além das questões de tempo, espaço e narrativa, fatores imprescindíveis para a construção do trabalho histórico. De início foi feita uma discursão teórica sobre a metodologia e objetos utilizados na pesquisa, acreditando que a História Oral seria a nossa grande aliada na construção deste trabalho.

Dividimos a escrita em três capítulos. No primeiro, abordamos a infância das personagens, suas vivências, suas experiências, suas brincadeiras, convivências, Como a infância de nossas personagens foi decisiva para a construção da jovialidade delas, abordamos também suas entradas na vida escolar, como cada uma delas adentrou nos moldes educativos da cidade, quais caminhos trilhados nas primeiras escolas em que estudaram. Analisamos suas memórias mais profundas sobre a época de crianças, suas primeiras experiências no setor estudantil, seus lugares de memória, como era seu dia a dia, professoras que as marcaram, situações diversas que ocorreram com nossas entrevistadas.

No mesmo capítulo, ainda tratamos a influência de seus pais ou pessoas próximas para o incentivo à leitura, ao estudo, sendo este caminho uma forma de modificação do seus destinos, a educação como propulsora de um futuro melhor. Abordamos os lugares onde essas mulheres foram meninas, como locais que marcaram suas infâncias, como o rio Guaribas e a praça Felix Pacheco, locais esses bastante citados pelas participantes do trabalho.

No capítulo seguinte, avaliamos a juventude e a profissionalização das entrevistadas, jovens instigadas ao estudo, perseverando por seus cursos e aperfeiçoamentos, buscando uma melhoria no curriculum educacional, destacando-se nas atividades cidadinas, protestos, euforia da juventude, gisanianas, normalistas, futuras professoras, ou até já atuantes, conflitos sociais, namoros, casamentos, mudanças de cidade, vários aspectos que permearam a juventude de nossas personagens históricas. Além disso, mostramos a cidade de Picos como espaço de formação, momentos como o surgimento da Escola Normal, aumento da feminização do magistério, conseqüentemente maior presença nos espaços públicos da sociedade, resistência aos obstáculos surgidos diante dessas mulheres.

Adiante foi observada a prática da docência das entrevistadas, a feminilidade, a percepção de que o magistério lhes possibilitava certa autonomia social, financeira, do mesmo modo que trazia por vezes conflitos familiares. Foi abordada a importância da criação da Escola Normal como instituição formadora de professoras e como isso impactou na sociedade picoense de forma positiva, além disso, foi analisado o trabalho dessas mulheres na sala de aula, na política, suas idas e vindas nas relações sociais que permeavam suas vivências.

Por último, inferimos sobre elas já adultas, autônomas, as construções de suas profissões, suas contribuições sociais e suas conquistas.

Acreditamos que o trabalho escrito tem importância ímpar para podermos melhor entender as relações de sociabilidades e educação da cidade de Picos, no período estudado, além de enriquecer a historiografia local e regional, além do que contribui para inserir a história dessas personagens nos anais da História, pois sabemos como a história das mulheres foi negligenciada por muito tempo. É mais uma construção de resistência, para deixar claro que estas e outras mulheres estão participando efetivamente da construção social e que devemos inscrevê-las nas páginas da vida, pois é necessário que fiquem registrados os acontecimentos e atuações como diversos outros fatos historiográficos feitos por estas e outras mulheres.

É com espírito alegre que escrevo este trabalho, não pensando em registrar somente fatos, mas o mais importante: as emoções, os sentimentos, as alegrias, as tristezas, as dificuldades, os momentos vitoriosos dessas personagens. É com essas e diversas outras histórias de vida que os jardins da história vão florescendo. Devemos nós cuidar do crescimento e florescimento dessas histórias, tão importante para a vida pessoal do autor, como das personagens, como da comunidade acadêmica, pois fica uma obra que pode ser continuada, estudada e melhorada, abordando diversos aspectos aqui não abordados.

As sujeitas históricas Helena Maria da Silva, 83 anos, Olivia Rufino da Silva Borges, 84 anos; Maria Oneide Fialho Rocha, 71 anos; e Ana Maria de Sousa, 65 anos, foram fontes históricas humanas imprescindíveis para entendermos a história de suas vidas interligadas diretamente com suas profissões, principalmente o que as liga intensamente, o magistério. Está aqui neste trabalho uma pequenina parte da vida dessas mulheres que foi de fato importante para a formação social da cidade de Picos. Impressiona é que todas elas ainda estão em atividade, ou nos conselhos diários para os amigos mais próximos, ou escrevendo livros, poesias, administrando negócios, ou servindo ainda a sociedade, exercendo cargos públicos.

Picos, uma cidade ainda a ser muito explorada e investigada por seus futuros historiadores, aqui fica uma pequena contribuição histórica sobre a vida de quatro personagens importantes. Ouso dizer que a memória viva delas não será apagada com o tempo. Serão lembradas, serão estudadas e indicarão outros estudos, personalidades que embelezam a história desse pequeno núcleo urbano, Picos-PI. Não fiquemos por aqui, que os próximos a se interessarem pelos temas aqui abordados possam adentrar lembranças, memórias, escritos, que não deixem de ser responsáveis com a escrita da história, que preservemos e preservem as memórias da cidade, em especial, acredito eu, as memórias dos velhos, carregadas de tanta labuta, lutas, histórias surpreendentes que servem de inspiração para diversos outros. Sejamos não só historiadores, mas sejamos também bons ouvidos, que não deixemos o tortuoso tempo apagar, destruir, obscurecer as pessoas, desde as de grande participação pública e as de âmbito familiar, privado. Investiguemos, analisemos, vamos nos intrometer de fato nos acontecimentos, sempre levando conosco a responsabilidade da escrita, mas também a paixão pelo incrível mundo possível a ser descoberto em cada lembrança, em cada memória com que nos deparamos.

Sendo assim, acreditamos que conseguimos chegar ao objetivo da pesquisa, mesmo sabendo que esta ainda possui falhas, mas que seja um começo e não um fim para a história de pessoas que fizeram muito pela educação Picoense e muitas vezes não são reconhecidas da forma que merecem pelo que fizeram no passado.

Nesse sentido, esperamos que outros pesquisadores tenham interesse pelo assunto abordado e continuem a apresentar novas possibilidades de entendimento, levantando novos questionamentos e mostrando à sociedade novas visões de um período ainda pouco estudado na região de Picos.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2011.

ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2016.

ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

ARAÚJO, Helena Maria da Silva. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2018.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida à pesquisadora Cristiane Feitosa Pinheiro*. Picos-PI, 30 de abr de 2007.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida à pesquisadora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013a.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida ao pesquisador José Waldir de Sousa Junior*. Picos-PI, 2013b.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida a pesquisadora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

SOUSA, Ana Maria de. *Entrevista concedida ao pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves*. Picos-PI, 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Samairkon Silva de Oliveira. *Docência (re)inventada: História e Memória das professoras leigas na cidade de Picos no período de 1950 a 1980*. Picos, 2011.

ARAÚJO, Adálcio Carvalho de. Educação supletiva e ensino supletivo como política nacional: nas trilhas da história da Educação de Adultos – da Constituição de 1891 à Lei nº 5.692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Perspectivas em Políticas Públicas*, Belo Horizonte, n. 16, v. 8, p. 69-100, jul./dez. 2015.

AREND, Fávero Silvia. Trabalho escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

BEAUVIOR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Iricelma Borges de Carvalho. *O Mestre-Escola como preceptor particular da cultura letrada, em Itaberaí-Goiás, nas três primeiras décadas do século XX*. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2007.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Bagaço, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2002.

GOMES, Kássio Fernando da Silva; SOUSA, Ana Maria de. *Colégio São Lucas: 20 anos na escalada da educação: crônicas e contos*. Teresina: Arte Gráfica Digital, 2011.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. As mulheres em sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MATOS, Maria Izilda; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Cultura, corpo e educação: diálogos de gênero*. São Paulo/Teresina: Intermeios/ EDUFPI, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely F. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONARCHA, Carlos (Org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas: Autores Associados, 2001.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda. *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016.

PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

QUEIROZ, Teresinha. Mil mulheres em nós. In: CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

RAGO, Margareth, Trabalho Feminino e Sexualidade In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

REIS, Amada de Cássia Campos. *História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí*. Teresina: Expansão/EDUFPI, 2009.

RICOEUR, Paul. *Memória, História e esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2007.

RIOUX, Jean Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 39-50.

SANTANA, Dorival Aparecido de. *A escola como lugar de memórias e de identidades: um estudo a partir de escritos de alunos do ensino médio do Colégio E. N. S. de Lourdes – Londrina/PR.2013-2014*. 2016. 332 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOIHET, Rachel. A Conquista do Espaço Público In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

SOUSA, Jane Bezerra de. *Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos*. 2009. 236 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

SOUSA, Cleane Alves. *Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983*. 2013. 70 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, M. H. Camara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, Cynthia G. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.) *A infância e sua educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.) *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIGHI, Cátia Simone Becker. *Professores leigos em escolas rurais: trajetórias de vida profissional de um passado (re)visitado*. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

JORNAL E REVISTA

COMISSÃO. *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1944-1994.

HISTÓRICO. Fundação Instituto Monsenhor Hipólito. *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1994.

LEAL, David Ângelo. Alberto de Deus Nunes. *Jornal dos Bairros*, Picos, 16/30 abr. 2002, p. 4.

PROPOSTA educativa do Instituto Monsenhor Hipólito. *Revista Jubileu de Ouro*, Picos, 1944-1994.

ANEXO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga
 Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564 – Fone/Fax (86) 215-5560

E-mail: pesquisa@ufpi.br, pesquisa@ufpi.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: MULHERES E SOCIABILIDADES: História das mulheres e educação em Picos – Piauí (1940-2015)

Pesquisador responsável: Samairkon Silva de Oliveira Alves

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/Mestrado de História do Brasil

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (86) 994333528

Pesquisadores participantes:

Telefones para contato:

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser **esclarecido(a)** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.
- Você será entrevistado sobre algumas questões em torno de sua infância, juventude, da formação profissional, sobre seu processo de ensino aprendizagem, questões relacionadas a trabalho, convivência social, memórias, dificuldades na trajetória de vida, alegrias, tristezas, sendo questionados a *uma serie de relevantes indagações sobre sua vida profissional e pessoal.*
- Você poderá experimentar constrangimento ao responder algumas perguntas, ficando ao seu critério respondê-las ou não. Você ficará isento de qualquer despesa durante a realização da pesquisa.
- Você ajudará a preencher uma lacuna na história da educação picoense, uma vez que os trabalhos nesse sentido mesmo existindo alguns estudos a respeito, este trabalho aborda personagens diferentes com histórias de vidas singulares. O fruto desta pesquisa será resultado de um trabalho coletivo em que você e outros sujeitos históricos do recorte temporal proposto ajudarão a construir através de seus testemunhos de vida.
- Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.
- Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, se assim você achar necessário. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, representantes do patrocinador (quando presente) Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo).
- O tempo de sua participação na pesquisa durará no máximo em dois periodos de três horas para que as questões levantadas sejam respondidas. Caso haja necessidade de outro periodo, o mesmo será acordado entre o pesquisador e você. Você terá o direito de retirar o seu consentimento para a entrevista a qualquer tempo.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, João Queide Fialto Rêde RG: 91 304-559-17
 CPF: 039 538 563-81 abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui
 suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim,
 descrevendo o estudo: **MULHERES E SOCIABILIDADES: História das mulheres e educação em**
Picos -Piauí (1940-2015). Eu discuti com o pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves sobre a
 minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo,
 os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos
 permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo
 voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer
 momento, antes ou durante o mesmo.

Local e data

22/02/2018 Picos-PI

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:

João Queide Fialto Rêde**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar**

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: Ikaro de Fontes GóesRG: 50.208.861Assinatura: Ikaro de Fontes GóesNome: Cátia de Brito JureRG: 2.773.661Assinatura: Cátia de Brito Jure

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste
 sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Picos, Fevereiro de 2018.

Samairkon Silva de Oliveira (Ass)

Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
 Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
 Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
 tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, Cláudia da Silva Rufino Borges RG: 40588.567/PI
 CPF: 02374056368 abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: **MULHERES E SOCIABILIDADES: História das mulheres e educação em Picos - Piauí (1940-2015)**. Eu discuti com o pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo.

Local e data 02/02/2018

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: Cláudia da Silva Rufino Borges

Samairkon

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: Ikaro de Fontes Coês

RG: 50.208.861

Assinatura: Ikaro de Fontes Coês

Nome: Cilas de Brito Jurel

RG: 2.373.661

Assinatura: Cilas de Brito Jurel

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Picos, Fevereiro de 2018.

Samairkon Silva de Oliveira Alves

Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
 Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
 Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
 tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, Amalberia de Sousa, RG: 168.172
 CPF: 3057607-74 abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: **MULHERES E SOCIABILIDADES: História das mulheres e educação em Picos - Piauí (1940-2015)**. Eu discuti com o pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo.

Local e data Picos 02 de Fevereiro 2018
 Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: Amalberia de Sousa

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: Isaura de Fontes Góis
 RG: 50.202.861 Assinatura: Isaura de Fontes Góis
 Nome: Cátia de Brito Jesus
 RG: 2.373.662 Assinatura: Cátia de Brito Jesus

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Picos, Fevereiro de 2018.

Samairkon Silva de Oliveira Alves
 Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
 Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
 Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
 tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, Belena Maria Basilio da Silva RG: 536.773
 CPF: 22433533-12, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui
 suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim,
 descrevendo o estudo: **MULHERES E SOCIABILIDADES: História das mulheres e educação em**
Picos –Piauí (1940-2015). Eu discuti com o pesquisador Samairkon Silva de Oliveira Alves sobre a
 minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo,
 os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos
 permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. *Concordo*
 voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer
 momento, antes ou durante o mesmo.

Local e data 02/02/2018 Picos, PI
 Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____



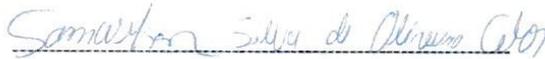
Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: Marcelo de Fontes Góis
 RG: 50.208.861 Assinatura: Marcelo de Fontes Góis
 Nome: Celso de Brito Junior
 RG: 2.373.662 Assinatura: Celso de Brito Junior

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste
 sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Picos, Fevereiro de 2018.



Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
 Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
 Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
 tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep